



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL – PPGMS
MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL

TAYENE MENDONÇA SANTOS

MEMÓRIAS QUE NARRAM: uma análise das performances narrativas e identitárias
da protagonista em “Americanah”

Rio de Janeiro

2023

TAYENE MENDONÇA SANTOS

MEMÓRIAS QUE NARRAM: uma análise das performances narrativas e identitárias da protagonista em “Americanah”

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social.

Área de concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social.

Linha de pesquisa: Memória e Linguagem.

Orientadora: Glenda Cristina Valim de Melo

Coorientador: Samuel Silva Rodrigues de Oliveira

Rio de Janeiro

2023

M533 Mendonça Santos, Tayene

Memórias que narram: uma análise das performances narrativas e identitárias da protagonista em Americanah / Tayene Mendonça Santos. -- Rio de Janeiro, 2023.

121

Orientadora: Glenda Cristina Valim de Melo.
Coorientador: Samuel Silva Rodrigues de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, 2023.

1. Raça. 2. Gênero. 3. Linguagem. 4. Memória. 5. Performance. I. Cristina Valim de Melo, Glenda, orient. II. Silva Rodrigues de Oliveira, Samuel, coorient. III. Título.

TAYENE MENDONÇA SANTOS

MEMÓRIAS QUE NARRAM: uma análise das performances narrativas e identitárias
da protagonista em “Americanah”

COMISSÃO JULGADORA DO PROGRAMA DE MESTRADO EM MEMÓRIA
SOCIAL

Presidente: Prof.^a Dr.^a Glenda Cristina de Valim Melo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Titular 1: Prof.^a Dr.^a Raquel Terezinha Rodrigues
Universidade Estadual do Centro-Oeste

Titular 2: Prof.^a Dr.^a Diana de Souza Pinto
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 19/06/2023

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Liane, que me ensinou a amar os livros,
e aos meus amores de quatro patas, Maggie e Oliver.

AGRADECIMENTOS

Me considero uma pessoa um tanto introspectiva, muito observadora e com certa dificuldade em expressar oralmente o que pensa e sente em determinadas situações. A palavra escrita, por outro lado, muitas vezes me serviu de apoio e de escape quando a necessidade de externar sentimentos gritava dentro de mim. O ano de 2020 foi um desses grandes momentos em que falar era urgente. Este ano, marcado pelo início de uma pandemia assustadora, foi cruel e difícil para muitos de nós. Para mim, esse foi também um tempo de cancelar alguns planos e sonhos que havia programado com todo cuidado e recomeçar. Mas... por onde?

Sou, dentre tantas outras coisas, uma professora. E, como professora, quando explico algo ou conto uma história, gosto de ter certeza de que fui compreendida por quem me ouve ou lê. Para mim, as metáforas são uma boa estratégia para atingir tal objetivo. Ao pensar nos agradecimentos e em tudo o que eu gostaria de dizer, me embaralhei. Decidi, então, apelar para uma metáfora.

Foram muitas as mãos que me seguraram e me trouxeram até aqui. De formas variadas, senti-me toda bagunçada e desmontada como um quebra-cabeças. Quando olhava à minha volta e só encontrava pedaços soltos de mim, me deparei com pessoas dispostas a me ajudar e a colocar as peças no lugar, cada uma à sua maneira.

Uma amiga querida, Naitan, pegou o pedacinho das habilidades acadêmicas e profissionais e me incentivou a fazer parte do Programa de Pós-Graduação em Memória Social. Em meio às inúmeras perguntas que eu fazia sobre a minha capacidade, a Sandra Helena recolheu o pedacinho da minha autoestima e autovalorização e me ajudou a perceber que eu poderia fazer muito mais do que eu imaginava.

Ao longo do processo seletivo, quando os fantasmas “Será que eu consigo?” e “Acho que não vai dar certo” me cercavam, Júlia e Vitor apareciam com o pedacinho da confiança, do riso e da alegria. Nos momentos em que o caos à minha volta me sufocava, a Ana Carolina e a Regina me escutavam, trazendo de volta o pedacinho da calma, do apoio e da presença, mesmo que virtualmente.

Pouco a pouco, o quebra-cabeças foi tomando forma novamente, mas faltavam algumas peças. Então a Dayanna e a Isabelle encontraram as peças de apoio e me

ofereceram encorajamento. A Letícia e o Márcio resgataram o pedacinho do cuidado e do carinho, enquanto a Gisele e a Thamires traziam leveza em forma conversas e risadas.

Com o quebra-cabeças quase pronto, conheci pessoas incríveis que me ajudaram a restaurar meu amor pela pesquisa e fizeram com que esta trajetória fosse mais interessante e acolhedora: agradeço à minha orientadora, Glenda, por todo o suporte e auxílio sempre que precisei e aos colegas que fiz no grupo de pesquisa PRINT.

Agradeço também ao meu pai, que me dá forças e encorajamento diante dos desafios que a vida propõe. Samuel, coorientador desta dissertação, que surgiu para enriquecer as discussões propostas nesta pesquisa: muito obrigada! Agradeço também à banca examinadora, as professoras Raquel e Diana, que trouxeram, em conversas anteriores e em minha qualificação, questionamentos e sugestões valiosas.

“Remontar-me” levou um tempo, doeu em diversos momentos e foi salpicado de altos e baixos. Mas, graças à ajuda dessas pessoas especiais e a Deus, que as colocou em minha vida, foi possível refazer-me, transformar-me e, enquanto isso, escrever esta dissertação. Dizer “obrigada” parece pouco. Não consigo pensar em uma metáfora que expresse o que sinto. Resolvi, então contar com a ajuda de alguém que manuseia as palavras e as transforma em arte:

Quem tem um amigo tem tudo

Se o poço devorar, ele busca no fundo

É tão 10, que junto todo o stress é miúdo

É um ponto pra escorar quando foi absurdo

Quem tem um amigo tem tudo

Se a bala come, mano, ele se põe de escudo

Pronto pro que vier, mesmo, a qualquer segundo

É um ombro pra chorar depois do fim do mundo.

(Quem tem um amigo tem tudo – Emicida).

Se é assim, tenho tudo mesmo.

RESUMO

Em contrapartida a discursos que alegam a não existência de racismo nos dias de hoje, debates e pesquisas sobre questões raciais continuam a ser desenvolvidos e seguem promovendo reflexões sobre o assunto. A fim de contribuir em tais pesquisas, neste trabalho, foram observadas de que formas as memórias narradas da protagonista do romance “Americanah”, escrito pela autora Chimamanda Ngozi Adichie, podem ser analisadas como performances de raça e de gênero. Para isso, alinhamos os conceitos de memória como uma constante construção propostos por Halbwachs (1968) aos pressupostos de linguagem como ação (AUSTIN, 2007; BUTLER, 2003), de indexicalidade (COLLINS, 2020) e de narrativa como performance (RIESSMAN, 2005). A partir de tais teorias, foram analisados excertos do romance em que há interação entre a protagonista, uma mulher negra nigeriana, e três namorados que ela teve ao longo de sua vida: Obinze, primeiro parceiro romântico de Ifemelu e também nigeriano; Curt, primeiro relacionamento interracial e de nacionalidade americana; e Blaine, professor universitário negro e americano politicamente engajado na luta antirracista. O objetivo desta pesquisa de cunho qualitativo, portanto, é observar as interações entre Ifemelu e Obinze, Curt e Blaine para investigar quais performances são indexadas a ela e, ainda, se as memórias construídas sobre estas relações conformam tais performances. As questões raciais e de gênero aqui estudadas perpassam pelos pressupostos de Munanga (2004; 2019), Kilomba (2019), Gomes (2005), Almeida (2020) e Butler (2003). As análises apontam que, através das memórias narradas ao longo do romance, a protagonista performa raça de maneiras distintas a depender do local em que se encontra e das interações em que está envolvida.

Palavras-chave: Raça. Gênero. Memória. Narrativa. Performance.

ABSTRACT

In contrast to discourses that allege the non-existence of racism today, debates and research on racial issues continue to be developed and to promote reflections on the subject. In order to contribute to such research, in this work, it was observed in what ways the narrated memories of the protagonist of the novel *Americanah*, written by Chimamanda Ngozi Adichie, can be analyzed as performances of race and gender. For this purpose, we aligned the concepts of memory as a constant construction proposed by Halbwachs (1968) with the assumptions of language as action (AUSTIN, 2007; BUTLER, 2003), indexicality (COLLINS, 2020) and narrative as performance (RIESSMAN, 2005). Based on these theories, excerpts from the novel in which the protagonist, a Nigerian black woman, interacts with three boyfriends she had throughout her life were analyzed: Obinze, Ifemelu's first romantic partner and also Nigerian; Curt, her first interracial relationship who has an American nationality; and Blaine, a black American university professor who is politically engaged in the anti-racist struggle. Therefore, the aim of this qualitative research is to observe the interactions between Ifemelu and Obinze, Curt and Blaine to investigate which performances are indexed to her, and if the memories constructed about these relationships conform to such performances. The racial and gender issues studied here are permeated by the assumptions of Munanga (2004; 2019), Kilomba (2019), Gomes (2005), Almeida (2020), and Butler (2003). The analysis indicates that, through the narrated memories throughout the novel, the protagonist performs race in different ways depending on the location she is in and on the interactions she is involved in.

Keywords: Race. Gender. Memory. Narrative. Performance.

SUMÁRIO

1 DISCUSSÕES INICIAIS: POR QUE FALAR DE RAÇA NO SÉCULO XXI? ...	9
1.1 “Americanah”: uma breve contextualização.....	19
2 LINGUAGEM COMO PERFORMANCE E MEMÓRIA	23
2.1 Dois países, diferentes Ifemelus	24
2.2 Linguagem como ação	26
2.3 Memória: um jogo entre lembrar e esquecer	33
3 A MULHER NEGRA E OS EFEITOS DAS CATEGORIAS RAÇA E GÊNERO	45
3.1 Interseccionalidade e as implicações da categoria mulher negra	52
3.2 A mulher negra ocidental e a mulher negra africana: especificidades e pontos em comum.....	56
3.2.2. <i>A mulher negra nigeriana</i>	62
3.2.3 <i>A mulher negra nos EUA</i>	66
4 “EU (...) SÓ ME TORNEI NEGRA QUANDO VIM PARA OS ESTADOS UNIDOS”: INTERAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS QUE INDEXAM PERFORMANCES IDENTITÁRIAS À IFEMELU	72
4.1 Ifemelu e Obinze: gênero e classe na Nigéria	73
4.2 Ifemelu e Curt: “Raça importa”	82
4.3 Blaine: percepções sobre raça e sobre machismo	102
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS	116

1 DISCUSSÕES INICIAIS: POR QUE FALAR DE RAÇA NO SÉCULO XXI?

*“You may shoot me with your words,
You may cut me with your eyes,
You may kill me with your hatefulness,
But still, like air, I’ll rise.*

*Does my sexiness upset you?
Does it come as a surprise
That I dance like I’ve got diamonds
At the meeting of my thighs?*

*Out of the huts of history’s shame
I rise
Up from a past that’s rooted in pain
I rise
I’m a black ocean, leaping and wide,
Welling and swelling I bear in the tide.*

*Leaving behind nights of terror and fear
I rise
Into a daybreak that’s wondrously clear
I rise
Bringing the gifts that my ancestors gave,
I am the dream and the hope of the slave.
I rise
I rise
I rise.”*

Maya Angelou

Observando as diversas mídias digitais às quais temos acesso atualmente, é possível encontrar os mais variados discursos sobre diferentes assuntos. Dentre tais discursos, há afirmações de que o racismo não existe mais no Brasil no século XXI¹. Para justificar esse pensamento, argumenta-se que o racismo deixou de existir tempos atrás, com a abolição da escravidão. Desde então, já se passaram mais de cem anos e, portanto, hoje as pessoas são tratadas de forma igualitária. Tais afirmações podem parecer absurdas aos olhos e ouvidos de muitos, mas elas existem, estão presentes nas mídias sociais e já

¹ Evento “Minha cor é o Brasil”, que aconteceria em julho de 2022, tinha em sua propaganda a frase “O Brasil não é um país racista”. Para mais informações sobre o evento, acesse: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/minha-cor-e-o-brasil-evento-que-negava-o-racismo-no-pais-e-cancelado/> (Acesso em 7 ago. 2022).

foram proferidas por um aluno meu em uma de nossas aulas de Inglês em que abordávamos a temática. Lembro-me de ficar tão estarecida com o que ouvia que nem pude, naquele momento, elaborar a resposta que gostaria de ter dado a ele. Daquele momento em diante, vez ou outra, relembro tal situação e penso em tudo que eu poderia ter dito. O racismo, por vezes, nos paralisa. Pretendo, portanto, utilizar este espaço de pesquisa para refletir sobre esse discurso desse aluno e de tantas outras pessoas. Antes disso, no entanto, apresento uma reflexão sobre o contexto desta pesquisa.

Ao discutir sobre o corpo e a corporeidade negra, Nilma Lino Gomes (2019) afirma que há, dentro do contexto brasileiro, uma visão imaginada de um passado de miscigenação amigável que nega o racismo. No entanto, nos últimos anos, a luta e a crítica do movimento negro ao mito da democracia racial, bem como a ascensão de figuras políticas de extrema direita responsáveis por proferir falas racistas, machistas e classicistas, evidenciam como o racismo é estruturante da sociedade brasileira. Os atos discursivos de um estudante em sala de aula, ou o evento “Minha Cor é o Brasil” – previsto para ocorrer em julho de 2022 – são o exemplo dessas transformações e conectam-se às mudanças que experimentamos no cotidiano da população negra na conjuntura neoliberal. Ricardo Piglia, ao citar Foucault em seu livro “*Critica y ficción*” (1986), aponta que

Hay zonas de la realidad, las relaciones de dominio y opresión, por ejemplo, que no son meramente discursivas. Las relaciones de dominación son materiales y sobre ellas se establecen relaciones discursivas. (PIGLIA, 1986, p. 7).

Em outras palavras, entende-se que há formas de opressão que não se dão somente na escala física ou material. Há, nas relações de dominação, uma junção entre as relações materiais e as relações discursivas. Um dos corpos-alvo de tais políticas de exclusão e de cerceamento de direitos é o corpo negro. Conforme nos indica Gomes (2019), uma das maneiras pelas quais o racismo se manifesta na sociedade ocorre através da desumanização de corpos negros ao transformá-los em extermináveis. Uma das formas de fazê-lo, como podemos observar a partir das notícias a seguir, na Figura 1 e na Figura 2, diz respeito ao cerceamento das possibilidades de sobrevivência de pessoas negras privando-as de sequer terem oportunidades equânimes no mercado de trabalho:

Figura 1 - Pandemia e seus efeitos²

The image shows a screenshot of a news article from the website Valor Brasil. The article title is "Pandemia acentuou desigualdade racial no mercado de trabalho, aponta Fundação João Pinheiro". The author is Cibelle Bouças, and the location is Belo Horizonte. The article is dated 20/11/2021 09:00 and is noted as being updated 3 months ago. The main text snippet reads: "A pandemia de covid-19 tornou mais vulnerável a condição dos negros (pretos e pardos) no mercado de trabalho em Minas Gerais, é o que aponta uma pesquisa do Observatório do Trabalho de Minas Gerais. O estudo foi elaborado por técnicos da Fundação João Pinheiro (FJP) e da Secretaria de Desenvolvimento Social de Minas Gerais." To the right of the text is a promotional image for "Semana do Consumidor" with the text "SÓ ATÉ DOMINGO! ASSINE O FAST PRIME E TENHA ACESSO A OFERTAS ARRAASADORAS".

Conforme aponta a notícia destacada acima, o número de pessoas negras desempregadas sobrepõe-se ao número de brancos na mesma condição: somente no estado de Minas Gerais, 65,4% dos desempregados são pessoas negras. Além disso, o número de trabalhadores negros sem carteira assinada subiu, em 2020, para 43,2% em contraposição ao ano de 2018. Tais disparidades não reduzem mesmo se olharmos para a parcela da população adulta com nível superior, como indica a Figura 2:

² Para mais informações, acesse: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2021/11/20/pandemia-acentuou-desigualdade-racial-no-mercado-de-trabalho-aponta-fundao-joo-pinheiro.ghtml> (Acesso em: 19 mar. 2022).

Figura 2 - Mercado de trabalho para pessoas negras³



Como apontado nas notícias citadas, o racismo se coloca na sociedade brasileira de modo estruturante, impedindo a ascensão social de pessoas negras em relação às oportunidades oferecidas para pessoas brancas. Apesar de terem nível superior e a qualificação exigida, 46,7% dos respondentes estão em cargos de nível auxiliar e apenas 0,7% dos que ocupam cargos de chefia são pessoas negras.

A desigualdade enfrentada por pessoas negras, no entanto, não se apresenta somente no mercado de trabalho ou no Brasil, mas é uma realidade vivida em diferentes camadas, em diversos contextos e se espalha pelo mundo. Conforme a notícia a seguir (Figura 3), para a maioria dos americanos, as relações interracialis tornaram-se mais complexas e difíceis após o mandato Donald Trump (2017-2021), de acordo com pesquisa realizada em 2019:

³ Para mais informações, acesse: <https://exame.com/carreira/pesquisas-mostram-abismo-no-mercado-de-trabalho-para-profissionais-negros/> (Acesso em: 19 mar. 22).

Figura 3 - Pesquisa mostra que a maioria dos americanos sente que as relações raciais pioraram pós-governo Trump⁴

The image is a screenshot of the Pew Research Center website. At the top, the logo and name 'Pew Research Center' are visible on the left, and a search bar is on the right. Below the logo, there is a navigation menu with categories: RESEARCH TOPICS, ALL PUBLICATIONS, METHODS, SHORT READS, TOOLS & RESOURCES, EXPERTS, and ABOUT. A breadcrumb trail reads: Home > Research Topics > Race & Ethnicity > Racial Bias & Discrimination. The main content area features the title 'Race in America 2019' with a subtitle: 'Public has negative views of the country's racial progress; more than half say Trump has made race relations worse'. The authors are listed as 'BY JULIANA MENASCE HOROWITZ, ANNA BROWN AND KIANA COX'. Below the text is a photograph of a young Black woman with curly hair looking out a window. To the right of the main content, there are two sidebars: 'REPORT MATERIALS' with links for 'Complete Report PDF', 'Topline Questionnaire', 'Interactive Who shares your views on race?', and 'American Trends Panel Wave 43 Dataset'; and 'TABLE OF CONTENTS' with sections for 'Race In America 2019', '1. How Americans see the state of race relations', '2. Views of racial inequality', '3. The role of race and ethnicity in Americans' personal lives', 'Acknowledgments', and 'Methodology'. A 'RELATED' section is partially visible at the bottom right.

Conforme a Figura 3, as pessoas negras entrevistadas observaram uma piora nas relações interraciais em campos diversos, e essa diferença foi mais perceptível para as pessoas negras do que para as pessoas brancas. De acordo com a pesquisa, o mandato de Trump aumentou as desigualdades raciais por não apresentar políticas que as combatessem. Assim, para a maioria dos participantes negros, as consequências da escravização são sentidas pela população negra ainda hoje. Na Europa, no ano em que esta dissertação começou a ser escrita – a saber, 2022 – iniciou-se uma guerra entre a Ucrânia e a Rússia que, aos 24 dias de confronto, já somava mais de 3 milhões de ucranianos refugiados. Países como a Polônia, Eslováquia, Hungria e Romênia têm recebido essas pessoas de forma acolhedora, atitude que não foi vista para com refugiados sírios, afegãos ou iraquianos, que viveram e vivem sob as mesmas condições em que agora se encontram os ucranianos. O “problema dos refugiados” – terminologia construída socialmente em diferentes contextos nacionais da União Europeia – é

⁴ Para mais informações, acesse: <https://www.pewresearch.org/social-trends/2019/04/09/race-in-america-2019> (Acesso em: 19 mar. 2022).

racializado, quando se identifica os não brancos solicitantes de asilo e refúgio como uma questão. Conforme as notícias destacadas nas Figuras 4 e 5 a seguir, a ação de rejeitar ou abraçar um refugiado esbarra na questão racial:

Figura 4 - "Eles são 'civilizados' e 'se parecem conosco'": racismo exposto na Guerra entre Ucrânia e Rússia⁵



⁵ Para mais informações, acesse: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/mar/02/civilised-european-look-like-us-racist-coverage-ukraine> (Acesso em: 19 mar. 2022).

Figura 5 - Estudante nigeriana relata racismo em saída da Ucrânia⁶

NEWS

Home | War in Ukraine | Coronavirus | Climate | Video | World | US & Canada | UK | Business | Tech | Science

World | **Africa** | Asia | Australia | Europe | Latin America | Middle East

Nigerian student in Ukraine: 'They said black people should walk'

Nigerian medical student Jessica Orakpo tells the BBC about her ordeal and the racism she experienced as she attempted to leave Ukraine following Russia's invasion.

Related

UP NEXT Nigerian student in Ukraine: 'I'm afraid'
1:43 | 25 February | Africa

Recommended

Ukrainian refugee: I hope my child won't remember this war
0:53 | 1 day ago | Europe

War seamstresses: From wedding dresses to army gear
1:33 | 20 hours ago | Europe

Zelensky tells Moscow 'it's time to

Como apontado anteriormente, o racismo tem alvos bem definidos e coloca-se em diferentes escalas na diáspora negra, no passado e no presente. O ódio é discursivizado de forma a determinar quem merece apoio, quem deve ser acolhido, quem pode ser promovido nas empresas e quem deve ter seus direitos assegurados. Portanto, a fim de compreender de que forma tais construções discursivas, sociais, históricas e culturais (observadas nas Figuras 1 a 5) são feitas, torna-se relevante investigar a historicidade da definição de raça. De forma a atingir tal objetivo, no capítulo 3 desta dissertação, faremos uma discussão mais aprofundada sobre o assunto.

Ao discursivizar o ódio, há a possibilidade de reproduzir um discurso de apagamento e negação da existência do racismo e de todas as suas implicações. Pensando na fala do meu⁷ aluno, um adolescente branco e de classe média que afirmava não conseguir enxergar os efeitos do racismo no dia a dia, faz-se necessário apontar alguns eventos que vão na contramão de tal discurso:

⁶ Para mais informações, acesse: <https://www.bbc.com/news/av/world-africa-60573719> (acesso em: 19 mar. 2022).

⁷ Ao longo do texto, circulo entre a primeira e a terceira pessoa do discurso devido à minha escolha de trazer relatos pessoais que julgo relevantes para a construção da dissertação.

- O primeiro deles ocorreu em vinte e seis de fevereiro de 2013. Trayvon Martin, um adolescente afro-americano, foi assassinado por um segurança de bairro na Flórida, Estados Unidos. Este homem atira em Trayvon, apesar de ter sido orientado por contato telefônico da polícia americana (911) a permanecer dentro de seu veículo e aguardar uma equipe policial chegar no local. Um ano depois, o acusado foi considerado inocente. Uma série de atos e protestos se iniciam nos EUA, e ficam conhecidos como “Black Lives Matter” (“Vidas Negras Importam”, em tradução para o português).
- O segundo deles aconteceu em maio de 2020: George Floyd, um homem negro de 46 anos, foi detido por policiais em Minneapolis, também nos Estados Unidos, por suspeita de ter tentado usar uma nota falsa em um estabelecimento comercial. Ao chegarem no local, os policiais imobilizaram Floyd, o derrubaram no chão e, em dado momento, um deles colocou o joelho sobre o pescoço de George. Tal ação dura nove minutos, foi registrada por uma testemunha que passava no local na hora do ocorrido e termina com a morte de Floyd mesmo com seus diversos pedidos para que o policial saísse de cima de seu pescoço. O grito de socorro de George Floyd, “*I can’t breathe*” (em português, “não consigo respirar”), passou a ser utilizado em protestos nas ruas e redes sociais ao redor do mundo, aumentando, desta forma, a visibilidade do caso e a comoção popular para que os responsáveis fossem punidos.
- O terceiro ocorreu em 19 de novembro de 2020, véspera do feriado conhecido como Dia da Consciência Negra no Brasil: João Alberto Silveira vai a uma famosa rede de hipermercados em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Lá, ele é agredido por dois seguranças do local que o acusaram de tentativa de roubo. O espancamento, filmado pelas câmeras de segurança do estabelecimento, levou João Alberto a óbito. O caso chocou o país e reacendeu protestos nas redes sociais contra o racismo.

Há muitos outros casos que poderiam ser citados aqui, mas focaremos nesses eventos e em algumas características que eles têm em comum, porque, além da violência

policial contra pessoas negras, podemos observar outro ponto: os protestos. O caso Trayvon Martin, ocorrido em 2013 nos Estados Unidos, culminou em uma onda de protestos que visam a pedir por justiça não só para esta situação, mas para muitos outros ataques racistas e discriminatórios sofridos pela população negra. Os casos George Floyd e João Alberto, que aconteceram anos mais tarde, em 2020, motivaram uma nova série de protestos, aumentando a força do movimento *Black Lives Matter* nos EUA, no Brasil e em outros países no mundo⁸ e proporcionando um foco ainda maior à pauta racial.

Estes dois últimos casos, no entanto, são marcados não só pelo racismo e pela violência policial, mas também pelo momento atípico e de grande vulnerabilidade em que vivíamos ao redor do mundo. Isso porque o ano de 2020, quando ambas as mortes ocorreram, foi marcado pelo início de uma pandemia por conta da COVID-19, doença que gerou uma crise sanitária a nível mundial e modificou as vidas de bilhões de pessoas. De forma repentina, nações se viram isoladas por conta de barreiras nas fronteiras, muitos passaram a trabalhar e estudar em casa, enquanto outros tantos perderam empregos e precisaram buscar outras alternativas de sobrevivência em meio ao caos e medo de uma doença sem tratamento e com altos índices de contaminação.

Vale pontuar, também, que esta pesquisa se iniciou no ano de 2021 e está inserida neste contexto de pandemia, mortes, invasão de favelas, genocídio da população negra e indígena e de variadas notícias desanimadoras. É interessante observar que, mesmo em meio à necessidade de praticarmos o isolamento social, milhares de pessoas foram às ruas nos Estados Unidos em um ato de repúdio ao racismo. Essas manifestações tiveram como motivação a revolta gerada por casos como o de George Floyd. Percebe-se, assim, a urgência em discutir o assunto e de observar quais efeitos estão sendo produzidos em resposta ao racismo, pois, como aponta Munanga (2004, p. 10), “embora a raça não exista biologicamente, isto é insuficiente para fazer desaparecer as categorias mentais que a

⁸ Protestos em diversos países foram noticiados pela mídia, conforme links abaixo:
<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/05/protestos-contra-a-morte-de-george-floyd-pelo-mundo-nesta-sexta-feira-5-fotos.ghtml> (acesso em: 13 mar 2022).
<https://oglobo.globo.com/epoca/mundo/black-lives-matter-apoia-protestos-de-brasileiros-por-morte-de-joao-alberto-24759405> (acesso em: 13 mar 2022).
<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,movimento-black-lives-matter-divulga-apoio-aos-protestos-no-brasil,70003523463> (acesso em: 13 mar 2022).

sustentam”. Como discutiremos no capítulo 3 desta dissertação, raça não é um fator biológico, e sim discursivo, histórico, social e cultural. Compreendemos, a partir da etimologia do termo raça, como a categorização de seres humanos foi discursivizada e os efeitos produzidos pelas ideologias e discursos raciais.

Podemos, ainda, encontrar outra semelhança nessas e em tantas outras histórias de violências às pessoas negras: a reprodução de ações em reflexo a tais agressões. A resposta dada através de protestos, passeatas e gritos por justiça reflete dor e resistência de uma população que segue sofrendo os desdobramentos de um passado de genocídios e escravidão somado a um presente racista. As consequências de tal passado se unem ao que observamos na contemporaneidade através de políticas de poder, como aponta Foucault (1989), com alvos bem definidos. Por meio da administração de corpos e da gestão da vida, decide-se quem tem direitos dentro da sociedade e quem está à margem dela. A resistência, no entanto, existe ao longo das décadas, mesmo em meio a tentativas de silenciamento. Assim, analisar estas e outras narrativas nos permite compreender melhor a sociedade na qual estamos inseridos, possibilitando ações de resistência que promovam mudanças.

Além de protestos e passeatas, discursos antirracistas e de resistência também são encontrados na música, nas artes cênicas, na dança, na pintura e na literatura. Pensando nesta última manifestação artística, há um extenso trabalho que vem sendo promovido em diferentes países com o objetivo de resgatar e narrar memórias da História das pessoas negras que foram apagadas ao longo dos últimos séculos. Países do continente africano, por exemplo, continuam sendo vistos de forma indistinta, reflexo de narrativas estereotipadas sobre a África construídas ao longo do tempo. Por conta disso, autores como Mia Couto⁹, Paulina Chiziane¹⁰ e Buchi Emecheta¹¹ têm destacado em suas obras

⁹ Escritor, poeta, jornalista e biólogo, o moçambicano Mia Couto é autor de diversos livros e ganhador de prêmios nacionais e internacionais de literatura. É membro da Academia Brasileira de Letras desde 1998.

¹⁰ Paulina Chiziane, escritora também moçambicana, atuou na Guerra de Independência na Frente de Libertação de Moçambique, além de ser autora de diversos livros que abordam a cultura de seu país e cujas protagonistas são mulheres. É ganhadora do prêmio Camões de Literatura (2021).

¹¹ Romancista nigeriana, Buchi Emecheta passou a residir na Inglaterra a partir dos 18 anos. Lá, ela escreveu mais de 20 livros. Dentre os mais conhecidos, destaca-se o livro “No fundo do poço” (1972), romance que aborda a vida de uma jovem recém-casada como imigrante em terras inglesas, bem como o irônico “As alegrias da maternidade” (1979), que, apesar do título, trata das mazelas vividas por mulheres na Nigéria e das consequências do colonialismo em tal país.

a pluralidade existente em cada país, dando voz e representatividade a realidades muitas vezes silenciadas ao longo do tempo. Dentre tais autores, destaca-se, também, Chimamanda Ngozi Adichie, escritora e ativista que vem conquistando espaço internacionalmente com seus romances, contos, palestras e discursos de resistência negra e feminista. A produção da autora aborda e procura desconstruir tais estereótipos negativos em relação à África e, mais especificamente, à Nigéria, local onde nasceu e residiu durante boa parte de sua vida. Um de seus romances, “Americanah”, escrito em 2013 e publicado no Brasil em português em 2014, é um exemplo disso. Ele é narrado em terceira pessoa e composto das memórias da protagonista Ifemelu, uma imigrante nigeriana que se mudou para os EUA para estudar em uma universidade. Após 13 anos longe de seu país de origem, a personagem decide voltar a morar na Nigéria. Antes de viajar, no entanto, ela vai a um bairro nova-iorquino – conhecido por ser a residência de muitos imigrantes – para trançar seus cabelos da mesma forma que costumava fazer quando morava na Nigéria. Tal atitude traz uma série de memórias à tona, tanto de sua vida na América quanto na Nigéria, e estas levam a personagem a refletir sobre si e outros personagens ao longo de todo o romance.

A partir de tais memórias, Ifemelu aponta as diferenças entre o que significa ser mulher e negra na Nigéria e nos Estados Unidos. Questões concernentes à construção identitária permeiam a narrativa, visto que a protagonista argumenta, por exemplo, não ter precisado definir ou pensar sobre o conceito de raça antes de imigrar para os Estados Unidos da América. Em contrapartida, ao retornar à Nigéria, a protagonista se vê diante de algumas situações incômodas, mas comuns em seu país, como a necessidade de se ter um gerador próprio em casa, e se sente espantada ao notar que havia, de alguma forma, esquecido delas durante seu período em outro continente. Esta pesquisa, portanto, analisa o romance *Americanah* e as questões raciais encontradas nele. Nesta obra literária, a personagem vive, na ficção, situações vivenciadas e relatadas por mulheres negras cotidianamente.

1.1 “Americanah”: uma breve contextualização

Como mencionado, o romance “Americanah” foi escolhido como objeto de análise desta pesquisa por alguns motivos. Primeiramente, por ser um livro cujo processo

de construção de memórias ocorre por meio da narrativa. Além disso, tal escolha se deu pelas questões raciais presentes no romance e pela forma como elas são desenvolvidas ao longo do livro. Segundo, há alguns anos, me interessei pela cultura nigeriana, em parte pelas histórias narradas por romancistas locais sobre a Nigéria e em parte pelas histórias contadas por meu pai, um homem negro brasileiro que trabalhou por alguns anos em tal país. Em terceiro lugar, a narrativa presente nos romances de Chimamanda Adichie sobre a Nigéria, sobre a colonização, sobre raça e sobre a categoria mulher negra despertam em mim, como leitora, uma sensação de pertencimento e de compartilhamento de experiências, ainda que eu tenha nascido em um outro continente e em um outro momento histórico. “Americanah”, mesmo se tratando de uma narrativa ficcional, apresenta situações vividas por mulheres negras como eu, humanizando-nos ao dar existência, na linguagem, às nossas dores e experiências.

No romance escolhido, a personagem principal, Ifemelu, relata diversas situações vividas tanto em seu país de origem quanto em seus 13 anos vivendo nos Estados Unidos da América. A partir de tais lembranças, temos acesso à infância, adolescência e vida adulta da personagem, bem como à forma com que ela se relacionou com as pessoas ao seu redor ao longo de sua trajetória e como tais relacionamentos contribuíram para as suas performances identitárias. Dentre os diferentes tipos de relacionamentos (de amizade, familiar, profissional, amoroso etc.) vividos pela protagonista, focaremos aqui nas três relações afetivo-sexuais às quais temos acesso por meio das memórias de Ifemelu.

No momento em que passa a residir em um país não africano e com um histórico de legislações e práticas racistas, Ifemelu começa a se perceber diferente das demais pessoas que encontra nos EUA, inclusive aquelas também consideradas negras. Em suas memórias, Ifemelu destaca tais oposições ou diferenciações em situações vividas ao longo de mais de uma década na América. Em contrapartida, ao rememorar sua vida em seu país de origem, a personagem tende a se posicionar declarando não ter experienciado tais distinções quanto à raça, mas quanto às relações étnicas entre igbos, iorubás, hauçás. No que concerne a esse ponto, a presente pesquisa se apoia na ligação entre migração e globalização apontada por Kathryn Woodward quando afirma que “a migração tem impactos tanto sobre o país de origem quanto sobre o país de destino” (2000, p. 21). E

Chimamanda constrói um romance em que trata da história da geração de nigerianos que migraram para diferentes países nos anos 1990 e retornaram nos anos 2000.

Dentre suas memórias, a personagem destaca momentos vividos por ela nos Estados Unidos que a levaram a escrever um *blog*. Neste *blog*, intitulado “*Raceteenth* ou Observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não americana” (ADICHIE, 2014, p. 4), Ifemelu relata situações por ela experienciadas envolvendo questionamentos sobre raça. Tais *posts* partem de sua necessidade de falar sobre o que é ser negra e imigrante em terras estadunidenses.

O romance “*Americanah*” e as performances sociolinguísticas da personagem principal (Ifemelu) podem ser analisadas a partir da perspectiva da análise do discurso. Nos alinhamos às postulações de Glenda Cristina Valim de Melo e Luciana Lins Rocha, quando apontam que “se as práticas de linguagem são ações que nos constituem, nossos discursos têm papel importante nas performances identitárias” (2015, p. 109). Partindo do pressuposto de que a linguagem é uma forma de ação no mundo, faz-se necessário compreendê-la como uma performance que determina quais grupos sociais são marginalizados e quais possuem prestígio dentro da sociedade. Através de tal compreensão, “[...]entendemos que na e pela linguagem ações são realizadas” (2015, p. 116). Destaco, aqui, a relevância de se ter um olhar mais atento à literatura de países não ocidentais como a Nigéria, gerando uma possibilidade de ampliação dos estudos do campo da memória social em contextos distintos.

Para fins de análise dentro desta dissertação, foi feito um recorte nos dados presentes no romance. Os trechos aqui selecionados têm por característica apresentar memórias de relacionamentos amorosos vividos pela protagonista Ifemelu em seu país de origem, a Nigéria, e nos Estados Unidos. Para isto, serão destacados excertos em que a protagonista interage com: Obinze, seu namorado nigeriano, no período de sua adolescência e anos mais tarde quando ela decide retornar à África; Curt, americano branco e de classe social alta que ela conheceu quando trabalhava como babá das sobrinhas dele; e Blaine, homem negro e americano, professor universitário e politicamente engajado nas questões raciais. Através da análise das performances narrativas que emergem das interações com tais personagens, busca-se investigar de que forma as ações performáticas de Ifemelu são construídas. Para isto, as perguntas de pesquisa apresentadas acima serão utilizadas como elementos norteadores das análises

desenvolvidas. Tais análises, por sua vez, serão feitas a partir da utilização dos construtos teóricos de memória indicados por Halbwachs (1990), de linguagem como ação proposto por J. L. Austin (2007), de indexicalidade por James Collins (2020) e de narrativa como performance, conforme Catherine Riessman (2008). Deste modo, o próximo capítulo tem por objetivo apresentar e discutir tais teorias.

A partir de uma análise de cunho qualitativo da narrativa presente no romance, a proposta desta dissertação é a de responder às seguintes questões:

- 1. Quais performances identitárias são mobilizadas pela protagonista e por seus parceiros afetivo-sexuais ao longo do romance?**
- 2. Em que medida as memórias de três relacionamentos afetivo-sexuais vivenciados pela protagonista, evocados pela narradora, conformam as performances identitárias da personagem?**

Para isto, a presente dissertação, composta por cinco capítulos, é organizada da seguinte maneira: o capítulo um, a introdução, destinou-se a apresentar brevemente as discussões que permeiam a presente pesquisa, bem como destacar seus objetivos e sua estrutura de organização. O capítulo dois, por sua vez, tem por objetivo apresentar as teorias acerca de memória, de linguagem e de narrativa como performance. No capítulo três, conceitos relacionados a raça, gênero e etnia são discutidos, enquanto o quarto capítulo é dedicado às análises de trechos selecionados de “Americanah”. Já o quinto e último capítulo é voltado às considerações finais sobre os resultados obtidos e aos possíveis futuros desdobramentos da pesquisa.

2 LINGUAGEM COMO PERFORMANCE E MEMÓRIA

“Americanah”, objeto de pesquisa desta dissertação, é um romance extenso, tendo 520 páginas em sua versão traduzida para o português. Nesta pesquisa, utilizaremos as citações do livro em sua versão traduzida para o português para que não haja uma constante mudança na língua usada ao longo da dissertação. Há, em tal obra, uma gama de possibilidades de focos de análise, fazendo com que seja necessário estabelecer, aqui, um recorte de pesquisa. Uma das questões que despertaram em mim um interesse em observar mais cuidadosamente este livro diz respeito às memórias da protagonista em relação aos seus parceiros afetivo-sexuais mencionados ao longo do romance. Este interesse surgiu desde que li tal livro pela primeira vez, em 2014. A maneira como cada relacionamento era lembrado pela narradora e como questões diferentes (como raça, gênero, poder aquisitivo e até conhecimento acadêmico) surgiam em cada relação me instigaram a buscar entender melhor como a protagonista é posicionada na estória em meio a tais assuntos. As memórias que emergem de cada relacionamento afetivo-sexual presente na narrativa trazem desdobramentos nos atos performativos da protagonista e estes, por sua vez, provocam efeitos na protagonista que fazem parte de sua construção enquanto mulher negra ora estrangeira, ora local.

Sendo assim, este capítulo tem por objetivo apresentar uma contextualização do romance a ser analisado, bem como indicar qual arcabouço teórico e quais ferramentas analíticas serão utilizadas na análise dos excertos selecionados. Esta pesquisa, de cunho qualitativo, tem como basilares os conceitos de linguagem, de narrativa, de memória e de indexicalidade¹².

Para analisar os efeitos produzidos a partir de tais interações, a seleção de dados se embasou nos seguintes critérios: primeiro, realizou-se um levantamento de excertos nos quais há lembranças sobre os três relacionamentos afetivo-sexuais de Ifemelu. A partir de tais informações, observou-se em que momentos comparecem questões relacionadas à raça e a gênero. Em seguida, foi feita uma análise das narrativas selecionadas à luz da metodologia exposta a seguir, neste capítulo. Antes disto, no entanto, faremos uma breve exposição sobre o contexto em que se dá o romance.

¹² Como apontado no capítulo anterior, os teóricos que embasam tais construtos são, respectivamente: J. L. Austin (2007), Catherine Riessman (2008), Halbwachs (1990) e James Collins (2020).

2.1 Dois países, diferentes Ifemelus

Sabe-se que há muitas nuances e especificidades na cultura de cada país do continente africano que, infelizmente, foram apagadas e desconsideradas por muitos séculos devido a todo o horror que envolve a escravidão, a colonização e, conseqüentemente, o racismo. A própria Nigéria, país de origem tanto da autora de “Americanah” (2014) quanto da personagem principal do livro, é fruto da junção de grupos étnicos – independentes entre si – que sofreram uma série de massacres e, não obstante, passaram por um violento processo de colonização britânico. Somente após um longo período é que houve a descolonização e independência de tal país, em 1960.

Vale ressaltar que os anos 1960 são reconhecidos como o período do “Renascimento Africano”, tamanha a importância do evento para trajetória das nações do continente e para a diáspora negra. Nesse período, ocorreu o processo de independência da maior parte dos países da África, que se libertaram politicamente dos domínios inglês e francês que controlaram a região após a Primeira Guerra Mundial. A promessa de libertação das nações do continente que lutaram contra o nazifascismo, na Segunda Guerra Mundial, não foi cumprida, o que levou a uma onda de protestos (movimentos sociais e guerrilhas) que se estenderam por todas as décadas de 1950, 1960 e 1970. A Nigéria foi um dos primeiros países da África subsaariana a conquistar a independência do Reino Unido, mas, no mesmo período, viveu a guerra da Biafra (1967-1970), momento em que a etnia igbo tentou formar uma república independente no sudeste do país e foi duramente reprimida, com indícios de genocídio praticado pelo Estado e pelo governo inglês.

A Nigéria, apesar de atualmente ser a 1ª maior economia do continente africano¹³ e o 15º país que mais exporta petróleo¹⁴ no mundo, continua a enfrentar problemas para se estabelecer como nação. Isso ocorre porque, como mencionado anteriormente, o país é formado por uma mistura de mais de 250 grupos étnicos. Para compreender melhor as

¹³ De acordo com dados disponíveis em: <https://www.oecworld.com/fmi-as-5-maiores-economias-da-africa-subsaaiana-a-ter-em-conta-em-2023/> (acesso em: 2 abr. 2023).

¹⁴ Disponível em: <https://www.ibp.org.br/observatorio-do-setor/snapshots/maiores-produtores-mundiais-de-petroleo-em-2020/>. Acesso em: 22 jan. 2023.

consequências do processo colonizatório na Nigéria e a complexidade das variadas etnias africanas, recorremos a uma definição para o termo “etnia” apresentada por Munanga (2004, p. 28-29):

Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território.

Neste contexto de dominação, muitos grupos étnicos colonizados foram forçados a se unificarem para constituir nações conforme as divisões territoriais impostas pelos colonizadores, ao passo que outros grupos foram fragmentados e hoje fazem parte de diferentes territórios políticos. Este é o caso da etnia iorubá, por exemplo, que hoje se encontra dividida entre a Nigéria, o Togo e Benin (MUNANGA, 2004). Há inclusive, etnias rivais, fato que gera guerras até os dias atuais. Tais guerras decorrem, em grande medida, do fato de o mapa da África descolonizada manter acordos colonialistas de fronteiras estabelecidos no final do século XIX e início do XX, em que o território do continente foi dividido e fragmentado a partir dos interesses nacionais e capitalistas europeus. O marco para esse processo foi a Conferência de Berlim (1885) e os acordos posteriores que fixaram uma divisão do território alheia à dinâmica territorial dos reinos e etnias em África.

No que tange esta questão, o historiador Achille Mbembe aponta que, no contexto colonizatório, há uma perda tripla para o indivíduo: do lar, do direito sobre o próprio corpo e de seu *status* político. Essa perda, por sua vez, “[...] equivale à dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral)” (2016, p. 131). Mbembe afirma ainda que

[...] as colônias são zonas em que guerra e desordem, figuras internas e externas da política, ficam lado a lado ou se alternam. Como tal, as colônias são o local por excelência em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos – a zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da ‘civilização’. (2016, p. 133).

Este é um tema muito discutido e abordado na literatura nigeriana por autores como Chinua Achebe¹⁵ desde a década de 1950, e também por autores contemporâneos como Chimamanda Adichie. A autora em questão traz, em seus romances, um olhar sobre a Nigéria de alguém não apenas pertencente a tal país, mas que se afasta dele por um período e, por isso, faz reflexões acerca das performances identitárias de seu próprio povo. Vale frisar que a autora, além de ter suas obras traduzidas para mais de 30 línguas, é também conhecida por palestrar ao redor do mundo em diversos eventos¹⁶, inclusive no Brasil em 2022. Chimamanda Adichie aborda, em seus trabalhos, temas como o feminismo, o racismo, a imigração e o poder da narrativa.

A fim de cumprir com o proposto na introdução, a vida afetivo-sexual da protagonista de “Americanah” foi analisada à luz das teorias que tratam da narrativa como performance. Ademais, utilizamos os pressupostos de ordem de indexicalidade e de posicionamento interacional ao longo das análises. Vale destacar que a principal característica do romance é a sua composição: a partir de uma situação vivida por Ifemelu no início da trama, há um fluxo de memória que apresenta, de forma não cronológica, lembranças da personagem em diferentes contextos e momentos de sua vida. A partir de tais memórias, é possível observar as performances identitárias em jogo e quais efeitos são produzidos na protagonista. Por isso, o embasamento teórico aqui utilizado também conta com os pressupostos de memória postulados por autores como Halbwachs (1968; 2006) e Pollak (1992), que serão discutidos neste capítulo. Isso posto, a próxima seção deste capítulo tratará dos construtos teóricos basilares que embasam as análises apresentadas no capítulo 3.

2.2 Linguagem como ação

A fim de alcançar os objetivos propostos na introdução, faz-se necessário observar a concepção de linguagem que embasa e ancora esta pesquisa. Desse modo, nesta seção,

¹⁵ Chinua Achebe é considerado um dos maiores escritores do século XX e o maior nome da Literatura Africana. Escreveu livros, como “O mundo se despedaça” (1958), que abordam a cultura nigeriana e os conflitos culturais devidos à colonização britânica. É considerado, por Chimamanda Adichie, um dos romancistas de maior relevância para a literatura.

¹⁶ Primeiro discurso de Chimamanda Adichie para o evento TEDTalk. Disponível em: <https://youtu.be/D9Ihs241zeg>. Acesso em 22 jan. 2023.

são abordados os conceitos basilares para esta investigação. Nesse sentido, abordamos, aqui, o conceito de linguagem como ação, ou seja, a linguagem produz efeitos e age no mundo. Os estudos acerca de linguagem que embasam tal concepção se iniciam com os pressupostos de John Langshaw Austin.

Filósofo britânico nascido em 1911, J. L. Austin apresentou importantes estudos acerca da linguagem. Austin ([1962]2007), no início de sua pesquisa, afirma que a linguagem é ação e as denomina atos de fala. Nesse sentido, o autor afirma que os atos de fala são divididos em constataativos e performativos: os atos de fala constataativos são aqueles que descrevem algo. Os atos de fala performativos, por sua vez, fazem uma ação. Em outras palavras, no primeiro, ao fazer uso da linguagem, compreendida como ato, descreve-se ou faz-se algo. Conforme Austin ([1962]2007), na perspectiva constataativa, a linguagem funciona em um positivismo lógico e atua como uma representação. Contudo, Austin revê sua própria teoria e entende que não há a distinção, ou seja, todos os atos de fala são performativos, exceto os estiolamentos (atos da ficção).

Para J. L. Austin, os atos de fala têm três componentes. O primeiro, chamado ato locucionário, tem relação com as funções semânticas e referenciais da linguagem, o próprio dizer. Já o ato ilocucionário diz respeito ao tipo de ato que se pretendia ou que estava sendo realizado durante a fala. Ameaças, sugestões ou advertências podem ser entendidas como atos ilocucionários. O terceiro ato, por sua vez, é chamado perlocucionário e trata dos efeitos que são produzidos ao emitirmos determinado enunciado. Em outras palavras, este seria o resultado da ação.

Dessa forma, de acordo com os apontamentos feitos por Melo e Rocha (2015, p. 3) acerca do caráter performativo da linguagem proposto por Austin, podemos destacar que, para o filósofo,

quando nossos enunciados fazem coisas não podemos avaliá-los em termos de valor de verdade, ou seja, não são falsos ou verdadeiros em relação a um mundo “real”. Tais enunciados, por ele chamados performativos, são considerados em relação a suas condições de felicidade, ou seja, à sua eficácia em termos de ação no mundo.

Sendo assim, ao compreendemos a linguagem como uma performance, podemos acrescentar outra característica a ela. Ainda conforme Melo e Rocha (2015, p. 2), tal perspectiva centraliza “a ideia de que agimos no mundo com nossos discursos mesmo quando imaginamos apenas descrever algo”. De outro modo, as palavras e as ações não

são elementos distintos mas, ao contrário, estão imbricadas como ação no mundo. A linguagem, que é a própria ação, produz efeitos nas vidas e nos corpos.

Jacques Derrida, filósofo francês, em seu livro “Limited Inc” (1988), também discute os pressupostos de J. L. Austin sobre atos de fala. Em seu ensaio “Signature Event Context”, presente no livro citado anteriormente, Derrida (1988) retoma os atos de fala, contesta e contribui também incluindo dois processos à discussão. O primeiro deles, chamado iterabilidade, diz respeito à propriedade que um signo tem de se tornar diferente a cada repetição. Em outras palavras, mesmo que retiremos um texto de seu contexto “original” e o reproduzamos em uma nova situação, este não será o mesmo. A cada contexto, nos deparamos com um novo efeito. Derrida destaca, em segundo lugar, a citacionalidade. Para o estudioso, esta característica do texto diz respeito à possibilidade de retirar um texto da situação em que ele foi “originalmente” produzido e deslocá-lo para outro texto e contexto. Tal ação, por sua vez, permite que um novo significado seja produzido. Partindo desta perspectiva, Melo e Rocha (2015, p. 7) apontam que a repetição

é sua condição de possibilidade, porém é ela também que permite o rompimento com a cadeia de repetições ao possibilitar uma repetição mal feita, uma “cópia” inexata. Esse precioso performativo parasitário é o que inaugura novos sentidos transgressivos, e ele só é possível porque a performatividade atua desse modo.

Outra teórica de grande relevância para esta concepção de linguagem, Judith Butler é filósofa e teórica de gênero. A pesquisadora também parte dos pressupostos de J. L. Austin e expande seus conceitos ao discutir gênero (Butler, 2003). Para Butler, atos de fala produzem efeitos e consequências:

We do things with language, produce effects with language, and we do things to language, but language is also the thing that we do. Language is a name for our doing: both ‘what’ we do (the name for the action that we characteristically perform) and that which we effect, the act and its consequences. (BUTLER, 1997, p. 8).

Sendo assim, podemos observar que a linguagem não é neutra. Ao contrário, quando escrevemos, falamos ou fazemos uso da linguagem corporal, efeitos são produzidos. Para esta pesquisa, interessa observar quais efeitos são produzidos em Ifemelu a partir das interações entre a protagonista e seus parceiros românticos ao longo de sua trajetória no romance.

Assim, podemos destacar que, no que tange a característica performativa da linguagem, há espaço para a subversão de estruturas de repetição de discursos racistas, por exemplo, criando espaço para outros discursos. A título de ilustração, podemos observar o uso da palavra “preto(a)” para se referir a pessoas negras. Historicamente utilizado como uma maneira racista de mencionar ou até mesmo de evocar pessoas de pele escura, o termo vem sendo ressignificado pela comunidade negra. Nessa ação performativa da linguagem, o termo “preto” passa a ser utilizado não de maneira pejorativa, mas como forma de resistência e de exaltação aos traços de negritude. A plataforma “Pretas e Pretos no Poder”¹⁷, por exemplo, que possui um perfil no aplicativo de fotos e vídeos *Instagram*, se descreve como um espaço de visibilidade a produtores de conteúdo negro, conforme a Figura 6, ressignifica o termo em questão e subverte o uso racista da mesma palavra:

Figura 6 - Página da plataforma Pretas e Pretos no Poder, presente na rede social Instagram



A perspectiva performativa da linguagem também comparece no trabalho de outros pesquisadores e outras pesquisadoras em contexto brasileiro. De acordo com Alencar e Ferreira (2016), os estudos de Rajagopalan (2013), linguista indiano

¹⁷ Disponível em: <https://instagram.com/pretaspretospoder?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 23 jan. 2023.

naturalizado brasileiro, abordam uma outra visão sobre a Teoria dos Atos de Fala proposta por Austin. Conforme destacam Alencar e Ferreira (2016, p. 616),

os estudos de Rajagopalan têm questionado as abordagens pragmáticas tradicionais e aberto espaços para discussões sobre ética e política nos estudos da linguagem no Brasil, tomando como ponto de partida o lugar concreto e social das práticas humanas, sempre historicamente situadas.

Para o linguista, ao fazermos pesquisa, o fazemos a partir de nossa “vivência histórico-político-cultural” (ALENCAR; FERREIRA, 2016, p. 615). De outro modo, o pesquisador é um ser situado culturalmente e historicamente. Assim, ao aplicar a teoria de Austin, Rajagopalan entende que “as proposições da ciência são, na verdade, atos de fala performativos camuflados como atos constativos” (ALENCAR; FERREIRA, 2016, p. 616).

Joana Plaza Pinto, pesquisadora e linguista aplicada brasileira, também propõe uma análise das teorias de Austin. Ao pensar no sujeito que age nos atos de fala, Pinto destaca que o sujeito é consciente de suas ações. Este também pode ser definido como “[...] aquele que produz um ato corporalmente; o ato de fala exige o corpo. O agir no ato de fala é o agir do corpo, e definir esse agir é justamente discutir a relação entre linguagem e corpo” (PINTO, 2003, p. 105).

Ao pensarmos em linguagem de um modo geral e, de forma mais específica, na produção de um texto (seja ele oral, escrito, imagético etc.), há teorias que apontam para uma visão de que não existe um significado definido e completo. Isto é, o indivíduo é o responsável por preencher um texto de significado, ação que ocorre através de uma construção. Faz-se necessário, então, repensar noções mais tradicionais do que vem a ser o texto.

Neste sentido, pode-se dizer que a linguagem se materializa em forma de textos. No romance escrito por Chimamanda Adichie, a personagem Ifemelu e seus parceiros ganham existência na linguagem. Nessa perspectiva, pesquisas como as do linguista Michael Silverstein contribuem para um melhor entendimento do texto em contexto. No momento em que escrevemos a construção de significado, apresentamos ao interlocutor pistas do contexto que compõem aquele texto. Para Silverstein (1996), nos processos de contextualização, não há um contexto pré-configurado. Ao contrário, estes processos são forjados localmente no tempo e no espaço presente e em um nível sócio-histórico. Dentro do processo de contextualização, há um duplo apontar: o primeiro deles seria referencial

e trata-se do momento da interação. Já o segundo seria um apontar para as normas e convenções preestabelecidas e produzidas em contextos culturais mais abrangentes. A partir da combinação de ambos os apontamentos é que produzimos significados e interpretações.

Desta forma, Silverstein entende que os textos só existem em movimento. Isto é, não há textos estáticos. Sendo assim, não é possível equacionar um texto a uma determinada cultura, pois esta é construída através de processos contínuos:

To equate culture with its resultant texts is to miss the fact that texts (as we see them, the precipitates of continuous cultural processes) represent one, ‘thing-y’ phase in a broader conceptualization of cultural process. (SILVERSTEIN, 1996, p. 1)¹⁸.

Outra característica da linguagem de suma relevância para esta pesquisa diz respeito à perspectiva de que ela é indexical. Isto é, quando usamos a linguagem, apontamos para discursos, valores, crenças e memórias. Conforme explica o antropólogo e linguista James Collins, o conceito de indexicalidade

focaliza a questão de contexto, como algo a mais do que é significado ou compreendido, para além do que é dito ou escrito. Signos indexicais que evocam ou, dito de outro modo, que propiciam informações contextuais podem envolver grandes ou pequenas distinções da forma linguística. (COLLINS, 2020, p. 266).

Em outras palavras, o discurso, ao ser produzido, é perpassado por ideologias, relações de poder, crenças etc. A interpretação dada ao que o discurso aponta, por sua vez, não é fixa ou pré-determinada, mas construída dentro da interação e das práticas sociais em que está inserido. A título de exemplificação, há um trecho em “Americanah” que narra o início da vida da protagonista nos EUA. A memória em questão retoma uma das aulas que Ifemelu teve em uma universidade americana. Nesta aula, a professora coloca a série “Raízes”¹⁹ para a turma assistir e, ao final, faz uma pergunta a fim de gerar uma discussão voltada para as representações históricas no cinema/televisão. A pergunta, no entanto, é ignorada pelos alunos, que começam a discutir sobre o motivo pelo qual a palavra *nigger* (em português, crioulo) foi censurada no vídeo. Alunos vindos de

¹⁸ Tradução livre: “Associar cultura apenas aos seus textos resultantes é perder de vista o fato de que os textos (como os conhecemos, os produtos dos processos culturais contínuos) representam apenas uma fase ‘coisificada’ em uma concepção mais ampla do processo cultural.”

¹⁹ A série Raízes (título original: *Roots*) foi lançada em 1977 e acompanha a família de Kunta Kinte, personagem capturado em uma vila africana e levado como escravo para os Estados Unidos.

diferentes contextos (afro-americanos, imigrantes africanos e americanos brancos) dão suas opiniões sobre a necessidade – ou não – de se manter a palavra *nigger* sem censura:

‘A questão é que toda vez que você fala essa palavra, isso machuca os afro-americanos’, disse um menino pálido de cabelos bagunçados na frente da sala. Ifemelu ergueu a mão; *Luz em agosto*, de Faulkner, que ela havia acabado de ler, estava em sua mente. ‘Não acho que machuque sempre. Acho que depende da intenção e também de quem está usando.’

Uma menina ao seu lado ficou com o rosto muito vermelho e falou abruptamente:

‘Não! A palavra é a mesma, não importa quem diz’. (ADICHIE, p. 151, 2014).

Neste excerto, há personagens inseridos no mesmo contexto (o da sala de aula) discutindo sobre um vídeo assistido ao mesmo tempo por todos os alunos ali presentes e debatendo sobre o mesmo assunto: o uso da palavra *nigger*. No entanto, como aponta Collins (2020), as inferências nem sempre são compreendidas da mesma maneira por todos os envolvidos na interação. Enquanto, para alguns, o efeito produzido pelo uso da palavra evoca memórias de escravidão e sofrimento, a mesma palavra, para outros alunos, pode ter significados variados, a depender do contexto em que é inserida. Na discussão em questão, Ifemelu, recém-chegada nos EUA, interpreta o uso da palavra *nigger* e os efeitos provocados por ela como dependentes de um contexto. Isto é, a depender da intenção do falante e do contexto em que ele(a) utiliza o termo, efeitos racistas podem ser produzidos ou não.

Para observarmos e entendermos como a linguagem age na sociedade, podemos lançar mão de teorias analíticas como a proposta por Silverstein (2003), chamada ordem indexical. Segundo o pesquisador, o conceito de ordem indexical seria “*necessary to showing us how to relate the micro-social to the macro-social frames of analysis of any sociolinguistic phenomenon*” (SILVERSTEIN, 2003, p. 193)²⁰. Em outras palavras, a partir de análises de indexicalidade, observamos a relação entre a linguagem e seus efeitos nas práticas sociais. Em consonância com tal pressuposto, destacamos Melo (2019, p. 877), quando aponta que “*according to Silverstein (2009, p. 756), indexicality is a*

²⁰ Tradução livre: “é necessário para nos mostrar como relacionar as dimensões microsociais e macrosociais na análise de qualquer fenômeno sociolinguístico”.

*principle of contextualization, both linguistic and of other signs in use. Moreover, it indicates how semiotic resources point to the contextual conditions employed*²¹.

Como destacado no exemplo citado, os efeitos produzidos na e pela linguagem e as ações provocadas por ela podem construir, como mencionado anteriormente, memórias, e estas, por sua vez, são coletivas ainda que os integrantes do grupo não tenham vivido a mesma experiência. As memórias, portanto, não são aqui entendidas como uma mera reprodução de acontecimentos, mas como um campo de estudo que tem sido objeto de análise ao longo das últimas décadas (cf. HALBWACHS, 1968; POLLAK, 1992; GONDAR, 2016). Na próxima seção, revisaremos algumas obras da literatura cânone nos estudos em memória e discutiremos os conceitos relativos a este campo que estruturarão também a análise do romance aqui estudado.

2.3 Memória: um jogo entre lembrar e esquecer

O debate sobre memória tem centralidade para a discussão da formação das ciências humanas e sociais nos séculos XIX e XX e permanece como um centro de discussão atual. Há também, nas várias tradições linguísticas e filosóficas, exemplos de categorias, palavras e expressões que têm equivalência na qualificação da forma como se representa a relação temporal entre o antes, o agora e o depois.

Conforme aponta a pesquisadora Maria Ferraz (2010), o conceito de memória, proveniente do campo das neurociências, se expande pela mídia e entretenimento a partir do século XIX. A definição, porém, é vulgarizada e reduzida ao conceito de arquivamento. Ou seja, memória é aquilo que cultivamos e guardamos. Ao citar o filósofo francês Henri Bergson, Ferraz indica que Bergson rompe com as teorias da época de que o cérebro seria um reservatório de memória: “as lembranças não estariam situadas nem arquivadas em células do cérebro. O esquecimento tampouco equivale a uma operação meramente negativa, de aniquilação das lembranças” (FERRAZ, 2010, p. 72). Para Bergson, passado e presente não devem ser vistos como elementos isolados, haja vista

²¹ Tradução livre: “De acordo com Silverstein (2009, p. 756), a indexicalidade é um princípio de contextualização, tanto linguística quanto de outros sinais em uso. Além disso, ela indica como os recursos semióticos apontam para as condições contextuais utilizadas.”.

que é através da memória que o passado se faz presente. Há, para o filósofo, uma relação de simultaneidade entre o passado/memória e o presente/vivido.

Friedrich Nietzsche, filósofo alemão, também apresentou discussões acerca da memória e do esquecimento. De acordo com Ferraz (2010, p. 112), “para Nietzsche, esquecer seria não apenas uma atividade, mas uma atividade primordial, primeira”. Para o filósofo, a possibilidade de ressignificar e aprender com a memória tem direta relação com o esquecimento.

Tais discussões propostas por estes e por outros autores, como o romancista francês Marcel Proust, têm sido tema de pesquisas e textos, mas, no que tange as teorias basilares no campo da memória social, destacam-se as contribuições de Maurice Halbwachs. Filósofo e sociólogo, Halbwachs defendia que a memória atua como uma forma de ação no tempo presente. Para o estudioso, a memória pode ser compreendida como um fenômeno coletivo. Desta forma, para construir sua memória, o indivíduo se ancora em diferentes quadros sociais: a instituição família, a religião e a classe social. Halbwachs (1968) afirma que tais quadros são sociais, e não individuais, porque estamos inseridos em grupos (familiares, religiosos etc.) e nossas recordações surgem a partir de nossas vivências em conjunto. Para ele, portanto, até as memórias que consideramos individuais estão, na verdade, inseridas em quadros sociais e são, também, coletivas.

Halbwachs aponta ainda que as lembranças são construídas conforme a ótica e perspectiva que se apresenta no momento em que se recorda:

Nuestra memoria, sin duda, retoma, a medida que avanzamos, buena parte de lo que parecía haberse escurrido, aunque de una forma nueva. Todo sucede como cuando un objeto es visto bajo un ángulo diferente, o cuando es iluminado de manera diferente (HALWACHS, 2004, p. 106).

Tais ângulos, por sua vez, propiciam um jogo de esquecimento e de lembrança. Esta dinâmica, segundo Halbwachs, não é neutra, mas se dá através de uma pressão proporcionada pela sociedade:

Pero creemos que la mente reconstruye sus recuerdos bajo la presión de la sociedad [...]. Cuando juzgamos así con posterioridad a aquellos que fueron nuestros compañeros, nuestros amigos, nuestros padres, somos quizás más justos con ellos. La sociedad, en el momento presente, no nos revela tal vez sino sus aspectos más atrayentes: no es sino tardamente, por la reflexión y el recuerdo, que nuestra impresión se modifica (HALBWACHS, 2004, p.136-137).

Ou seja, nossas recordações de eventos passados, de lugares e de indivíduos estão em constante modificação. Isso ocorre porque, cada vez que recordamos, nos encontramos em um tempo presente diferente e este, por sua vez, proporciona uma perspectiva única sobre uma lembrança.

Outro nome de grande relevância para os estudos em memória social, Michael Pollak, sociólogo e pesquisador, se dedicou a estudos relacionados à política, às ciências sociais e à identidade social de indivíduos em situações limites. Seus trabalhos e pesquisas, que têm sido utilizados no campo da memória social, trazem uma contribuição à discussão iniciada por Halbwachs. Pollak, ao tratar da relação entre memória e identidade social, aponta que, ao passo que a memória é mutável, nela há alguns pontos invariantes. Estes componentes, chamados pelo pesquisador de elementos constitutivos da memória, dividem-se em três aspectos. Primeiramente, temos os acontecimentos, que podem ser subdivididos em “acontecimentos vividos pessoalmente” (POLLAK, 1992, p. 2) e “acontecimentos vividos por tabela” (POLLAK, 1992, p. 2). Estes seriam aqueles vividos pelo grupo ao qual o indivíduo tem a sensação de pertencimento. Neste caso, a pessoa que mobiliza aquela memória pode não ter participado do momento rememorado, mas o imaginário construído a partir de tal lembrança tem tamanha potência capaz de produzir no indivíduo a sensação de que ele(a) teve participação na situação em questão. Já o segundo elemento constitutivo de memória, segundo Pollak, diz respeito às pessoas ou personagens. Mais uma vez, o efeito causado pela memória pode ser tal que, apesar de não ter conhecido ou vivido na mesma época que determinado personagem de uma memória, há a possibilidade de identificação por parte de outros sujeitos localizados em um espaço-tempo diferente do da lembrança. O terceiro critério constitutivo de memória diz respeito aos chamados lugares de memória, capazes de evocar lembranças individuais ou coletivas:

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. (POLLAK, 1992, p. 212).

Uma outra característica da memória tem relação com seu aspecto seletivo (POLLAK, 1992). Isto é, as memórias são selecionadas e, portanto, construídas. Ao

fazermos escolhas sobre o que lembrar, construímos uma memória. Esta, por sua vez, não permanece a mesma, mas é reconstruída continuamente em função de diversos fatores, como, por exemplo, o momento em que ocorre a articulação da memória. No que tange às memórias individuais, Pollak afirma que tais modificações e reconstruções podem ocorrer de forma consciente ou inconsciente através das relações que são estabelecidas. Em “Americanah”, ao relembrar o início de sua vida nos EUA, Ifemelu constrói memórias relacionadas a estudantes africanos que, assim como ela, haviam mudado de país e de continente para estudar em uma universidade americana. Nestas memórias, a protagonista relembra momentos vividos por ela e pelos demais colegas nos Estados Unidos. Para eles, tais memórias traziam um senso de pertencimento e de coletividade ao grupo de estudantes:

Eles contavam, brincando, o que os americanos lhes falavam: *Você fala inglês tão bem. Tem muita aids no seu país? É tão triste que as pessoas vivam com menos de um dólar por dia na África.* E eles próprios caçoavam da África, trocando histórias de absurdos, de tolice, e sentiam-se seguros para caçoar, porque era algo que nascia de uma saudade, de um desejo desesperado de ver aquele lugar de novo. Ali, Ifemelu tinha uma leve sensação acalentadora de renovação. Ali, ela não precisava se explicar. (ADICHIE, 2014, p. 152).

Como defendido por Pollak (1992), em um grupo ou coletividade, são construídas memórias de eventos que não necessariamente foram vividos ao mesmo tempo e no mesmo local por todos os integrantes. Isso, no entanto, não impede que haja uma sensação de pertencimento e de memória compartilhada pelos indivíduos que compõem o grupo, como no trecho mencionado. Há, em tais negociações – como apontado anteriormente –, escolhas sendo feitas. Tais escolhas dizem respeito ao que lembrar, manter, esquecer ou recalcar. Alinhada a tais teorias, Jo Gondar (2016) aponta que, neste jogo entre lembrança e esquecimento, pode-se considerar que há uma intencionalidade. Escolher entre o que lembrar e o que esquecer configura, portanto, uma prática de poder que atua através do recalçamento, da censura, entre outros.

Além disso, conforme nos aponta Gondar (2016, p. 35-36),

[se] reduzirmos a memória a um campo de representações, desprezaremos as condições processuais de sua produção. Tomaremos como dado justamente o que deveria ser explicado: como foi que, em uma certa sociedade e em uma certa época, algumas forças se conjugaram para formar uma representação? (...) A memória, contudo, é bem mais que um conjunto de representações; ela se exerce também numa esfera irrepresentável: no corpo, nas sensações, nos afetos, nas invenções e nas práticas de si.

Entendemos, portanto, memória como um processo capaz de mobilizar afetos, poder e relações. Uma outra característica que concerne à memória diz respeito às maneiras pelas quais ela pode ser construída. Ao compartilharmos uma memória, o fazemos através da narrativa. Isto é, recorremos a recursos narrativos para elaborar uma memória. Por essa razão, faz-se necessário compreender de que maneiras as memórias podem ser construídas na/pela narrativa.

Partimos do pressuposto de que o jogo lembrança-esquecimento ganha existência por conta da linguagem. No debate sobre memória negra, Alex Haley (citado indiretamente no livro “Americanah”, quando se discute a série “*Roots*”) usa a categoria *griot* e “arquivo negro” para falar da oralidade na história. Chimamanda Adichie utiliza uma categoria igbo para explorar tal assunto: *nkali* – que significa poder, grandeza e história contada²². Para ela, a história/memória única é uma forma de estabelecer a grandeza de um grupo, povo ou situação e de estereotipar outro. Para a autora, a literatura e a história unem-se no intento de evitar a história única, marcada pelo colonialismo e apagamento das narrativas e identidades sociais na diáspora.

Em “Americanah” (2014), as memórias da protagonista sobre sua vida na Nigéria e, anos depois, nos Estados Unidos, são mobilizadas em um momento de sua vida em que há um afastamento temporal considerável entre a Ifemelu que recorda e a Ifemelu que viveu tais experiências. Ao recordar sua adolescência, por exemplo, a personagem se encontra em uma fase da vida adulta em que há estabilidade financeira, conquistas acadêmicas e profissionais. Conforme mencionado anteriormente, Butler (1997) aponta a linguagem como a própria ação. Ou seja, agimos no mundo com a linguagem. Entendemos, assim, a linguagem como a própria ação de lembrar e de esquecer, pois é a linguagem que dá existência às lembranças e ao apagamento delas. Ao analisar as narrativas de Ifemelu e dos personagens com quem ela interage em sua vida afetivo-sexual, a protagonista mobiliza memórias, faz ações de lembrar quais efeitos marcam-lhe o corpo com sentimentos, por exemplo, de alegria, de tristeza ou de reflexão. Por esta razão, ao analisar uma obra literária como “Americanah”, buscamos investigar de que maneira a narrativa utilizada aponta para performances identitárias da protagonista

²² Cf. O perigo de uma história única, 2019, p.23.

construídas ao longo do romance. Para tanto, faz-se necessário observar que papel têm as memórias presentes no livro para tal construção.

2.1. Narrativa como performance

Conforme nos apontam Bastos e Biar (2015), estudos acerca das narrativas têm crescido nas últimas décadas em diferentes áreas de pesquisa, como, por exemplo, a Educação, a História e a Antropologia. Tal interesse se deve, de acordo com as autoras, a uma virada discursiva dentro do campo da análise interpretativista. Para compreender tal virada, no entanto, faz-se necessário resgatar, brevemente, os conceitos precursores da área, bem como os pontos que levaram a uma mudança de paradigma.

Uma das primeiras definições de narrativa, em tempos chamados pré-teóricos por Bastos e Biar (2015), é a de que se trata de um “discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situação de entrevista para pesquisa pessoal” (BASTOS e BIAR, 2015, p. 99). No campo da linguagem, Labov, o primeiro teórico a estudar as narrativas, definiu como elemento de estudo a estrutura sintática. Para ele, a narrativa era a maneira pela qual o orador recapitulava discursivamente experiências anteriores em uma sequência lógica de orações. De acordo com a definição proposta por Labov, a narrativa se trata de: “um método de recapitular experiências passadas combinando uma sequência de orações com uma sequência de eventos que (infere-se) realmente ocorreram” (LABOV, no prelo). Dessa forma, Labov desenvolveu ferramentas analíticas, como a observação de recursos sintáticos e verbais, para observar diferentes aspectos dentro da narrativa, como as emoções, os afetos e os posicionamentos dos falantes. É importante destacar que os estudos realizados por Labov sobre narrativa tinham como objeto de estudo entrevistas gravadas e posteriormente transcritas. Assim, a pesquisa desenvolvida focava em analisar as relações entre os entrevistados (narradores das histórias) e os entrevistadores (pesquisadores).

Para Labov, dentro da definição de narrativa, havia duas subdivisões: a narrativa mínima e a narrativa completa. A primeira subdivisão fora por ele definida como “uma sequência de duas orações temporalmente ordenadas” (LABOV, no prelo), enquanto a segunda pode apresentar um resumo, uma orientação, uma ação complicadora, uma

avaliação, um resultado ou solução e uma coda. Para o estudioso, uma narrativa também pode ser considerada uma composição de perguntas implícitas, como “sobre o que é a história?” ou “o que aconteceu depois?” (LABOV, no prelo).

A partir de tais conceitos fornecidos por Labov, outras percepções acerca da narrativa surgem no campo de estudos narrativos, gerando uma virada interpretativista. Tal mudança se deu por alguns fatores, como a crítica ao positivismo nas ciências sociais e o surgimento de pesquisas acerca da memória em consonância com uma revalorização da cultura popular e da difusão da cultura terapêutica como, por exemplo, a psicanálise. Além destes fatores, Bastos (2005, p. 75) aponta que a virada narrativa “ocorre no contexto de uma mudança de paradigma científico, que critica, por exemplo, metodologias mais tradicionais de pesquisa (a formalização, a experimentação, a quantificação), pautadas em modelos das ciências exatas”. Sendo assim, ferramentas metodológicas tradicionais não seriam, segundo a autora, suficientes para realizar pesquisas de cunho qualitativo e interpretativista, pois estas se dão em contextos complexos de fenômenos sociais. Essa virada narrativa, portanto, proporcionou uma mudança de paradigma ao focar no estudo do discurso, e não apenas das estruturas sintáticas presentes na fala do narrador. Estudos narrativos passam, então, a ser vistos como uma forma de melhor entender a vida social e as interações que ocorrem em diferentes espaços.

Neste sentido, Catherine Riessman, uma das pesquisadoras contemporâneas dos estudos narrativos, expande a discussão acerca de tal área e aponta que o termo “narrativa” possui, na verdade, diferentes significados. Segundo Riessman (2005), a análise narrativa não ocorre da mesma maneira em qualquer tipo de dado. Ao contrário, há diferentes perspectivas de análise que podem ser utilizadas, separadamente ou de maneira combinada, a depender dos dados a serem observados. Conforme a pesquisadora, uma das possíveis abordagens seria a análise temática, que tem por objetivo observar o conteúdo do texto. A linguagem, aqui, é vista como um recurso utilizado nas narrativas. A análise estrutural, por sua vez, enfatiza a contação da estória. Em outras palavras, há um interesse em observar como a estória é contada: foca-se na observação dos componentes envolvidos em sua estrutura. Para isso, faz-se necessário realizar análises sintáticas, estratégia que limita a quantidade de dados a serem observados. É importante

notar que, quando utilizadas sozinhas, tanto a análise temática quanto a estrutural podem acarretar problemas relacionados à contextualização que, por sua vez, podem implicar em análises incompletas ou equivocadas dos dados.

Já na análise interacional, há um processo dialógico entre narrador e ouvinte: *“Interest shifts to storytelling as a process of co-construction, where teller and listener create meaning collaboratively”* (RIESSMAN, 2005, p. 4). Por fim, há a análise performativa, abordagem a ser utilizada na presente pesquisa. Aqui, a atenção não se volta apenas para a estrutura ou para o tema e os usos linguísticos, mas para as demais características que compõem o ato de contar histórias. Isto é, o narrador vai além de alguém que diz algo para outro participante na interação. Há uma performatividade na ação de narrar, pois é a partir dessa ação que efeitos são causados e podem ser observados nas práticas sociais.

Nessa perspectiva, compreende-se que a narrativa serve a diferentes propósitos (cf. Riessman, 2008). Como uma performance individual, a narrativa pode servir para lembrar, esquecer, justificar, persuadir ou entreter a audiência. Já como uma performance coletiva, a narrativa pode atuar mobilizando outros indivíduos e produzir um senso de pertencimento. Há, nesse sentido, uma conexão entre a narrativa e o poder. Através da contação de histórias, narradores não só argumentam e convencem a audiência, mas também criam conexões e identificações com seus ouvintes. Em resumo, ao contarmos histórias, produzimos efeitos em quem nos ouve.

Ao relembrar um de seus relacionamentos amorosos, a protagonista Ifemelu destaca o momento em que conheceu Claire, tia de Curt, seu então namorado. Nesta situação de encontro e apresentação de parceiros afetivos a integrantes da família, espera-se que ocorra um determinado tipo de interação. Perguntas sobre emprego, gostos e interesses pessoais ou família, por exemplo, costumam ser feitas quando conhecemos alguém em uma situação de informalidade. A interação entre a tia Claire e Ifemelu, no entanto, tem uma outra característica:

Mas, certa vez, eles foram visitar a tia de Curt, Claire, em Vermont, uma mulher que tinha uma fazenda de produtos orgânicos, andava descalça e falava sobre o quanto aquilo a fazia sentir-se conectada com a terra. Por acaso Ifemelu tinha tido uma experiência parecida na Nigéria?, perguntara ela, fazendo uma cara de decepção quando Ifemelu respondeu que sua mãe lhe daria um tapa se ela saísse sem sapatos. Durante toda a visita, Claire falou sobre seu safári no

Quênia, sobre a elegância de Mandela, sobre sua adoração por Harry Belafonte, e Ifemelu temeu que fosse começar a usar as gírias dos negros americanos ou a falar suaíli’.

Depois que eles deixaram sua enorme casa, ela disse: ‘Aposto que ela seria uma mulher interessante se fosse ela mesma. Não preciso que se esforce tanto para me assegurar que gosta de pessoas negras’. (ADICHIE: 2014, p. 247).

Neste trecho, que será analisado com maior profundidade no capítulo 4, podemos observar diferentes performances sendo encenadas na narrativa. Claire, por exemplo, faz a ação de tentar se aproximar de Ifemelu a partir de questões estereotipadas do que ela acredita ser a África. Em contrapartida, o efeito causado por esta ação não é o esperado reconhecimento ou entendimento por parte de Ifemelu, mas o choque, a negação e a surpresa quando a protagonista não compartilha das mesmas imagens da África citadas pela tia. Neste excerto da narrativa, portanto, observamos duas personagens interagindo e, dentro da interação, encenando performances distintas. Como nos indicam Melo e Lopes (2014, p. 549),

a narrativa como performance é um ato performativo, em que sujeitos sociais podem ser reinventados e modificados; por meio dela, as práticas e normas sociais podem ser transformadas, já que é uma performance discursiva ou um fazer pela linguagem. Os participantes estariam, então, construindo a vida social ao focalizar certas histórias, optar por alguns posicionamentos interacionais e ao interagir com outros na performance.

É importante frisar que o ato de narrar está diretamente ligado à concepção de memória como construção, criação, ação e efeito. Contamos estórias de situações passadas motivados por questões no presente. Ao elaborarmos determinada situação em forma de narrativa, apresentamos um ponto de vista sobre algo que já aconteceu. Da mesma maneira que a memória é seletiva (escolhemos o que lembrar, o que colocar em destaque e o que esquecer), a narração também é. Os pontos a serem lembrados ou esquecidos na estória dependem de quem ouve, por que ouve, para que ouve, do narrador, do evento em curso e de outros elementos. De outra forma, há uma ação sendo produzida no ato de narrar e esta gera efeitos na audiência. Os sentidos, no entanto, não são construídos unilateralmente, mas surgem a partir da interação entre o narrador e os ouvintes, como destaca Lopes (2021, p. 24):

Ao contar uma história, o narrador se envolve na construção do mundo social e na construção de si mesmo e dos outros tanto como parte dos eventos narrados quanto como parte da prática narrativa em que está situado. É neste

sentido que a narrativa performa ou encena quem o narrador é ao contar a história com base nos eventos que escolhe narrar, em como os narra, nos personagens que povoam sua narrativa, em como tais personagens se posicionam um em relação ao outro e em como ele encena sua performance narrativa à luz de quem é sua audiência.

No que tange ao modo como o narrador escolhe narrar, este pode, inclusive, fazê-lo sem necessariamente seguir uma sequência cronológica dos momentos que compõem sua história. Para Elliot G. Mishler, psicólogo social cuja pesquisa tem grande relevância para os estudos acerca da narrativa, o tempo cronológico nada tem a ver com o tempo narrativo. Enquanto o primeiro diz respeito à sequência de eventos de determinada história, o tempo narrativo tem relação com a linha do tempo que é construída dentro da narração. Além do mais, o autor aponta que pautar a interpretação de uma narrativa meramente em um enquadre cronológico pode não ser o melhor caminho a ser seguido nas pesquisas sobre narrativa:

O uso de um modelo de tempo de relógio para estudar sujeitos humanos – e outras espécies vivas com capacidade variável para memória, consciência etc. – somente se justifica se os despirmos, teoricamente, é claro, dessa capacidade e se os tratarmos como objetos materiais. Contudo, se desejamos entender como os indivíduos aprendem, mudam e se desenvolvem, precisamos ter uma alternativa ao modelo causal de ordem temporal linear, uma alternativa que dê espaço aos indivíduos para agirem no presente e em direção a um estado futuro desejável ou para longe de um estado indesejável de coisas futuras. (MISHLER, 2002, p. 104).

Podemos observar também que a narrativa, para Mishler, está para além do ato de enumerar situações de uma mesma história de maneira cronológica. Para que a história narrada seja compreendida pelos ouvintes/leitores, observa-se a necessidade uma “conexão significativa entre os episódios” (MISHLER, 2002, p. 98), com um começo, um meio e um final. Para que a história contada seja entendida, o tempo narrativo atua construindo as conexões. Enquanto isso, o ordenamento temporal, isto é, o tempo cronológico, atua como uma das estratégias que podem ser utilizadas para criar uma organização entre os eventos da narração.

O pesquisador aponta, ainda, que narrar é uma maneira de olhar para o passado em retrospectiva, criando possibilidades de reconstrução da memória. Isto ocorre porque o narrador, afastado da situação que escolhe narrar e inserido na perspectiva que possui no presente, tem a possibilidade de se voltar para aquele acontecimento com um outro foco. Conforme nos aponta Mishler (2002, p. 105), “o passado não está gravado em pedra,

e o significado dos eventos e experiências está constantemente sendo reenquadrado dentro dos contextos de nossas vidas correntes e em curso”. Ao lembrarmos de eventos passados, invariavelmente atingidos pelo momento presente, criamos novos significados e nos reposicionamos em relação às memórias que se apresentam.

Uma outra característica apontada por Mishler (2002) sobre narrativas é a de que, geralmente, em histórias de vida – como em “Americanah”, por exemplo –, há situações nomeadas pontos de virada. Estes pontos são situações específicas e repentinas que, na concepção do narrador, modificam sua própria interpretação e entendimento do passado. Em outras palavras, os pontos de virada são eventos dentro da narrativa que desencadeiam, de forma inesperada, uma nova perspectiva do passado. Esta mudança de perspectiva, por sua vez, gera no narrador uma nova percepção de si mesmo em relação a tal evento, e tal mudança prova efeitos na maneira como ele age no presente. Como apontado por Mishler (2002, p. 108), “algumas vezes, os pontos de virada levam a uma re-historiação do passado e à adoção de uma nova identidade que muda o significado das relações passadas”.

Processos de re-historiação, como indicado pelo pesquisador, ocorrem a todo tempo em nossas vidas e, em muitos dos casos, através dos pontos de virada. Somos posicionados e nos posicionamos de diferentes formas “em nossas relações com os outros, que constituem nossos diversos mundos sociais” (MISHLER, 2002, p. 110). No romance “Americanah”, há momentos na narrativa em que a personagem, através das memórias reconstruídas, aponta para pontos de virada ao longo de sua trajetória. Estes dizem respeito, principalmente, a um processo de construção da personagem como mulher negra e serão observados e discutidos no terceiro capítulo desta dissertação a partir das memórias dos relacionamentos afetivo-sexuais de Ifemelu em diferentes momentos de sua vida.

Faz-se necessário destacar que os autores aqui apresentados, no que tange a narrativa, tratam de relatos de experiência e da narrativa na modalidade oral, enquanto o objeto de estudo desta dissertação, por sua vez, é uma obra de ficção. Apesar disso, conseguimos encontrar contribuições na teoria apresentada por tais autores que podem ser utilizadas na análise do romance “Americanah”. Em outras palavras, ainda que a

concepção da teoria produzida por esses autores não tenha um olhar direcionado à narrativa na modalidade escrita, compreendemos que seu trabalho contribui para a pesquisa aqui desenvolvida.

Isso posto, ressaltamos que as análises aqui apresentadas são ancoradas nos pressupostos de narrativa como performance e têm, como ferramenta metodológica, os construtos de indexicalidade. Partimos do entendimento de linguagem como ação performática e tencionamos observar, dentro da narrativa, quais categorias são indexicalizadas à protagonista do romance e de que modo elas são indexicalizadas. Para isto, focaremos em excertos presentes nos capítulos 5, 12, 18, 20, 34, 38, 40, 44, 46, 54 e 55 do livro. A seleção dos excertos a serem analisados se deu pelo recorte escolhido na pesquisa, a saber, episódios em que comparecem memórias de interação entre a protagonista e três namorados que teve ao longo de sua vida (da adolescência à fase adulta). Antes de apresentar as análises de tais trechos, faz-se necessário discutir as categorias raça e gênero. O capítulo a seguir, portanto, tem por objetivo apresentar o arcabouço teórico relacionado a tais categorias.

3 A MULHER NEGRA E OS EFEITOS DAS CATEGORIAS RAÇA E GÊNERO

“Brown skin girl

Your skin just like pearls

The best thing in the world

Never trade you for anybody else.”

Beyoncé

Conforme apresentado na introdução desta dissertação, o presente capítulo tem por objetivo discutir o que vem a ser o racismo e quais são os seus desdobramentos na sociedade. Para isto, primeiramente é necessário recorrer à origem etimológica da palavra raça. O conceito de raça, ao contrário do que se possa imaginar, nem sempre foi utilizado para caracterizar seres humanos. Conforme nos aponta Silvio Almeida (2020, p. 24, grifo do autor), a raça “não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da *raça* sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito *relacional e histórico*”.

O conceito social de raça encontra-se intimamente vinculado ao colonialismo e à expansão econômica, social e política dos países do continente europeu. A categoria foi usada para classificar a diversidade étnica e cultural e, ao mesmo tempo, para criar uma hierarquia que justificava a desumanização dos colonizados, afirmando a superioridade dos povos indo-europeus, também classificados como “brancos”, em várias acepções e variações. Usada como sinônimo de nação, mas também, na teologia cristã, para falar do pecado dos povos não brancos na África que seriam “filhos de Cam” (ver explicação abaixo), a noção de raça foi central no cotidiano da formação dos Estados nacionais e estratégica para justificar a escravidão moderna e a diáspora africana nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. Na colonização da América, África e Ásia, ela se tornou central como categoria de governo, ou necropolítica, como argumenta Mbembe (2018).

Entre os séculos XVI e XVII, tal conceito passa a ser utilizado pela nobreza francesa nas relações entre as classes sociais. Assim, a nobreza local, que se identificava com os Francos, de origem germânica, se considerava superior aos Gauleses, que eram a população identificada como a plebe da época. Com o avançar dos séculos, diversos

pensadores buscaram teorizar sobre o homem e é neste contexto que surgem as primeiras concepções de raça humana. Tais estudos ganham força no século XVIII com o Iluminismo, uma corrente filosófica que impulsiona revoluções em diversas nações. É no conhecido “Século das Luzes” que surgem questionamentos acerca do entendimento da época sobre quem são os “outros” em relação ao pensador europeu. Em busca de respostas que atendessem aos interesses dos detentores de poder político, estudiosos utilizam, então, a teoria das raças trazida da Zoologia.

Segundo Almeida (2020), a partir de uma perspectiva que se dizia voltada à racionalidade, tal projeto iluminista tinha como objetivo estudar o homem e, para tanto, “constituiu as ferramentas que tornariam possível a *comparação* e, posteriormente, a *classificação*, dos mais diferentes grupos humanos com base nas características físicas e culturais” (p. 26, grifo do autor). Em nome de uma suposta modernização da sociedade rumo à construção de uma civilização, há uma transformação de uma estruturação política do capitalismo. Tais transformações se deram por meio das conhecidas revoluções francesa, inglesa e americana (ALMEIDA, 2020).

Sob a justificativa de base iluminista de “composição filosófica do homem universal” (ALMEIDA, 2020, p. 26) como elemento norteador da civilização, massacres, destruição e espoliação ocorreram ao redor do globo. O colonialismo e o racismo, portanto, trazem profundas contradições para o ideal iluminista. As promessas de igualdade e liberdade da Revolução Francesa não são estendidas, por exemplo, aos haitianos que, em 1791, reivindicam tais direitos na chamada Revolução Haitiana. O objetivo de tamanha violência, segundo essas correntes filosóficas, seria o de colonizar povos desprovidos desta dita civilização. No ideal iluminista, a raça, então, passa a ser utilizada para categorizar indivíduos e separá-los entre aqueles que dominam e os que precisam ser dominados e controlados. De acordo com Almeida (2020, p. 28):

Ora, é nesse contexto que a raça emerge como um conceito central para que a aparente contradição entre a universalidade da razão e o ciclo de morte e destruição do colonialismo e da escravidão possam operar simultaneamente como fundamentos irremovíveis da sociedade contemporânea. Assim, a classificação de seres humanos serviria, mais do que para o conhecimento filosófico, como uma das tecnologias do colonialismo europeu para a submissão e destruição de populações das Américas, da África, da Ásia e da Oceania.

A partir de tais construções discursivas, a argumentação a favor da existência de uma categorização de raça continua a ganhar força e encontra uma aliada no século XIX: a ciência. A filosofia positivista atua, assim, embasando-se em justificativas elaboradas nas áreas da Biologia e da Física para justificar a inferioridade de determinados grupos em relação a outros:

[...] nasce a ideia de que características biológicas – determinismo biológico – ou condições climáticas e/ou ambientais – determinismo geográfico – seriam capazes de explicar as diferentes raças. Desse modo, a pele não branca e o clima tropical favoreceriam o surgimento de comportamentos imorais, lascivos e violentos, além de indicarem pouca inteligência. (ALMEIDA: 2020, p. 29).

Avançando um pouco mais no tempo para o século XX, encontramos estudos antropológicos que começam a ganhar destaque neste campo. Em tais pesquisas, estudiosos apontam para a “inexistência de determinações biológicas ou culturais capazes de hierarquizar a moral, a cultura, a religião e os sistemas políticos. A constatação é a de que não há nada na realidade natural que corresponda ao conceito de raça” (ALMEIDA: 2020, p. 31). Dessa forma, entende-se que raça é, na verdade, um construto político e sem relação com fatores biológicos. Segundo Munanga (2004), a classificação de indivíduos em raças gerou uma teoria pseudocientífica e esta, por sua vez, tinha um cunho doutrinário. Tal teoria tinha como propósito justificar a dominação racial. Por isso, vê-se que o conceito de raça é ideológico e possui ligação direta com as relações de poder e de dominação.

Ao analisarmos a palavra raça dentro do campo semântico, percebemos que há significados diferentes para ela, a depender do espaço geopolítico em que é utilizada. Ser negra no Brasil não significa a mesma coisa que ser negra na Nigéria ou nos Estados Unidos, por exemplo. O termo em questão, portanto, nada tem a ver com biologia ou com traços morfológicos semelhantes. Raça é um termo cujas definições são político-ideológicas. Após compreendermos como o conceito de raça foi construído ao longo do tempo, é possível entender melhor o que vem, então, a ser o racismo. Conforme Munanga (2004, p. 24), “o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural”. Para o racista, a raça vai além dos traços físicos utilizados para separar indivíduos em grupos. Raça é grupo social que tem outras características em comum, tais

como: cultura, vestimenta, variações linguísticas, religião etc. O racismo, portanto, também diz respeito a um entendimento de que tais características são inerentes a dado grupo por serem uma consequência dos traços físicos que pessoas deste grupo possuem.

De acordo com Munanga (2004), há pelo menos duas origens para o racismo. A primeira delas estaria baseada na Bíblia, em uma passagem que se encontra em Gênesis, primeiro livro das Escrituras. Filósofos e religiosos teriam utilizado o capítulo 9 para justificar a escravidão de africanos. No trecho em questão, Noé, responsável por construir um grande barco para abrigar sua família e um casal de cada animal durante um dilúvio, teria se embriagado e ficado nu. Seus três filhos, representantes de três raças (branca, negra e amarela), o encontraram nesta situação e um deles, Cam, teria rido do estado de seu pai. Passado o estado de embriaguez, os demais filhos teriam contado o que ocorreu a Noé e ele, por sua vez, amaldiçoou Cam, ancestral da raça negra. Seu castigo seria o de ter seus filhos (ou descendentes) escravizados pelos filhos de seus dois irmãos.

A segunda origem, apontada por Munanga, estaria fincada nos estudos científicos da época. No século XVIII, o naturalista sueco responsável pela primeira classificação racial das plantas, Carl Von Linné ou Lineu, também realizou uma classificação racial humana. Lineu, além de classificar as pessoas em diferentes grupos, apresentou uma escala de valores de cada raça, resultando em uma hierarquização. Conforme esta hierarquização, o homem europeu é apontado como “branco, sanguíneo, musculoso, engenhoso, inventivo, governado pelas leis, usa roupas apertadas” (MUNANGA, 2004, p. 26). O americano é descrito como “moreno, colérico, cabeçudo, amante da liberdade, governado pelo hábito, tem corpo pintado” (MUNANGA, 2004, p. 26). O asiático, por sua vez, é “amarelo, melancólico, governado pela opinião e pelos preconceitos” (MUNANGA, 2004, p. 26), enquanto o homem africano é descrito como “astucioso, preguiçoso, negligente, governado pela vontade de seus chefes (despotismo)” (MUNANGA, 2004, p. 26).

Na mesma perspectiva de racismo trazida por Munanga, Grada Kilomba, em seu livro “Memórias da Plantação” ([2008]2019), também aponta que o racismo não se trata de fatores biológicos, mas de um ato discursivo. Para a pesquisadora, o racismo opera discursivamente no meio social definindo quais corpos devem ser protegidos e quais

devem ser subalternizados e explorados. Discursos, portanto, operam como narrativas que são contadas e disseminadas sobre pessoas, lugares, religiões etc. Este assunto foi abordado por Chimamanda Adichie, autora de “Americanah”, em uma conferência sua para o TED Talk, uma organização americana que posta vídeos de acesso gratuito sobre variados assuntos. Em sua fala, intitulada “*The Danger of a Single Story*” (O perigo de uma história única), Adichie aponta que histórias (ou narrativas) estão relacionadas ao poder. Isto é, a perspectiva em que uma narrativa é construída pelo narrador define qual visão o ouvinte terá sobre algo. Deste modo, a narrativa tem o poder de construir “realidades” ou “verdades” sobre determinado povo, por exemplo. É importante frisar, no entanto, que as realidades construídas dependem de quem se fala, para quem se fala, com qual motivação, entre outros fatores. Para exemplificar isto, Adichie narra durante a conferência – que depois foi transcrita e transformada em livro – a seguinte história:

Há pouco tempo dei uma palestra numa universidade e um aluno me disse que era uma grande pena que os homens nigerianos fossem agressivos como o personagem do pai no meu romance. Eu disse a ele que tinha acabado de ler um livro chamado O psicopata americano e que achava que era uma grande pena que os jovens americanos fossem assassinos em série. Bem, obviamente eu disse isso num leve ataque de irritação. Mas jamais teria me ocorrido pensar que, só porque li um romance no qual o personagem era um assassino em série, ele de alguma maneira representava todos os americanos. Não digo isso porque me considero uma pessoa melhor do que esse aluno, mas porque, graças ao poder econômico e cultural dos Estados Unidos, tive acesso a muitas histórias sobre esse país. (ADICHIE, 2019, p. 12-13).

Vê-se, a partir deste exemplo, que há narrativas hegemônicas sobre a África como um continente não urbanizado, violento, não tecnológico, carente etc. já as narrativas que existem em torno dos EUA, por outro lado, foram construídas de tal maneira que o país não é resumido a uma ou outra história. Há, na verdade, diversas histórias disponíveis acerca dos EUA. Sabendo que histórias produzem efeitos em quem as ouve, surge o questionamento: que efeitos têm sido produzidos a partir de narrativas de pobreza, fome e violência da África? A quem interessa contar tais histórias como a “verdade absoluta” sobre países africanos? Como apontado por Chimamanda, a questão sobre tais histórias é a criação de estereótipos sobre países, culturas e pessoas:

Todas essas histórias me fazem quem eu sou. Mas insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas outras histórias que me formaram. A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história. (ADICHIE, 2009, p. 10).

As histórias contadas sobre o continente africano e seu povo não são recentes nem surgiram ao acaso. Ao contrário, elas fazem parte de um projeto que visava justificar as atrocidades cometidas durante os séculos de escravização e colonização. Como aponta Munanga (2019), explicações científicas sobre as diferenças físicas entre negros e brancos, desde o formato do rosto, tamanho do cérebro, até as condições geográficas e climáticas das regiões africanas, foram usadas como argumentação para a invasão de territórios e sequestros. Tudo aquilo que pode ser associado à pessoa negra é, então, rechaçado:

A desvalorização e a alienação do negro estende-se a tudo aquilo que toca a ele: o continente, os países, as instituições, o corpo, a mente, a língua, a música, a arte etc. Seu continente é quente demais, de clima viciado, malcheiroso, de geografia tão desesperada que o condena à pobreza e à eterna dependência. O ser negro é uma degeneração devida à temperatura excessivamente quente. (MUNANGA, 2019, p. 35).

Retirados de suas terras, destituídos de seus direitos e de sua própria humanidade, homens e mulheres negros, inseridos nesta realidade hostil, têm como reação tentar se desvencilhar de tudo aquilo que pode caracterizá-los como negros. Segundo Munanga (2019), há, nos países colonizados, uma tentativa de embranquecimento através da assimilação da cultura do colonizador. As vestimentas, a alimentação, a estética capilar, a língua e até as relações afetivo-sexuais fazem parte de uma tentativa de imitar ou se assemelhar ao homem branco. No que diz respeito às relações afetivas, Munanga (2019, p. 42) aponta que “o homem negro tenta, através de relação afetiva com mulheres brancas, diminuir sua própria inferioridade causada pelo racismo. É uma maneira de se aproximar do ideal colonizador”. Franz Fanon, em “Pele negra, máscaras brancas” (2008, p. 58-59), aponta que o mesmo ocorre em relação a mulheres negras que buscam relacionarem-se com homens brancos:

Todas as mulheres de cor, desgrenhadas, à caça do branco, esperam. E certamente um dia desses se surpreenderão não querendo mais se atormentar, mas pensarão ‘em uma noite maravilhosa, um amante maravilhoso, um branco’. Porém também elas talvez compreendam um dia ‘que os brancos não se casam com uma mulher negra.’ Mas aceitam correr o risco, porque precisam da brancura a qualquer preço.

Todas estas tentativas, no entanto, não alcançam o objetivo esperado. O racismo persiste e se apresenta através de insultos, abusos, ridicularizações, maus-tratos etc. Há,

então, uma mudança de comportamento das pessoas negras em relação ao colonizador e sua cultura:

Era tempo de buscar outros caminhos. A situação do negro reclama uma ruptura, e não um compromisso. Ela passará pela revolta, compreendendo que a verdadeira solução dos problemas consiste não em macaquear o branco, mas em lutar para quebrar as barreiras sociais que o impedem de ingressar na categoria dos homens. (MUNANGA, 2019, p. 44).

É nesse contexto, então, que surgem os conceitos de negritude e de pan-africanismo. Há uma tomada de consciência por parte de alguns escritores de que, dentre todos os grupos que imigraram para os Estados Unidos da América, os africanos eram os únicos que sofriam com a discriminação e o apagamento de sua história. A partir de então, inicia-se um movimento de exaltação da cultura africana e da negritude. Munanga (2019) aponta dois dos principais nomes responsáveis por esta mudança de pensamento: W. E. B. Du Bois, considerado o Pai da Negritude, e Langston Hughes, conhecido como o representante do movimento Renascimento Negro.

Du Bois, nascido em 1863, teve grande influência sobre escritores negros americanos, pois, em suas falas e em seus textos, se manifestava contra os preconceitos e as “histórias únicas” que circulavam sobre a pessoa negra:

longe de lamentar-se de sua cor, como acontecia com alguns no passado, o movimento reivindica-a, encontrando nela fonte de glória. Tratava-se de ter a liberdade de se expressar como se é, e sempre se foi; de defender o direito ao emprego, ao amor, à igualdade, ao respeito; de assumir a cultura, o passado de sofrimento, a origem africana. (MUNAGA, 2019, p. 48).

Tal tomada de consciência não se limitou aos EUA. Estudantes negros de países colonizados começaram a viajar para a Europa, principalmente para Paris e Londres, para estudar nas universidades, e se depararam com uma realidade diferente da vivida nas colônias. Vindos de diferentes regiões, estes estudantes começaram a observar as semelhanças de tratamento vividas pelo povo negro pelo mundo, gerando uma consciência racial “de que a opressão sofrida não era apenas a de uma classe minoritária sobre uma outra majoritária inferiorizada, mas ao mesmo tempo a de uma raça, independentemente da classe social” (MUNANGA, 2019, p. 49). Somando-se a tais acontecimentos, há a influência das duas grandes guerras, nas quais pessoas negras se viram lutando por batalhas que não lhes diziam respeito. Neste contexto, inicia-se, então,

uma luta pela descolonização de países africanos. A independência política, no entanto, é recente, considerando países como a Nigéria, por exemplo, que só a alcançou em 1960.

Entender como se deu a construção de uma narrativa acerca da África, dos países africanos e do povo negro nos permite observar e compreender melhor as nuances do racismo através do tempo e, principalmente, na atualidade. Focamos, aqui, nos reflexos do racismo atualmente por tratarmos de um romance escrito em 2013 cuja narrativa se passa no início dos anos 2000. Tendo em vista, no entanto, que corpos negros são atravessados não só pelo racismo, mas também por outras categorias, iremos, a seguir, refletir sobre a interseccionalidade de raça, de gênero e de nacionalidade presentes na vida da protagonista.

3.1 Interseccionalidade e as implicações da categoria mulher negra

“A mulher negra é a mula do mundo”

Capitú, 2021²³

Ao narrarmos histórias em nossas interações sociais cotidianas, somos comumente questionados por quem nos ouve sobre as participantes envolvidas na situação contada. Dito de outra maneira, ao ouvirmos/lermos uma história cujos participantes não são conhecidos por nós, tendemos a procurar por uma descrição deles. Tal descrição, por sua vez, pode dizer respeito a traços de personalidade e a características físicas como, por exemplo, cor da pele, altura, cabelo. Quando contamos histórias, tendemos, também, a definir as pessoas das quais estamos falando separando-as em categorias como menino, menina, homem, mulher, senhor, senhora. Utilizar tais categorias pode parecer uma ação muito simples, comum e indiscutível. No entanto, autores, pesquisadores e filósofos têm caminhado na contramão do senso comum e proposto discussões acerca do que nos classifica e separa, enquanto seres humanos, entre homem e mulher, menino e menina.

²³ Frase proferida pela personagem Capitú, interpretada pela atriz Taís Araujo, no filme “Medida Provisória” (2020).

Judith Butler, pesquisadora e filósofa conhecida por seus estudos acerca de gênero, define-o em seu livro “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade” (2003, p. 37) como

[uma] complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências a um *telos* normativo e definidor.

Desta forma, Butler aponta que o gênero é, na verdade, uma máscara, ou seja, uma performance. Esta máscara seria uma imitação que ocorre repetida e sistematicamente. Em consequência disso, o que entendemos como a nossa “essência” seria nada mais do que uma naturalização de tal máscara, produzida corporal e discursivamente:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER, 2003, p. 59).

Como resultado, cria-se uma normalização de ações e comportamentos aceitos como “naturais” de determinado gênero. De acordo com Borba (2014, p. 23), Butler entende que as “identidades de gênero são constituídas na/pela linguagem”. No entanto, o gênero social não é a única marca discursiva corpórea utilizada na sociedade para controlar corpos. Ao contrário, entende-se que há uma gama de outras marcas que visam delimitar caminhos, e estas, por sua vez, não atuam separadamente na vida de indivíduos, mas agem de forma interseccionalizada. Isso é o que defendeu, pioneiramente, Kimberlé Crenshaw, intelectual afro-estadunidense que criou o termo interseccionalidade. Nas palavras de Carla Akotirene (2019, p. 14), Crenshaw aponta que

a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro.

Por conta disto, ao analisarmos as memórias de uma protagonista categorizada como mulher e negra, o fazemos a partir de uma perspectiva e um entendimento de que marcadores como a raça, o gênero, a classe social, a região geográfica, a etnia e a nacionalidade atribuídos à Ifemelu estão entrelaçados, operando de maneira tal que os movimentos antirracista e feminista, separadamente, não contemplam as especificidades

das experiências vividas por ela. Dito de uma outra maneira, a trajetória analítica aqui utilizada perpassa pelo conceito de que a interseccionalidade

visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2019, p. 14).

Apesar de ter sido metodológica e conceitualmente cunhado por Crenshaw, o termo interseccionalidade já havia sido debatido no século XIX por Sojourner Truth, em seu conhecido discurso “*Ain’t I A Woman?*” (“E não sou uma mulher?”, em tradução para o português). Nele, Truth questiona a categoria mulher e o discurso feminista da época, que universalizava sua pauta às demandas das mulheres brancas apenas:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?²⁴

Esse discurso foi proferido em meados do século XIX para uma plateia de feministas brancas e demarca posições que não foram abarcadas nas campanhas pela ampliação dos direitos femininos. Truth aponta para a experiência da mulher negra que, além de viver sob as imposições do racismo estrutural, é atravessada pelo machismo, pelo classicismo e por outras intersecções. O debate e a resistência em torno da visibilidade da mulher negra, como percebemos, ocorre paralelamente ao movimento sufragista, visto que este não contemplava corpos não brancos.

²⁴ GELEDES. Sojourner Truth. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 19 jun. 2022.

A interseccionalidade que aqui abordamos, no entanto, não deve ser vista nem analisada como categorias hierarquizadas ou somadas, como aponta Akotirene (2019, p. 27):

Mulher + negra + nordestina + trabalhadora + travesti + gorda, segundo a metodologia de Patricia Hill Collins, trata-se de visão interseccional inválida ao projeto feminista negro. A interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas.

Deve-se observar, portanto, os atravessamentos destas categorias que, interseccionalizadas, atingem determinados corpos. Patricia Hills Collins, como destaca Akotirene, aponta, em seus textos, os desafios que envolvem o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica. Socióloga especializada em raça, classe e gênero, Collins destaca, em sua pesquisa, que

[em] vez de ver as pessoas como uma massa homogênea e indiferenciada de indivíduos, a interseccionalidade fornece estrutura para explicar como categorias de raça, classe, gênero, idade, estatuto de cidadania e outras posicionam as pessoas de maneira diferente no mundo. Alguns grupos são especialmente vulneráveis às mudanças na economia global, enquanto outros se beneficiam desproporcionalmente delas. A interseccionalidade fornece uma estrutura de interseção entre desigualdades sociais e desigualdade econômica como medida da desigualdade social global. (COLLINS, BILGE, 2021, p. 35).

Em outras palavras, através de estudos interseccionais, podemos analisar de que maneiras se dão as desigualdades sociais. Estas, por sua vez, se tornam cada vez mais complexas à medida em que observamos as interações entre diferentes categorias de poder, como a raça, a classe, o gênero, a sexualidade, a idade, entre outras. Desta forma, Collins e Bilge (2021) realçam a importância de examinar tais relações de poder constituídas interseccionalmente dentro de seus contextos sociais. Ou seja, o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica depende do contexto, visto que o próprio campo é amplo e multifacetado. Não há, portanto, como utilizar uma definição prévia e geral e explicá-la a qualquer situação. Se considerarmos os estudos interseccionais como forma de práxis crítica, o faremos a partir de um viés que busca analisar a ação. Posto de outra forma, observam-se as “maneiras pelas quais as pessoas, como indivíduos ou parte

de um grupo, produzem, recorrem ou aplicam estruturas interseccionais na vida cotidiana” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 56). Desse modo, como destacam as pesquisadoras, a interseccionalidade não se trata meramente de um método de fazer pesquisa, mas é, também, uma “ferramenta de empoderamento das pessoas” (COLLINS, BILGE, 2021, p. 56).

Este entendimento da interseccionalidade relaciona-se também ao conceito de “*outsider within*”, de Collins. De acordo com a pesquisadora, a mulher negra feminista pode ser considerada uma “forasteira de dentro” (uma das traduções já utilizadas para o termo em inglês) por estar inserida na luta de gênero, mas não totalmente, visto que é preciso conquistar um espaço para falar do racismo, além do machismo. Deste modo, ao investigar tais desdobramentos da pesquisa interseccional, Djamila Ribeiro corrobora a práxis crítica observando que

Uma característica interessante de muitas feministas negras é que elas não se restringem a se pensar somente como teóricas, mas como ativistas, militantes. Feminismo negro, segundo Sebastião, seria um movimento político, intelectual e de construção teórica de mulheres negras que estão envolvidas no combate às desigualdades para promover uma mudança social de fato; não seriam mulheres preocupadas somente com as opressões que lhes atingem, mulheres negras estariam discutindo e disputando projetos. (RIBEIRO, 2019, p. 49).

3.2 A mulher negra ocidental e a mulher negra africana: especificidades e pontos em comum

Tendo em vista as discussões apresentadas anteriormente, esta pesquisa parte do entendimento de que a mulher negra é atravessada por, pelo menos, duas violências: uma imposta pelo machismo e a outra pelo racismo. As experiências vividas por mulheres negras ao redor do globo, no entanto, não ocorrem da mesma forma. Diversos fatores colaboram para que a minha vivência, por exemplo, como uma mulher negra jovem brasileira de classe média e que reside no município do Rio de Janeiro seja distinta e tenha características específicas quando comparada à vivência de uma mulher negra jovem e de classe média nigeriana vivendo em Lagos, capital do país.

Situada como mulher negra brasileira que nunca morou fora de seu país natal e levando em conta meu interesse em pesquisar uma narrativa que aborda experiências de uma mulher negra nigeriana nos Estados Unidos, faz-se necessário discutir esses três espaços geográficos em relação à interseccionalidade aqui observada. Por conta disso,

nesta seção iremos discutir que efeitos o tráfico de pessoas escravizadas causou na história de fundação dos três países em questão (Brasil, Nigéria e Estados Unidos) e em como mulheres negras provenientes desses três locais vivenciam o racismo e o machismo.

3.2.1. O Brasil e a sua relação com a raça

Para iniciar a discussão acerca das maneiras pelas quais negros e negras foram trazidos para o Brasil e quais os seus efeitos mais de 500 anos depois, gostaria de contar uma história. Uma mulher jovem branca, em um dia qualquer, decide ir a um *shopping* com um bebê de colo e, enquanto espera seu marido, decide sentar-se em um banco disponível no corredor. Um pouco depois, uma senhora tem a mesma ideia, senta-se ao seu lado e, ao notar o bebê, começa a interagir com a mulher branca. Ao questionar a relação entre ela e a criança, a senhora não aceita a resposta de que está diante de uma mãe com sua filha. Não convencida, a senhora inicia uma tentativa de fazer a mulher confessar que, na verdade, adotou a criança. Afinal de contas, como uma jovem branca de cabelos claros poderia ser mãe de uma criança negra de cabelos cacheados e pretos? Após algum tempo e das frustradas tentativas da mulher de afirmar que a criança em seu colo era sua filha biológica, surge a conclusão do “caso”. Ao se aproximar de sua família, o marido da mulher com o bebê oferece, sem saber, uma resposta à senhora. Ela, no entanto, precisa confirmar e, mais uma vez, questiona a mulher branca. Desta vez, a senhora quer saber se o homem negro diante delas é o pai do bebê e, ao receber uma resposta afirmativa, sorri e se despede daquela família.

Esta história, que foi contada por minha mãe quando eu era criança, talvez seja a primeira experiência que tive com o racismo. Antes mesmo de aprender a andar ou a falar, eu – juntamente com minha família – vivenciei uma situação em que o racismo ocorre de forma tal que uma mulher se sintia à vontade para questionar o que uma criança negra poderia ser de uma mulher branca. Para mim, este acontecimento reflete a maneira como a sociedade brasileira trata a questão racial e as relações afetivas entre pessoas brancas e negras, além de apontar para o racismo cotidiano vivenciado por aqui. Ao pesquisarmos sobre a escravização de negros e negras no Brasil, nos deparamos com alguns fatos que podem nos ajudar a compreender melhor o contexto em que vivemos hoje.

De acordo com Hernández (2017, p. 53), estima-se que aproximadamente 10 milhões de pessoas foram escravizadas e levadas para a América Latina e para o Caribe e, dentre este quantitativo de africanos sequestrados, historiadores apontam “que o número total de escravos africanos importados para o Brasil foi de 3,6 milhões” (TAUNAY, 2001). Somado a tais números, há outro dado sobre essa exploração: fomos o último país das Américas a abolir a escravidão, apenas em 1888. Essa ação tardia, no entanto, não foi seguida de um projeto de integração destes ex-escravos à sociedade, de forma que a população negra no Brasil continuou à margem e sem amparo legal.

Em resposta à abolição, os governantes brasileiros iniciaram um movimento para “embranquecer a população”. Como destaca Hernández (2017, p. 54),

o primeiro passo na campanha nacional de embranquecimento foi arquitetar legislações de imigração restritivas para, em primeiro lugar, encorajar a imigração europeia e, em segundo lugar, proibir ou fortemente desestimular a imigração de pessoas de ascendência africana, asiática ou indígena.

Enquanto isso, a elite brasileira discriminava os funcionários se eles fossem negros, dando preferência aos imigrantes europeus. O projeto imigratório foi considerado um sucesso, visto que “em menos de um século de imigração europeia subsidiada, o Brasil importou mais trabalhadores brancos livres do que escravos negros em três séculos de tráfico de escravos” (HERNÁNDEZ, 2017, p. 57). Com isso, crescia o discurso eugenista de erradicação da população negra no Brasil, agora apoiado por uma parcela dos imigrantes europeus. Diante da impossibilidade de expulsar afro-brasileiros do território nacional, a alternativa encontrada pela população branca foi a de impedir que pessoas negras tivessem acesso ao mercado de trabalho. Exigências por candidatos brancos eram comuns e reforçadas através de leis, como a promulgada em São Paulo em 1928. De acordo com esta lei, “afro-brasileiros não poderiam ser admitidos como carcereiros ou policiais militares” (HERNÁNDEZ, 2017, p. 60).

Não obstante, o projeto de embranquecimento, que se concentrava principalmente em São Paulo, tinha como objetivo construir espaços brancos. Ou seja, locais onde somente pessoas brancas pudessem transitar. Na década de 1920, ruas foram oralmente separadas, de forma que algumas delas poderiam ser frequentadas apenas por pessoas

brancas (HERNÁNDEZ, 2017). Esta segregação se estendeu a restaurantes, barbearias, hospitais, lojas e outros locais que, teoricamente, seriam de acesso público. No Rio de Janeiro, há registros da polícia neste período que mostram números exorbitantes de prisões de pessoas negras, a maioria acusada de vadiagem apenas por circular nas ruas à noite. Desta forma, afro-brasileiros eram considerados criminosos pela polícia e pela população branca.

O projeto de segregação também incluía “limpar” as áreas ditas nobres das cidades brasileiras de negros e negras. Conforme destaca Hernández (2017, p. 63), no Rio de Janeiro,

o governo redesenhou a cidade para limpá-la dos moradores afro-brasileiros. Com seu ‘Primeiro Plano de Embelezamento e Saneamento do Rio de Janeiro’, a capital foi reconstruída para a criação de uma ‘Paris tropical’ (JOHNSON, 2001, p. 23). Setecentos e sessenta edifícios na região central foram destruídos para deslocar os afro-brasileiros para regiões menos visíveis. O governo do Rio de Janeiro não queria afro-brasileiros vivendo no espaço que deveria parecer com a Europa ‘branca’.

Áreas como a saúde e educação também foram instrumento de segregação racial no Brasil. Opressões a práticas religiosas de matriz africana, apesar de, em 1890 ter sido decretada a separação entre a Igreja e o Estado no Brasil, permitindo, assim, que a população fosse livre para professar sua fé, também ocorriam. Leis foram criadas para proibir cultos religiosos de matriz africana, e, para fazer valer tais leis, policiais invadiam centros religiosos e destruíam o local. Mesmo com tantos esforços, o projeto de embranquecimento da população brasileira não conseguiu atingir seu principal objetivo: tornar a população mais “civilizada” através de um número maior de pessoas brancas do que de pessoas negras e indígenas.

É nesse contexto que surgem as teorias de Gilberto Freyre, sociólogo brasileiro que chamou a atenção do governo ao apresentar uma visão de mestiçagem que teria desenvolvido uma “raça brasileira”. Hernández (2017, p. 69) afirma que Freyre descreveu “o desenvolvimento do Brasil como um conjunto de encontros íntimos entre as raças do qual resultou a criação de uma nova raça (...) que por sua vez presumia a inexistência de conflitos raciais na sociedade”. A questão da mestiçagem, que durante o século XIX e início do XX era apresentada como problema, tornou-se motivo de elogio. Estado,

governos e sociedade passaram a assumir o valor da mestiçagem na retórica nacional, sem compreender o racismo estrutural e a violência contra os negros. Tal perspectiva ficou conhecida como “democracia racial”, e foi tensionada pelos movimentos negros ao longo do século XX, como Kabengele Munanga (1999). Ao discutir sobre o processo de mestiçagem no Brasil e sobre as teorias que surgiram no país entre o final do século XIX e a metade do século XX, Munanga aponta que

[o] mito da democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade. (MUNANGA, 1999, p. 80).

Segundo Nilma Lino Gomes (2005), o mito da democracia racial vai além da negação da existência de discriminação racial no Brasil. Há, também, uma perpetuação de estereótipos e preconceitos sobre negros, visto que, se todos os brasileiros

estão em pé de igualdade sócio-racial e que tiveram as mesmas oportunidades desde o início da formação do Brasil, poderemos ser levados a pensar que as desiguais posições hierárquicas existentes entre elas devem-se a uma incapacidade inerente aos grupos raciais que estão em desvantagem, como os negros e os indígenas. (GOMES, 2005, p. 56).

Vemos, assim, que, até poucos anos atrás, leis e teorias eram utilizadas como instrumentos de manutenção do racismo e de segregação racial no Brasil. Os efeitos de tais práticas podem ser vistos até o tempo presente neste país. As pessoas em maior vulnerabilidade na sociedade são negras, e o índice de brasileiros sem empregos formais e, portanto, sem acesso aos direitos trabalhistas é, em sua maioria, composto por pessoas negras (IBGE, 2022), por exemplo. Segundo a pesquisadora e economista Janaína Feijó, dados comparativos do IBGE de 2019 e de 2022 demonstram esta discrepância de forma ainda mais exorbitante quando observamos o grupo correspondente às mulheres negras no Brasil:

Independente do período analisado, a taxa de desemprego entre as mulheres negras tem sido bem maior do que as reportadas pelos outros grupos e desde o início de 2018 essas diferenças estavam se ampliando. 22,1% das mulheres negras na força de trabalho estavam desempregadas no 1º tri de 2021 - o dobro da registrada entre os homens brancos/amarelos (10,0%) e muito distante da reportada pelas mulheres brancas/amarelas e homens negros (13,8%).

No 1º tri de 2022 a taxa de desemprego entre as mulheres negras apresentou uma forte queda em relação ao 1º tri de 2021, mas permaneceu na casa dos dois dígitos (16,3%) e distante dos demais grupos demográficos.²⁵

A mulher negra, como destacado na seção 3.1, vivencia este racismo de forma interseccionalizada. Juntamente com a categoria raça, as categorias gênero, classe social e naturalidade/local de residência atuam adicionando camadas às opressões e violências vividas cotidianamente. Ao pensarmos sobre a experiência racial da mulher negra no Brasil, nos ancoramos ao que diz Melo (2021), quando aponta que os discursos que circulam em torno de raça, historicamente, desumanizam, objetificam, hipersexualizam e subestimam corpos negros: “*According to Melo & Moita Lopes, (2014, p. 546), black women: considered ‘good lays’, ‘hot’, fiery or, in the words of Piza (1995, p.58): ‘[...] the stereotype of the sensual, seductive, irresistible black Woman, attraction to (male) sin’*” (MELO, 2021, p. 11). Em outras palavras, o corpo negro feminino é, historicamente, retirado de sua humanidade e individualidade, e discursivizado como sensual, erótico e objeto de prazer masculino.

Ainda conforme Melo (2021), que corrobora os pressupostos de Pacheco (2013), as mulheres negra e a mestiça brasileiras também são atravessadas, por conta do racismo e do machismo, por experiências de solidão. Isso se dá devido a uma representação histórica da mulher negra como aquela que existe para satisfazer desejos sexuais e outras necessidades, como o cuidado da casa através do trabalho doméstico e o cuidado de crianças através dos serviços de babá. A mulher branca, conforme Maria Aparecida Silva Bento (2002), experiencia as diferentes dimensões do privilégio por conta de sua pele e, portanto, é construída como aquela que é feita para relacionamentos sérios e compromissos como o matrimônio. Pode-se dizer que há uma hierarquização entre mulheres brancas e mulheres negras pois, como aponta Bento (2002),

[mesmo] em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa. Assim, tentar diluir o debate sobre raça analisando apenas a classe social é uma saída de emergência permanentemente utilizada, embora todos os mapas que comparem a situação de trabalhadores negros e brancos, nos últimos vinte anos, explicitem que entre os explorados,

²⁵ Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/participacao-das-mulheres-negras-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 24 jan. 2023.

entre os pobres, os negros encontram um déficit muito maior em todas as dimensões da vida, na saúde, na educação, no trabalho. (BENTO, 2002, p.3).

Em outras palavras, a pessoa branca, quando comparada à pessoa negra, sempre se encontra em posição de prioridade, ainda que esteja em condição de miséria. Ainda que observemos outros fatores como o nível de escolaridade ou o local de origem, a pessoa branca possui a chamada proteção da pele, uma blindagem que não é vivenciada por pessoas não brancas. Na seção a seguir, discutiremos de que maneiras a mulher negra nigeriana é atravessada pelo racismo, classicismo e machismo dentro do contexto da Nigéria.

3.2.2. *A mulher negra nigeriana*

Temitope Jane Aransiola, jornalista nigeriana que iniciou seus estudos na universidade aqui no Brasil em 2011, apresenta, em um de seus artigos, uma narrativa autobiográfica do processo de se tornar uma mulher negra africana ao chegar em Ponta Grossa, na região sul brasileira. Ao escrever seu artigo intitulado “Mulher negra africana: narrativa autobiográfica das experiências de uma nigeriana e suas relações com o feminismo negro” (2019), Aransiola fazia parte do programa de mestrado na UEPG, o que nos indica, portanto, que a pesquisadora já vivia no Brasil havia quase uma década. Para iniciar a discussão nesta seção sobre a experiência de ser uma mulher na Nigéria, trazemos aqui uma fala de Aransiola como alguém que circulou entre a Nigéria e o Brasil e, assim, pôde observar pontos distintos em relação a classe, raça e gênero:

Ser mulher negra e africana no Brasil permeia noções rígidas de poder que dita quem pode falar, onde e quando pode falar e para quem pode falar. Morar no Brasil como estudante estrangeira (africana) e negra é se tornar perceptível às (sic) questões de gênero, raça e classe. Não é que as desigualdades de gênero e classe passavam despercebidas por mim na Nigéria, mas no Brasil a raça fez elas ganharem uma proporção maior. No meu país de origem, as desigualdades de gênero são imbricadas nas nossas culturas, costumes e tradições que se torna quase impossível notá-las e assim sem poder questioná-las. *Desde criança, as garotas são criadas para serem boas esposas, elas têm que saber cozinhar e gostar de cuidar dos afazeres de casa.* Como garota, cresci ouvindo a frase repreensiva: ‘é assim que vai ser quando for casada?’ Nenhum homem vai gostar disso’. Aos poucos isso é internalizada (sic) e influencia na busca pelo que consideram a sua maior realização, o casamento. Mesmo num relacionamento abusivo, julgam que é da responsabilidade da mulher ser melhor e cuidar do homem. Embora cresci (sic) numa família onde meus pais nunca me pressionaram sobre o casamento e a realização pessoal e profissional sempre foram prioridades. (ARANSIOLA, 2019, p. 127).

De acordo com a pesquisadora, em seu país de origem, as questões de gênero são postas culturalmente de maneira naturalizada, de forma que seja comum ouvir repreensões a meninas em torno de seu comportamento e de como ele pode influenciar em um futuro casamento ou não. Em consonância com tais observações sobre ser mulher na Nigéria, Chimamanda Adichie apresenta reflexões sobre o papel da mulher na sociedade nigeriana e sobre como as “funções” dos indivíduos que compõem o país são demarcadas a partir do gênero. Em seu discurso para o TEDxEuston transformado em livro intitulado “Sejamos todos feministas” na tradução para o português, Adichie aponta para esta aspiração ao casamento, ensinada às meninas apenas:

Já que pertenço ao sexo feminino, espera-se que almeje me casar. Espera-se que faça minhas escolhas levando em conta que o casamento é a coisa mais importante do mundo. O casamento pode ser bom, uma fonte de felicidade, amor e apoio mútuo. Mas por que ensinamos as meninas a aspirar ao casamento, mas não fazemos o mesmo com os meninos?

Uma nigeriana conhecida minha decidiu vender sua casa para não intimidar o homem que eventualmente quisesse se casar com ela. Conheço uma outra, também solteira, que em congressos usa uma aliança de casamento porque quer ‘ser respeitada’ pelos colegas - segundo ela, a ausência do anel a torna desprezível. E isso num ambiente moderno de trabalho. Há moças que, de tão pressionadas pela família, pelos amigos e até mesmo pelo trabalho, acabam fazendo péssimas escolhas. Em nossa sociedade, a mulher de certa idade que ainda não se casou se enxerga como uma fracassada. Já o homem, se permanece solteiro, é porque não teve tempo de fazer sua escolha. (ADICHIE, 2015, p. 31-33).

Ademais, como apontado anteriormente nesta dissertação, a Nigéria é composta por mais de 250 grupos étnicos que, durante a colonização inglesa, foram aglutinados e determinados como pertencentes a um único país. Um destes grupos, denominado igbo, tem como tradição cultivar a ancestralidade através do resgate de histórias do povo pertencente a essa tribo. Para isso, no entanto, é preciso ser homem, pois, conforme a cultura local, somente as pessoas do sexo masculino têm direito a dar opiniões, sugestões e tomar decisões sobre assuntos que atinjam o núcleo familiar. Sobre tal questão, Adichie (2015, p. 47-48) questiona:

Para que serve a cultura? A cultura funciona, afinal de contas, para preservar e dar continuidade a um povo. Na minha família, eu sou a filha que mais se interessa pela história de quem somos, nossas terras ancestrais, nossas tradições. Meus irmãos não têm tanto interesse nisso. Mas não posso ter voz ativa, porque a cultura Igbo favorece os homes e só eles podem participar das reuniões em que as decisões familiares mais importantes são tomadas. Então,

apesar de ser a pessoa mais ligada a esses assuntos, não posso frequentar as reuniões. Não tenho direito a voz. Porque sou mulher.

A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura.

Essa hierarquização dos sexos, no entanto, nem sempre fez parte da cultura dos grupos étnicos que hoje compõem a Nigéria. Em seu livro “A invenção das mulheres” (2021), Oyèrónké Oyewùmi, ao tratar da construção de gênero na África e, mais especificamente, em relação à história do grupo étnico iorubá, desconstrói algumas suposições. Para esta pesquisa, nos interessa saber que, antes da colonização e consequente influência europeia no continente africano, a distinção entre as categorias homem e mulher, ou masculino e feminino, nada tinha a ver com as teorias de gênero ocidentais que conhecemos:

Diferentemente de "macho" e "fêmea" no Ocidente, as categorias de *obìnrin* e *okùnrin* são primariamente categorias de anatomia, não sugerindo suposições subjacentes sobre as personalidades ou psicologias que derivem delas. Porque não são elaboradas em uma relação de oposição uma à outra, elas não são sexualmente dimórficas e, portanto, não são generificadas. Na Velha Oyó, elas não indicavam uma classificação social; nem expressavam masculinidade ou feminilidade, porque essas categorias não existiam na vida ou no pensamento iorubás. (Oyewùmi, 2021, p. 73).

Oyewùmi afirma, ainda, que os termos denotam apenas as diferenças fisiológicas entre os corpos, cuja necessidade de destaque ocorre tão somente para fins de reprodução. Não há, portanto, privilégios ou desvantagens sociais, como vemos na cultura ocidental (OYEWÙMI, 2021). O fator que determinava o nível de hierarquia ocupado por um indivíduo dentro desta organização pré-colonial era a senioridade. A idade cronológica determinava quem tinha poder de decisão, quem poderia opinar e quem era digno das maiores honrarias.

Com a colonização europeia, mudanças ocorreram na organização e estrutura dessas sociedades. Para Oyewùmi (2021, p. 226), destacam-se dois processos a partir da invasão dos europeus em território africano:

O primeiro e mais minuciosamente documentado desses processos foi a racialização e a consequente inferiorização dos africanos como colonizados, nativos. O segundo processo, que foi o foco deste capítulo, foi a inferiorização das fêmeas. Esses processos foram inseparáveis e ambos estavam inseridos na

situação colonial. O processo de inferiorização do nativo, que era a essência da colonização, estava ligado ao processo de entronizar a hegemonia masculina. Uma vez que os colonizados perderam sua soberania, muitos procuraram o colonizador em busca de orientação, mesmo na interpretação de sua própria história e cultura. Muitos logo abandonaram sua própria história e valores e abraçaram os dos europeus. Um dos valores vitorianos impostos pelos colonizadores foi o uso do tipo de corpo para delinear categorias sociais; e isso se manifestou na separação de sexos e na suposta inferioridade das fêmeas.

Desta forma, instaurou-se a teoria de gênero europeia com sua consequente hierarquização na construção de uma sociedade patriarcal. A mulher negra africana, portanto, passa a ser inferiorizada duplamente: por conta da raça e por conta do gênero. Assim, na Iorubalândia, como denominado por Oyewùmi (2021), o termo *obìnrin* foi transformado na categoria “mulher” e, em seguida, pela questão racial, na categoria “mulher sem importância”. Em suma, a colonização na África foi não somente um processo racista, mas também um processo de instituição e legitimação da hegemonia masculina (OYEWÙMI, 2021, p. 226). Mesmo com o passar dos séculos, com a independência e desvinculação estatal com a Europa e com um aumento no número de mulheres em universidades e empregos de destaque, países como a Nigéria continuam a permear uma visão da mulher nigeriana como inferior ao homem.

Além disto, como destacado anteriormente, a questão matrimonial tem muita relevância na sociedade nigeriana, sendo utilizada para medir o nível de respeito que deve ser dado a uma mulher. Por conta disto, muitas mulheres são criadas para tratarem o matrimônio como o maior objetivo de vida. Em “Americanah”, Obinze – ex-namorado nigeriano de Ifemeulu –, durante os anos em que perde contato com a protagonista, casa-se com uma mulher nigeriana e tem uma filha com ela. Há momentos na narrativa em que ele relembra atitudes da esposa que o desanimam, como o fato de ela querer agradar sempre e forçar uma gentileza a todo momento, ou como ela se sente ofendida quando ele cozinha, pois acredita ser dever da mulher realizar esse tipo de tarefa. Em um trecho do romance, Obinze decide pedir o divórcio a sua então esposa Kosi após reencontrar Ifemelu e retomar o contato com ela. O que choca Obinze, no entanto, é o interesse de

Kosi em desconsiderar o fato de que não há mais vontade por parte do marido de manter aquele relacionamento e em manter a imagem da família:

‘A questão não é outra mulher, Obinze’, disse ela, erguendo-se, com a voz ficando mais fria e o olhar, mais duro. ‘A questão é manter a família unida! Você fez um voto perante Deus. Eu fiz um voto perante Deus. Sou uma boa esposa. Somos casados. Você acha que pode destruir esta família só porque sua ex-namorada voltou para a cidade?’. (ADICHIE, 2015, p. 498-499).

Em outros trechos no romance, podemos encontrar, nas falas de Kosi e de outras mulheres nigerianas, a mesma preocupação relacionada ao matrimônio. A partir do que foi exposto nesta seção, podemos observar que a mulher nigeriana é atravessada pela hierarquização de sexos, transmitida e reforçada culturalmente. Tal hierarquização é, também, interseccionalizada com classe. Após percorrermos, de forma breve, o caminho das vivências das mulheres negras no Brasil e na Nigéria, é preciso entender como a questão racial e de gênero se dá nos Estados Unidos da América, país aonde a protagonista Ifemelu reside por mais de uma década.

3.2.3 *A mulher negra nos EUA*

Assim como observamos na História do Brasil e da Nigéria, a vida do povo negro nos Estados Unidos é marcada pelo passado colonizador, opressor e escravagista. Guardadas as especificidades de cada país em relação à escravização e à sua abolição, é possível destacar pontos em comum que serão abordados nesta seção. Antes disto, no entanto, iremos apresentar um pouco da história norte-americana no que diz respeito ao racismo e ao feminismo negro.

Desde sua fundação, os Estados Unidos da América têm, apesar do discurso de igualdade e liberdade, o racismo e o genocídio como elementos base (MORRIS; TREITLER, 2019). Ao chegarem na América do Norte, europeus foram responsáveis por uma chacina que dissipou grande parte da população indígena que ali vivia. Não obstante, foram responsáveis pelo tráfico internacional de africanos escravizados que, por dois séculos e meio, foram forçados a trabalhar em prol do enriquecimento de donos de terras. Estes, além de se beneficiarem economicamente, também construíram a ideia da hierarquia racial que os privilegiava e, para garantir tais privilégios, dominavam a política do país criando leis que os favorecessem.

A classificação de seres humanos, no contexto estadunidense, segue esta separação destacada por Morris e Treitler (2019, p. 16):

Nos Estados Unidos, tendemos a pensar que possuímos quatro grupos raciais: brancos, asiáticos, hispânicos ou latinos e negros. Esse esquema classificatório acaba por considerar pessoas com o cabelo cacheado como brancas ou negras; pessoas com pele morena ora como asiáticas, ora como negras; enquanto todos os grupos possuem pessoas com lábios grandes e pequenos. Materiais genéticos são parecidos com nossos olhos no que diz respeito à definição de raças, mas há cientistas naturais que ainda buscam por uma ferramenta confiável para a classificação racial, e muitos têm a esperança de que o esclarecimento quanto ao genoma humano finalmente nos levará até lá.

Apesar de o conceito de raça já ter sido entendido como uma construção social, essa ainda é a ferramenta utilizada para hierarquizar indivíduos dentro da sociedade (MORRIS; TREITLER, 2019). Na americana, a classificação racial é estabelecida não só pela aparência, mas também pela origem e genealogia familiar. Logo, basta “uma gota de sangue” não branca para que um indivíduo seja classificado como “mestiço” ou para definir uma origem étnica distinta da considerada padrão. Tal classificação foi construída na perspectiva puritana anglo-saxã e perpetuada pelos hábitos e comportamentos das famílias e pelas políticas segregacionistas no pós-abolição.

A raça também é associada a traços de caráter e grupos são hierarquizados conforme suas “tendências” ao crime, à parentalidade, à capacidade de liderança, entre outros aspectos. Além disso, há uma separação geográfica entre grupos pertencentes às diferentes raças nos EUA:

[...] as grandes cidades nos EUA são hiper segregadas, significando dizer que a segregação racial é claramente evidente, independentemente de como seja medida. A segregação é um fator que contribui para uma série de problemas, dentre eles o não menos importante racismo do meio ambiente, uma vez que, quando comparados aos brancos, os negros sofrem com maiores níveis de exposição a toxinas, tanto em razão da segregação geográfica, quanto pelo fato de empresas poluírem mais em áreas habitadas por pessoas negras (Newkirk, 2018). (MORRIS; TREITLER, 2019, p. 17).

A construção do conceito de raça e a consequente hierarquização de indivíduos posicionam, historicamente, o povo negro como a base da pirâmide. Ao tratar da realidade vivida pelos escravizados, a filósofa e ativista Angela Davis, em seu livro “Mulheres, raça e classe” (2016, p. 24), aponta que

[o] sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero. Nas palavras de um acadêmico, ‘a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa’.

Em outras palavras, em se tratando da experiência da mulher negra como escrava nos EUA, observa-se que, para o homem branco, a mulher negra não era categorizada como “mulher”, e sim como mão de obra para os serviços laborais. Esta falta de diferenciação entre mulheres e homens escravizados aos olhos do opressor, no entanto, modificava-se conforme suas vontades. Como destaca Davis (2106, p. 25),

[a] postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas.

Avançando um pouco na História, com a abolição do tráfico internacional de pessoas escravizadas, a solução encontrada nas fazendas para manter o número de escravos crescendo foi a reprodução. Com isso, as mulheres negras passaram a ser avaliadas de acordo com a capacidades delas de gerar filhos que pudessem, mais tarde, somar no trabalho nas fileiras das plantações. Mesmo em meio a tantas violências e formas de desumanização, há, na história escravagista estadunidense, exemplos de mulheres que resistiam, que promoviam fugas e rebeliões durante esse período.

A luta das mulheres negras não cessou após a abolição da escravidão. Ao contrário, mulheres e homens negros se viram diante de mais opressões através de legislações. O pós-guerra civil e a abolição da escravidão foram seguidos de legislações publicadas em níveis estaduais e municipais, como a Lei Jim Crow, que limitavam os direitos civis e políticos da população negra, afirmando a supremacia branca em vários espaços. Essa legislação garantia privilégios aos grupos identificados socialmente como brancos e perpetuava a discriminação em relação aos negros. Morris e Treitler (2019, p. 22) oferecem um breve resumo desse período:

No breve período da Reconstrução Pós-Guerra Civil (de 1863 a 1877), um enorme número de ex-escravos foi deixado indefeso, sem armas, terras, riqueza, renda ou abrigo. Após a guerra, o governo nacional retirou as forças

que protegiam os escravos, deixando a aristocracia branca sulista perdedora livre para recapturar ex-escravos e forçá-los ao trabalho com novas formas de extrema exploração econômica, política e social (Morris, 1984). O regime Jim Crow permitiu que brancos capitalistas do Sul levassem os negros de volta às plantações, forçando-os a trabalhar em troca de uma compensação que mal gerava uma renda de subsistência, num sistema de débito servil.

Por mais de nove décadas em que a lei Jim Crow vigorou nos EUA, o país viveu sob um regime segregacionista, com escolas para negros e para brancos, restaurantes que só poderiam ser frequentados por brancos e a regra de que, no transporte público, negros deveriam ocupar apenas os últimos assentos. Em caso de falta de lugares vagos para pessoas brancas, os negros deveriam ceder seus lugares. É nesse contexto que uma mulher, Rosa Parks, se recusa a ceder seu lugar em 1955, ocasionando sua prisão que desencadeia o boicote aos ônibus de Montgomery, no Alabama. Os protestos que se seguiram deram início ao que conhecemos como o Movimento pelos Direitos Civis.

Mesmo em meio à participação das mulheres em manifestações como a mencionada acima, ainda havia uma outra questão para as negras estadunidenses. Movimentos feministas, que lutavam por direitos específicos negados às mulheres, não eram inclusivos e desconsideravam o caráter racial que reduzia ainda mais os direitos das mulheres negras. bell hooks, em seu livro “E não sou eu uma mulher?” (2019), destaca o racismo vivido por essas mulheres dentro do movimento feminista:

Ainda que as feministas que argumentam que o imperialismo sexual é mais endêmico para todas as sociedades do que imperialismo racial provavelmente estejam corretas, na sociedade estadunidense imperialismo racial suplanta imperialismo sexual. Nos Estados Unidos, o *status* social de mulheres negras e brancas nunca foi o mesmo. No século XIX e no início do século XX, poucas, se é que alguma, semelhanças podiam ser encontradas entre a experiência de vida dos dois grupos de mulheres. Apesar de ambos estarem sujeitos à vitimização sexista, como vítimas de racismo, as mulheres negras eram submetidas a formas de opressão que nenhuma mulher branca precisou aguentar. (HOOKS, 2019, p. 178-179).

Ainda segundo hooks (2019, p. 181),

Todos os movimentos de mulheres nos Estados Unidos, desde o princípio até o presente, foram construídos sobre fundação racista – um fato que de maneira alguma invalida o feminismo como ideologia política. [...] As primeiras defensoras brancas dos direitos das mulheres jamais buscaram igualdade social para todas as mulheres; elas estavam à procura de igualdade social para mulheres brancas.

Isto quer dizer que, para a mulher negra americana, a luta antirracista e a luta contra o machismo não são acolhidas pelo movimento feminista branco. O combate a essa interseccionalidade, portanto, se faz apenas entre as mulheres negras. Não obstante, como destacado por Morris e Treitler (2019), a questão racial que afeta diretamente as mulheres negras no EUA neste século diz respeito a mais uma questão: a negação por parte da população branca de que os Estados Unidos ainda são um país racista. Nas palavras de Morris e Treitler (2019, p. 26),

[nos] Estados Unidos do século XXI, a escravidão e a opressão legal do regime de Jim Crow estão rigidamente proibidas por lei. De fato, a discriminação racial é amplamente considerada como politicamente incorreta [...]. A maioria dos brancos nos EUA acredita que o racismo é uma coisa do passado e crê que ser chamado de “racista branco” é algo inexprimível e horrível. Mesmo no ambiente mais gentil dos anos de Obama, vimos negros ficarem bem atrás de brancos no que diz respeito às chances de uma melhor qualidade de vida. Em outros termos, a desigualdade racial institucionalizada é prevalente nos EUA, e talvez seja até óbvia. Ainda assim, nos Estados Unidos, não é fácil tratar do racismo de forma aberta. A desigualdade, o ânimo e a violência racistas são amplamente difundidos, mas falar do assunto não é algo tolerado. Parece inaceitável para uma sonora parcela da população que alguém ajoelhe em silêncio, enquanto o hino nacional é tocado antes de uma partida esportiva, para dar atenção ao silêncio do próprio governo quanto aos homicídios frequentes de pessoas negras e desarmadas, cometidos por policiais (Branch, 2017) [...]. Contradições entre atos claramente racistas e um maior silêncio da sociedade quanto à injustiça racial têm desafiado acadêmicos a compreenderem o que parece ser um novo regime de opressão racial.

De acordo com os pesquisadores, apesar de não ser mais legalizado, o racismo nos EUA é institucionalizado. As barreiras criadas pela desigualdade racial ganham ainda mais força sob o discurso de uma democracia racial e de um racismo que ficou para trás na história do país. Desta forma, pode-se observar também que há um jogo de poder que tenta descredibilizar e eliminar a luta antirracista. Isso porque, se, dentro deste raciocínio, não há racismo, também não há por que questionar a violência policial, as desigualdades no mercado de trabalho e no acesso a saúde, educação e outros direitos. Como apontado no trecho citado acima, falar sobre racismo nos EUA causa desconforto e, em alguns casos, não é tolerado.

Pensando nessa tentativa de apagamento do racismo e tendo em vista também que, no contexto nigeriano, como destacado na seção anterior, o fator raça não é tão relevante, alguns pontos chamam atenção. Primeiramente, em contrapartida ao que se observa em

relação à raça na Nigéria, há, nos EUA, uma tentativa de apagamento ou silenciamento das experiências de discriminação experienciadas por pessoas não brancas. De forma semelhante, percebemos, no Brasil, discursos que tentam desacreditar a luta antirracista, conforme aponta Pinto (2019, p. 231):

Um caso exemplar dessas disputas no Brasil é o (des/re)conhecimento do racismo cotidiano. A expressão ‘mimimi’ tem sido usada com frequência em espaços públicos online para relatar “o que aconteceu em um evento determinado identificado como racista. [...] Assim, a regra do racismo nacional tem sido o silêncio sobre sua própria existência, especialmente desde a Era Vargas, quando o Estado tratou de efetivar tais políticas de integração nacional. Esse silêncio só é legítimo enquanto sustentação dos atos racistas considerados como ‘piadas. Atos de fala racistas têm sido, assim, inseridos no enquadre de ‘brincadeiras’ [...]. Em resposta à quebra da etiqueta linguística do silêncio, muitos racistas brasileiros utiliza(ram) a expressão ‘mimimi’ para constituir um novo patamar de deslegitimação das demandas antirracistas.

Similarmente, é possível destacar pontos em comum entre os países Brasil, Nigéria e Estados Unidos no que tange à categoria mulher negra. Guardadas as especificidades, discutidas nas seções anteriores deste capítulo, o papel atribuído às mulheres nessas sociedades é semelhante. Há uma hierarquização que põe homens em uma posição de maior destaque, poder e relevância, ao passo que a mulher é inferiorizada. Não obstante, a mulher preta ocupa uma posição de relevância ainda menor por conta do fator raça, sendo atravessada pelo machismo e pelo racismo. Dessa forma, iremos, a seguir, recorrer às teorias debatidas nesta dissertação ao longo dos capítulos 2 e 3, para as análises de alguns excertos retirados do romance “Americanah”.

4 “EU (...) SÓ ME TORNEI NEGRA QUANDO VIM PARA OS ESTADOS UNIDOS”: INTERAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS QUE INDEXAM PERFORMANCES IDENTITÁRIAS À IFEMELU

“Qual foi a primeira vez que você se sentiu preto?”

Yuri, 2023²⁶

Neste capítulo, observaremos os fragmentos do romance em que há memórias da protagonista em seus relacionamentos afetivo-sexuais, vividos em diferentes fases de sua vida. Dessa forma, o presente capítulo tem por objetivo analisar excertos do livro em que há interação entre a protagonista, Ifemelu, e três ex-namorados. Ao observar estas três relações em momentos distintos da vida da personagem, busca-se compreender de que maneira Ifemelu performa raça e gênero em tais relacionamentos. É relevante retomar, aqui, os objetivos delimitados na introdução desta pesquisa, a saber:

1. Quais performances identitárias são mobilizadas pela protagonista e por seus parceiros afetivo-sexuais ao longo do romance?
2. Em que medida as memórias de três relacionamentos afetivo-sexuais vivenciados pela protagonista, evocados pela narradora, conformam as performances identitárias da personagem?

Para responder a tais perguntas, é necessário apresentar, brevemente, o contexto em que se dá cada um destes relacionamentos na vida da protagonista. O primeiro relacionamento romântico de Ifemelu foi com o personagem Obinze, um jovem nigeriano que ela conheceu na adolescência, quando ainda vivia em seu país de origem. Através das memórias evocadas de tal relação, temos acesso ao contexto familiar em que a personagem fora criada, bem como à sua vida num tempo em que a experiência de mundo de Ifemelu se resumia às cidades nigerianas que já havia visitado ou morado. Esse relacionamento possui dois momentos que serão observados neste capítulo: o primeiro deles se dá na adolescência de ambos os personagens e o segundo ocorre 13 anos depois,

²⁶ Frase proferida pelo personagem Yuri, interpretado pelo ator Jean Paulo na novela “Vai Na Fé” (2023), que foi ao ar no canal aberto da TV Globo no dia 16 de janeiro de 2023 e tem previsão de encerramento no dia 14 de agosto de 2023. Esta novela vem recebendo destaque na mídia por ter um elenco majoritariamente negro e por abordar temas como racismo institucional, estrutural, assédio, cotas raciais, dentre outros.

quando Ifemelu decide retornar à Nigéria e retoma contato com Obinze.

O segundo relacionamento vivido por Ifemelu se passa durante o início de sua vida adulta, quando a personagem se muda para os Estados Unidos da América. Depois de longos meses em dificuldade financeira sem conseguir um emprego, Ifemelu consegue uma vaga como babá de duas crianças de uma família de classe média alta. É nesse contexto que ela conhece Curt, tio das crianças que estão sob os cuidados da protagonista. Curt é um rapaz branco, rico e que vive a vida sem preocupações, conforme a descrição dada por Ifemelu. Dessa relação interracial, surgem diversas narrativas sobre raça, classe, gênero e nacionalidade que são aqui analisadas.

O terceiro e último relacionamento amoroso de longa duração presente no romance se dá com Blaine, um professor universitário negro que Ifemelu conhece no trem e que, anos mais tarde, reencontra em uma conferência de autores. Sua relação com Blaine acontece em uma fase de sua vida em que há estabilidade financeira, independência e notoriedade devido a um *blog* que Ifemelu cria para falar sobre suas percepções acerca de raça. Depois de alguns anos vivendo nesse contexto, Ifemelu decide deixar tudo para trás, inclusive esse relacionamento, e retornar à Nigéria. A partir de tais interações, a seguir, busca-se identificar de que maneiras a personagem performa raça. Para fins de organização na análise, tais interações serão, em um primeiro momento, discutidas separadamente.

4.1 Ifemelu e Obinze: gênero e classe na Nigéria

Obinze surge na vida de Ifemelu quando ambos estão na Educação Secundária Júnior²⁷, equivalente ao Ensino Médio no Brasil. Ele é o garoto novo na escola, recém-chegado em Lagos, capital da Nigéria, e vindo de Nsukka, cidade onde se encontra a Universidade da Nigéria. O jovem, apesar de misterioso, rapidamente se torna popular na escola e, em uma festa, é apresentado a uma das amigas de Ifemelu chamada Ginika. Para aqueles adolescentes, Obinze e Ginika fariam o par perfeito, mas é por Ifemelu que Obinze se interessa. A partir daquele momento, os personagens iniciam um namoro que

²⁷ Disponível em: <https://www.futurelearn.com/info/futurelearn-international/explore-education-in-nigeria>. Acesso: 30 abr. 2023.

dura desde a época de escola até Ifemelu viajar para os Estados Unidos no início de sua vida adulta, alguns anos mais tarde.

Em uma das primeiras lembranças presentes na narrativa sobre Obinze, observamos uma interação entre o rapaz, Ifemelu e alguns colegas de escola do casal. No diálogo, os adolescentes conversam com Ginika, amiga da protagonista, que está prestes a se mudar da Nigéria para os Estados Unidos com sua família:

Excerto 1 – Capítulo 5

‘Ginika, você vai para onde nos Estados Unidos?’, perguntou Emenike. Ele era fascinado por pessoas que viajavam para o exterior. Depois que Kayode voltou de uma viagem à Suíça com os pais, Emenike se abaixou para acariciar seus sapatos dizendo:

‘Quero tocá-los, porque eles tocaram a neve’.

‘Missouri’, disse Ginika. ‘Meu pai arrumou um emprego numa universidade de lá.’

‘Sua mãe é americana, abi? Por isso você tem um passaporte americano?’

‘É. Mas a gente não viaja desde que eu estava no terceiro ano do fundamental.’

‘**Um passaporte americano é a coisa mais legal do mundo**’, disse Kayode.

‘Eu trocava o meu britânico por um na hora.’

‘Eu também’, concordou Yinka.

‘Eu quase tive um, ô’, disse **Obinze**. ‘Tinha oito meses de idade quando meus pais me levaram para os Estados Unidos. **Toda hora digo para minha mãe que ela devia ter ido mais cedo e me dado à luz lá!**’

‘Que azar, cara’, disse Kayode’ (ADICHIE, 2014, p. 75, grifo meu).

Nesse excerto retirado do capítulo 5 e cujo tópico interacional é a mudança de Ginika para os EUA, podemos observar, a partir de uma análise dos índices linguísticos destacados, que havia, entre os colegas de Ifemelu, uma admiração pelos Estados Unidos compartilhada por todos, inclusive Obinze. Ifemelu, apesar de fazer parte da roda de conversa, não se posiciona verbalmente na conversa. O silêncio da personagem nessa interação pode nos indicar falta de interesse ou desconhecimento sobre o assunto em questão, ao passo que a informação apresentada por Obinze indica sua preferência a ter nacionalidade americana em comparação à nigeriana. Ser americano, nessa performance, mobiliza poder, ascensão e sucesso. Após a interação destacada no excerto acima, Ifemelu e Obinze se despedem do grupo de amigos. Neste momento, o leitor é apresentado à opinião de Ifemelu sobre os EUA e a outras informações sobre a protagonista:

Excerto 2 – Capítulo 5

Conforme caminhavam, ela sentiu vontade de dizer a Obinze que **não sabia como se podia viajar com o passaporte da mãe** e que **sua mãe nem tinha um passaporte**. Mas não disse nada e **ficou andando em silêncio ao lado dele**. Obinze se encaixava ali, naquela escola, muito mais do que ela. Ifemelu era popular, [...] mas sentia-se encerrada por **um halo translúcido de diferença**. Não estaria ali se não tivesse se saído tão bem na prova de admissão

[...]. Ifemelu se lembrava da **expressão de surpresa** no rosto de Obinze, uma surpresa que ele logo havia ocultado, quando perguntou: ‘Qual é o telefone da sua casa?’, e ela respondeu: ‘**Não temos telefone**’. (ADICHIE, 2014, p. 75-76, grifo meu).

As memórias narradas em ambos os excertos destacados apontam para a situação socioeconômica de Ifemelu na primeira fase de sua vida, quando ainda vivia na Nigéria. Observando os índices linguísticos em negrito, percebemos que a protagonista e sua família se encontram em uma classe social distinta daquela de seus colegas da escola, e essa diferença é notada por ela. Tal diferença se faz presente não só nas relações de amizade de Ifemelu, como também em sua relação amorosa. A jovem percebe as diferenças, mas opta por permanecer em silêncio sobre o assunto. Ao se mostrar surpreso diante da informação dada pela namorada de que sua família não possui telefone em casa, Obinze se posiciona como um indivíduo que, por viver em uma realidade muito distinta, se choca com o fato de existirem pessoas sem esse aparelho.

As performances identitárias de Obinze em relação aos Estados Unidos são reforçadas ao longo de outras lembranças narradas no romance, como a que lemos no trecho a seguir, também do capítulo 5:

Excerto 3 – Capítulo 5

Obinze era **fluente em seu conhecimento das coisas de fora**, especialmente as que vinham dos Estados Unidos. Todos assistiam a filmes americanos e **trocavam revistas americanas** com as **folhas apagadas**, mas ele sabia detalhes sobre presidentes daquele país de cem anos atrás. (...) Todos assistiam aos programas de televisão americanos, mas Obinze sabia que Lisa Bonet havia deixado o Cosby Show para fazer Coração Satânico, e que Will Smith tinha dívidas imensas antes de ser contratado para fazer Um Maluco no Pedaco. **‘Você está parecendo uma negra americana’ era o maior elogio que ele podia fazer, era o que dizia para ela quando usava um vestido bonito ou fazia tranças grossas no cabelo.** Manhattan era seu zênite. Muitas vezes ele dizia ‘Isto aqui não é nenhuma Manhattan’ ou ‘Vá ver em Manhattan como são as coisas’. (ADICHIE, 2014, p. 76, grifo meu).

A partir da análise desse trecho, destaca-se o acesso a informações sobre a cultura norte-americana obtidas por Obinze. Vale frisar que, a partir de detalhes sobre a faixa etária dos jovens nessa época e sobre acontecimentos de conhecimento geral citados no romance, como o ataque às torres gêmeas nos EUA, é possível concluir que tais memórias narradas são de situações vividas pelos personagens na década de 1990. Assim, quando a personagem mobiliza tais memórias, percebe-se que o rapaz possui um suporte familiar

financeiro que o permite encontrar informações menos acessíveis. Por ser filho de uma professora universitária, Obinze teve acesso, desde a infância, a uma gama de livros na biblioteca da Universidade de Nsukka e em sua residência. Conforme aponta Grada Kilomba (2019[2008]), espaços acadêmicos têm sido, historicamente, espaços de exclusão do sujeito negro e de repetição da ideia de que o negro é primitivo e o branco é superior:

Historicamente, esse é um espaço onde temos estado sem voz e onde acadêmicas/os brancas/os têm desenvolvido discursos teóricos que formalmente nos construíram como a/o 'Outras/os' inferior, colocando africanas/os em subordinação absoluta ao sujeito branco. Nesse espaço temos sido descritas/os, classificadas/os, desumanizadas/os, primitivizadas/os, brutalizadas/os, mortas/os. Esse não é um espaço neutro. (KILOMBA, 2019[2008], 2014, p. 50-51).

Um dos efeitos dessa repetida desumanização e primitivização de pessoas africanas é a supervalorização da cultura hegemônica do colonizador em detrimento da cultura dos países colonizados. Ao comparar a namorada a uma mulher negra americana, conforme destacado no trecho analisado, Obinze encena uma performance de exaltação da cultura do império e de valorização da cultura local como inferior quando comparada à cultura estrangeira. A cultura americana é apontada como aquela que deve ser copiada e alcançada. Em sua fala, o personagem reforça a visão de que aquilo que vem de outro país e, neste caso, especificamente dos Estados Unidos é melhor do que aquilo que vem da Nigéria.

Deste modo, parecer uma negra americana, para Obinze, indexa valores: significa ser uma mulher de primeiro mundo, culta, educada, rica e empoderada. Vale destacar que o personagem não comparava a namorada desta maneira em qualquer situação, apenas quando ela “usava um vestido bonito ou fazia tranças grossas no cabelo” (ADICHIE, 2014, p. 76). A existência de tal elogio dependia, portanto, da performance discursiva corpórea encenada por Ifemelu.

Tendo em vista que a construção das performances ocorre de maneira relacional, interações são provocadas a partir de diálogos entre o casal e outros personagens, como os apontados anteriormente entre Obinze, Ifemelu e amigos da escola. A mãe de Obinze, uma professora universitária que precisou deixar Nsukka devido às constantes greves por falta de salários, é também uma das personagens que, ao interagir com o casal, mobiliza

performances. No excerto em destaque a seguir, Ifemelu conhece a mãe de Obinze na residência deles e a convite da mulher. Uma das primeiras observações feitas por Ifemelu dizem respeito à relação entre mãe e filho:

Excerto 4 – Capítulo 5

‘Temos refrigerante para oferecer à convidada? Você tirou a sopa do congelador? Vamos para a cozinha’, disse a mãe dele. Ela esticou o braço, tirou um fiapo do cabelo de Obinze e deu um tapinha leve em sua cabeça. **A relação fluida e brincalhona deles deixava Ifemelu constrangida. Era livre de amarras, livre do medo das consequências:** não tinha a **forma comum** de um relacionamento com pai ou mãe. (ADICHIE, 2014, p. 79, grifo meu).

Nesta interação, Ifemelu se encontra diante de uma estrutura familiar distinta da sua. Ao questionar o filho sobre tarefas domésticas que ele deveria ter desempenhado, a mãe de Obinze se posiciona como uma mulher que delega responsabilidades para o filho, atitude que vai de encontro ao que é estabelecido na divisão de tarefas entre homens e mulheres nigerianos. O constrangimento performado por Ifemelu ao presenciar brincadeiras e afetos entre mãe e filho apontam para uma quebra de expectativa em relação ao que a protagonista considera normal nesse tipo de relação. Para ela, o esperado entre pais e filhos – e vivido por ela em sua casa – seria uma relação de autoritarismo e de obediência. A família de Obinze também subverte a norma ao ter uma mulher como figura de autoridade. Viúva, a mãe de Obinze trabalha numa universidade nigeriana, se posiciona politicamente e é a pessoa adulta e economicamente responsável pela subsistência de seu lar. Assim, a personagem encena uma performance de mulher nigeriana oposta à encenada pela mãe de Ifemelu. Esta é descrita como uma mulher extremamente religiosa, sem o mesmo nível de educação formal e responsável pelas tarefas domésticas de sua casa. Nesse momento, portanto, Ifemelu é apresentada, através das performances de Obinze e de sua mãe, a um outro modo de viver em um contexto de relações familiares e a outros papéis possíveis de serem desempenhados por mulheres e homens.

Com o tempo, Ifemelu passa a conviver cada vez mais com a mãe de Obinze e a frequentar a casa dos dois. Em certa ocasião, os três estavam assistindo a um filme na sala de estar até que a sogra de Ifemelu lembra que precisa comprar um medicamento e que, pelo horário, a farmácia está prestes a encerrar os atendimentos do dia. Ela, então, sai de casa e deixa os dois a sós por alguns minutos. O casal, assim que se encontra sem a vigilância de uma adulta, pausa o filme e se dirige ao quarto de Obinze. Os adolescentes

utilizam este tempo sozinhos para trocar beijos e carícias até ouvirem o barulho do carro da mãe de Obinze estacionando. Ao entrar em casa e se deparar com os dois na sala de estar, a mulher inicia a seguinte interação:

Excerto 5 – Capítulo 5

A mãe de Obinze entrou e olhou para a televisão. ‘Vocês estavam vendo essa cena quando eu saí’, disse, muito séria. Fez-se um silêncio gelado, inclusive no filme. Então, os gritos musicais de um vendedor de feijões entraram pela janela.

‘Ifemelunamma, por favor, venha aqui’, disse a mãe dele, virando-se para ir lá para dentro.

Obinze se levantou, mas Ifemelu o deteve. ‘Não, ela disse para eu ir.’

A mãe dele pediu-lhe que entrasse no quarto e sentasse na cama.

‘Se acontecer alguma coisa entre você e Obinze, vocês dois serão responsáveis. Mas a natureza é injusta com as mulheres. Um ato é cometido por duas pessoas, mas, se há consequências, apenas uma sofre. Está me entendendo?’ [...]

‘Sei que você é uma **menina esperta**. As **mulheres são mais sensatas** que os homens, e você terá que ser a mais sensata dos dois. Convença-o. Vocês dois devem concordar em esperar, para que não haja pressão’. (ADICHIE, 2014, p. 81-82, grifo meu).

Mesmo sendo mãe do rapaz e tendo com ele uma relação “fluida e brincalhona” (ADICHIE, 2014, p. 79), a personagem determina que a conversa precisa ocorrer apenas entre ela e a nora Ifemelu. As performances identitárias de dinâmica familiar progressista não comparecem nesse excerto, dando lugar a uma performance conservadora e sexista por parte da mãe. Obinze encena uma performance em que ameaça confrontar a mãe ao se levantar, mas desiste ao ouvir de Ifemelu “Não, ela disse para eu ir”, índice linguístico destacado no trecho acima. Aqui, observamos uma interação em que duas personagens femininas protagonizam a discussão, ao passo que o único personagem masculino presente é excluído da conversa que está para acontecer.

Analisando os índices linguísticos presentes no diálogo entre as duas mulheres, percebemos que, ao passo em que atribui a possibilidade de uma gravidez ao casal, a mãe do rapaz coloca em Ifemelu a maior responsabilidade sobre a prevenção na relação. Ao afirmar que a “natureza é injusta com as mulheres”, a mãe de Obinze utiliza o fator biológico como justificativa para que as mulheres sejam mais cobradas em relação à maternidade. Ao adjetivar Ifemelu como “uma menina esperta”, a mãe do jovem tenta convencê-la de que é de sua responsabilidade evitar que o casal sofra as consequências de uma gravidez na adolescência. Não obstante, a sogra de Ifemelu descreve as mulheres como pessoas “mais sensatas”, reforçando o grau de responsabilização que a jovem tem

em relação a Obinze. O uso do índice indexical “convença-o”, um imperativo, atribui à protagonista o controle e o domínio das ações realizadas pelo casal no relacionamento. Tal diálogo, dirigido apenas a Ifemelu e não aos dois jovens, exime Obinze da culpabilização de uma possível gravidez.

O relacionamento do casal dura até pouco tempo depois da mudança de Ifemelu aos EUA. Ao chegar na América, ela vivencia várias dificuldades e decepções em relação ao que imaginava dos EUA como uma terra de oportunidade. Manteve contato com Obinze por alguns meses até um episódio em que a protagonista, sem qualquer recurso financeiro e sem emprego, aceita a proposta de um homem branco americano de se permitir ser tocada em troca de alguns dólares. A personagem narra a experiência de um estupro que a traumatiza profundamente e a leva ao afastamento de Obinze.

Depressiva e envergonhada por não conseguir se sustentar em um país estrangeiro, Ifemelu para de responder aos *e-mails* do namorado e de atender às suas ligações, ação que mobiliza uma performance identitária de falta de dignidade, de sujeira e de não merecimento de amor. O silêncio entre os dois se estende por mais de uma década, até que Ifemelu decide voltar a residir na Nigéria e retoma o contato com o ex-namorado de sua adolescência. Vale destacar que, nesse período de treze anos sem qualquer comunicação entre o casal, o rapaz também sai do território nigeriano e, impedido pelo sistema de migração dos EUA de ir a tal país após o atentado às torres gêmeas, viaja para a Inglaterra e vive por algum tempo como imigrante ilegal em Londres. Anos depois, após se restabelecer em seu país de origem, a personagem encontra Obinze pessoalmente e, em meio a comparações dos dois sobre suas impressões da Nigéria como pessoas que saíram do país e retornaram tempos depois, a seguinte memória é atualizada pelo narrador no capítulo 51:

Excerto 6 – Capítulo 51

‘Mas, falando sério, **me diga de que maneiras você mudou?**’ Ele usou um tom de brincadeira, mas Ifemelu ficou um pouco tensa com a pergunta; parecia estar perto demais de seu âmagô vulnerável e reconfortante. Então ela disse, numa voz despreocupada: ‘**Meu gosto**, acho. Mal posso acreditar na quantidade de coisas que acho feias agora. **Não suportaria a maioria das casas desta cidade. Agora, sou uma pessoa que aprendeu a admirar vigas de madeira expostas**’. Ifemelu revirou os olhos e ele sorriu por ela estar zombando de si mesma, um sorriso que, para ela, foi como um prêmio que queria sempre ganhar.

‘É meio esnobe, na verdade’, acrescentou Ifemelu.

‘É totalmente esnobe’, disse ele. ‘Eu costumava ser assim com os livros. Secretamente sentia que meu gosto era superior.’

‘O problema é que eu nem sempre guardo segredo a respeito.’

Obinze riu. ‘Ah, nós sabemos disso.’

‘Você disse que costumava ser assim. O que aconteceu?’

‘O que aconteceu foi que eu cresci.’

‘Ai’, disse ela.

Obinze não disse nada; ergueu de leve as sobrancelhas de uma maneira sardônica, o que queria dizer que ela teria de crescer também. (ADICHIE, 2014, p. 467, grifo meu).

Para questionar Ifemelu, Obinze encena uma performance que aponta não para uma possibilidade de mudança das características relacionadas à personagem, e sim para uma certeza de que ela não permanece a mesma jovem que ele um dia namorou. Esse posicionamento fica evidente ao observarmos o índice linguístico “me diga **de que maneiras** você mudou?”, cuja performance mobilizada não é a de saber se houve mudanças, e sim quais são elas, expondo uma curiosidade pelas vidas um do outro. O efeito de tal performance em Ifemelu é a de fazer a protagonista realizar uma autoanálise e, ao fazê-la, a mulher afirma que a mudança diz respeito à sua visão do que é belo. Após os anos vividos nos EUA, a arquitetura nigeriana passa a ser vista de outra forma por ela. Mais uma vez, memórias coloniais são atualizadas, posicionando os elementos locais africanos como inferiores em relação a modelos arquitetônicos comuns na América conhecida por Ifemelu.

Em outra ocasião, Obinze e Ifemelu voltam a se encontrar e a conversar sobre as experiências vividas por ela enquanto morou em um país norte-americano. As memórias que são construídas nesse momento da narrativa são relacionadas a estes relatos da personagem para seu ex-parceiro:

Excerto 7 – Capítulo 54

Quando ela falava de sua vida americana, ele ouvia com uma atenção próxima do desespero. Queria fazer parte de tudo que Ifemelu já tinha feito, ser familiar a cada emoção que já sentira. Certa vez, ela disse: **‘O problema de namorar uma pessoa de outra cultura é que você passa muito tempo se explicando. Meu ex-namorado e eu passávamos muito tempo nos explicando. Eu às vezes me perguntava se teríamos alguma coisa para dizer um ao outro se fôssemos do mesmo lugar’**. Obinze ficou **satisfeito** ao ouvir isso, porque dava ao seu relacionamento com Ifemelu uma profundidade, uma ausência de novidade superficial. Eles eram do mesmo lugar, mas ainda assim tinham muita coisa a dizer um para o outro.

Estavam falando sobre política americana certa vez e ela disse: ‘Gosto dos Estados Unidos. É o único lugar onde poderia viver, além daqui. Mas, um dia, **um bando de amigos de Blaine e eu estávamos falando sobre crianças e eu me dei conta de que, se algum dia tiver filhos, não quero que tenham uma infância americana. Não quero que digam ‘oi’ para os adultos, quero que digam ‘bom dia’ e ‘boa tarde’. Não quero que murmurem ‘bem’ quando alguém perguntar como estão. Quero que digam, ‘estou bem, obrigado’ e**

‘eu tenho cinco anos’. Não quero um filho que **se alimenta de elogios**, espera ganhar um prêmio por ter feito um esforço e **desafia** os adultos em nome da **autoexpressão**. Isso é **horrivelmente conservador**? Os amigos de Blaine disseram que é e, para eles, ‘conservador’ é o pior insulto que existe.’ (ADICHIE, 2014, p. 493, grifo meu).

Ao se referir a um de seus relacionamentos amorosos nos EUA, Ifemelu destaca que a diferença cultural gera um empecilho na interação entre o casal. Em sua fala, como podemos observar em destaque no excerto presente no capítulo 54 do livro, Ifemelu não considera a questão racial, presente em um dos dois relacionamentos que construiu durante seu tempo nos Estados Unidos. Percebe-se, portanto, que, nessa memória, a performance encenada por ela aponta para divergências culturais que levam em consideração apenas a nacionalidade de seus namorados e que não observa as interseccionalidades de raça e classe social que permearam cada relação. Para ela, então, o fato de seus namorados serem de nacionalidade americana e ela, nigeriana era o motivador das divergências quanto às formas de viver e de agir no mundo performadas pelos personagens. Há, portanto, uma performance de hierarquização entre países sendo encenada.

Neste mesmo fluxo de memória, Ifemelu encena uma performance discursiva distinta ao tratar da educação de crianças nos Estados Unidos. Se, em quesitos como a arquitetura e a política, os EUA são, na concepção da protagonista, mais desenvolvidos, em outros aspectos, como a maneira como as crianças são estimuladas a se comportarem, as famílias nigerianas apresentam um posicionamento mais adequado. Ao anunciar que não gostaria que seus filhos fossem criados na América do Norte, Ifemelu generaliza a formação de indivíduos americanos como desrespeitosa, pois, em sua opinião, crianças devem tratar adultos de maneira mais formal do que ela observava nos EUA. A personagem segue suas críticas afirmando que, no contexto estadunidense, o indivíduo americano, desde a tenra idade, “se alimenta de elogios”. Nessa memória, Ifemelu posiciona-se discursivamente como alguém que é capaz de observar as diferenças entre ambos os países e de decidir em que aspectos a Nigéria é superior ou inferior os EUA.

Em conclusão, observando os excertos em que há interação entre Obinze e Ifemelu na adolescência, algumas performances são percebidas. Obinze, ao comparar a cultura nigeriana à americana, sempre exalta a última, e mobiliza, em seus discursos, a atualização de memórias coloniais. Ao analisarmos o relacionamento, durante a

adolescência dos dois, notamos que o jovem a indexicaliza como alguém que precisa estudar e conhecer mais sobre a cultura americana para reproduzir performances discursivo-corpóreas estereotipicamente associadas às mulheres afro-americanas. Quando Obinze sugere que sua namorada leia autores americanos, assista a filmes americanos e se vista como uma mulher negra americana, ele projeta em Ifemelu um ideal a ser seguido. Ser uma mulher nigeriana não é suficiente para que Obinze a admire; é preciso que ela seja uma mulher nigeriana que fala, conhece, entende e age como uma mulher americana.

A partir desse relacionamento, Ifemelu também interage com outros personagens que atuam indexicalizando outras performances a ela, como a mãe de Obinze. Nas interações entre o casal e a mãe de Obinze, outros efeitos são causados na protagonista. Diante das performances encenadas por sua sogra, Ifemelu observa outras possibilidades de ser mulher nigeriana distintas das vivenciadas pelas mulheres em sua família. No entanto, esta mulher, ao conversar com a nora sobre os riscos de iniciar uma vida sexualmente ativa com Obinze, deposita em Ifemelu uma responsabilidade que deveria ser do casal. Conforme destacamos na análise dessa interação, o fato de ser mulher coloca Ifemelu em uma posição de culpabilização caso uma gravidez indesejada acontecesse. No que tange a educação sexual e a responsabilização sobre a possibilidade de uma gravidez indesejada, a mãe de Obinze encena uma performance sexista e conservadora que sobrecarrega as mulheres e exime os homens de culpabilização.

Já na fase adulta e pós-vivência nos Estados Unidos de Ifemelu, Obinze encena performances de indagação e de curiosidade sobre a experiência de sair da Nigéria, cujo efeito na protagonista é o de realizar autoanálise e o de valorar o que cada um dos países apresenta de melhor ou de pior, em sua concepção. As memórias narradas nesse relacionamento corroboram essas performances indexicalizadas à protagonista à medida em que não há, no romance, lembranças de comportamentos subversivos por parte de Ifemelu em relação a tais posicionamentos. A próxima seção dedica-se a observar quais foram os efeitos causados na protagonista em sua relação com Curt.

4.2 Ifemelu e Curt: “Raça importa”

Nesta seção, ainda respondo à pergunta 1, mas com foco no segundo

relacionamento de Ifemelu, dessa vez com Curt, um homem americano branco e rico. Após meses de desespero e de dificuldades financeiras ocasionadas pela falta de um emprego na América, Ifemelu finalmente consegue uma entrevista para uma vaga de babá. Por indicação de Ginika, amiga nigeriana que havia se mudado para os EUA ainda na adolescência, Ifemelu vai até a casa de uma família de classe média alta e é entrevistada pela mãe das crianças que ela viria, um pouco depois, a cuidar. Passado algum tempo, é nesse ambiente que a protagonista conhece Curt, tio das crianças e primo da patroa de Ifemelu, e eles logo iniciam um relacionamento. Podemos analisar, através das memórias da personagem, diversos momentos vividos pelos dois enquanto estavam em uma relação afetivo-sexual. As situações rememoradas se caracterizam por apontarem episódios em que os fatores classe social e, principalmente, raça permeavam o cotidiano do casal. Para melhor observar as dinâmicas presentes nesta relação inter-racial, traremos, a seguir, alguns apontamentos sobre raça.

Conforme aponta Grada Kilomba em seu livro “Memórias da plantação” (2008[2019], p. 75),

[só] se torna ‘diferente’ porque se ‘difere’ de um grupo que tem o poder de se definir como norma – a norma branca. Todas/os aquelas/es que não são brancas/os são construídas/os então como ‘diferentes’. A branquitude é construída como ponto de referência a partir do qual todas/os as/os ‘Outras/os’ raciais ‘diferem’. Nesse sentido, não se é ‘diferente’, torna-se ‘diferente’ por meio do processo de discriminação.

Em outras palavras, o processo de inclusão ou exclusão de determinada pessoa em algum grupo, quando pensamos no racismo, se dá através de características tidas como referenciais. Nesse caso, elementos que constroem a imagem da pessoa branca (fenótipo, por exemplo) são utilizados para determinar quem pertence ou não ao grupo detentor de poder dentro da sociedade. Essas ações racistas, por sua vez, ocorrem no discurso que, como afirma Kilomba, funcionam “através de uma cadeia de palavras e imagens que se tornam associativamente equivalentes, mantendo identidades em seu lugar” (2008[2019], p. 156-157).

Se entendemos que a sociedade atua por meio do discurso (ou narrativa), podemos dizer que os conceitos de raça e racismo, discutidos anteriormente, se moldam aos interesses de quem os produz. No capítulo 31 de “Americanah” (2014), há uma cena em que a personagem principal, Ifemelu, vivendo nos Estados Unidos há alguns anos, vai a

um jantar com outras pessoas negras e de diferentes nacionalidades. Nesse episódio, o grupo de amigos com quem Ifemelu interage é composto por um grupo de pessoas liberais-democratas, intelectuais e negras que se reuniu para comemorar a primeira eleição de Barack Obama. Nesse encontro, uma mulher haitiana, em determinado momento, afirma que já namorou homens brancos na América e que raça não era uma questão. Segundo ela, a diferença racial não se fazia presente. Ifemelu, que também já tinha tido um relacionamento com um homem branco americano, retruca tais afirmações, causando desconforto no jantar:

Excerto 8 – Capítulo 31

‘O único motivo pelo qual você diz que a raça nunca foi um problema é porque queria que não fosse. Nós todos queríamos que não fosse. Mas isso é uma **mentira**. Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos. Quando você é negro nos Estados Unidos e se apaixona por uma pessoa branca, a raça não importa quando vocês estão juntos sem mais ninguém por perto, porque então é só você e seu amor. Mas no minuto em que põe o pé na rua, a raça importa. Mas nós não falamos sobre isso’. (ADICHIE, 2013, p. 315, grifo meu).

Segundo a personagem, conflitos em relação à raça não estavam presentes em seu país de origem majoritariamente negro, a Nigéria, enquanto, nos Estados Unidos, havia um discurso racista que se materializava nas performances encenadas pelas pessoas brancas. Ela segue, então, lembrando situações vividas por ela quando namorava Curt que corroboram tal ponto de vista. É interessante frisar que esse parceiro surgiu em sua vida quando a protagonista trabalhava como babá na casa de uma prima dele:

Excerto 9 – Capítulo 18

Curt gostava de dizer que tinha sido **amor à primeira risada**. Sempre que as pessoas perguntavam como eles tinham se conhecido, **mesmo pessoas com quem não tinham nenhuma intimidade**, ele contava a história de como Kimberly os tinha apresentado, **ele o primo que viera de Maryland visitar, ela a babá nigeriana** de quem Kimberly falava tanto, e quão impressionado ficou com sua voz grave e com a trança que escapava de seu elástico. (...) Curt também contava que Ifemelu sabia que ele estava encantado — como podia não saber? —, mas fingiu não perceber, porque não queria um branco. Mas a verdade é que Ifemelu não havia notado o interesse dele. (ADICHIE, 2014, p. 208-209, grifo meu).

No trecho acima, observamos uma memória em que Curt, um homem jovem, branco e de classe social alta, narra o início de seu relacionamento com Ifemelu. Em sua fala, ele destaca as diferenças de raça, classe e nacionalidade entre os dois quando se descreve como “o primo que viera de Maryland visitar” e Ifemelu como “a babá nigeriana

de quem Kimberly falava tanto”. Ao destacar a diferença geográfica entre os dois, o personagem aponta para diversos fatores. Primeiramente, a menção ao estado de Maryland produz o efeito de posicionarmos Curt como alguém que provavelmente vem de uma família financeiramente privilegiada. Isso porque, ao buscar informações sobre tal estado, descobrimos que é, em 2022, o sétimo mais caro para se viver nos Estados Unidos²⁸.

Em oposição a esta informação, Curt descreve Ifemelu em sua fala como a “babá nigeriana”, indexalizando-a como alguém que vem da Nigéria, país do continente africano, gerando o efeito de associar a ela os estereótipos que envolvem tal lugar: o da pobreza extrema, fome, miséria, falta de saneamento etc. Não obstante, Curt reforça tal estereótipo e a classe social da protagonista ao mencionar sua profissão nos EUA: a de babá.

O personagem Curt, desde as primeiras interações com Ifemelu, encena uma performance que aponta para a diferença de classe social entre os dois. A partir das memórias apresentadas na narrativa sobre o primeiro encontro do casal, nota-se uma recorrência por parte de Curt em abordar tal assunto:

Excerto 10 – Capítulo 18

Ela começou a gostar de Curt porque ele gostava dela. ‘Você come de um jeito tão delicado’, disse Curt no primeiro encontro dos dois, num restaurante italiano na Old City. Não havia nada de particularmente delicado no ato de levar um garfo à boca, mas Ifemelu gostou de ele ter achado isso.

‘Bom, **sou um branco rico de Potomac**, mas **sou bem menos babaca do que deveria ser**’, disse Curt, de um jeito que fez Ifemelu sentir que ele já havia dito aquilo antes, e que tivera uma boa recepção quando o fizera. ‘Laura sempre diz que **minha mãe tem mais dinheiro que Deus**, mas não tenho certeza disso.’

Ele falou de si mesmo com entusiasmo, como se estivesse determinado a dizer tudo que havia para ser dito de uma só vez. **A família de Curt era dona de hotéis havia cem anos.** Ele tinha feito faculdade na Califórnia para escapar deles. Tinha se formado e viajado pela América Latina e pela Ásia. Algo começara a atraí-lo de volta, talvez a morte do pai, talvez o fato de estar infeliz num relacionamento. Então, fazia um ano, ele tinha se mudado para Maryland de novo, **aberto uma empresa de software só para não ter que entrar para o negócio da família**, comprado um apartamento em Baltimore e passado a ir para Potomac todo domingo para tomar brunch com a mãe. (ADICHIE, 2014, p. 209-210, grifo meu).

²⁸ Para mais informações, acessar: <https://worldpopulationreview.com/state-rankings/most-expensive-states-to-live-in>. Acesso em: 25 jun. 2022.

Ao se descrever como um “branco rico de Potomac”, o rapaz associa sua imagem a uma região específica no estado de Maryland e às características estereotipicamente atreladas a homens brancos ricos residentes de tal lugar. Entretanto, ao complementar dizendo ser uma pessoa “bem menos babaca do que deveria ser”, Curt encena uma performance que o indexaliza como um homem de Potomac que possui apenas as características consideradas positivas associadas a esse lugar. Ao informar Ifemelu que sua família possui uma rede de hotéis e que outras pessoas dizem que sua mãe “tem mais dinheiro que Deus”, Curt aponta para a sua condição financeira, deixando mais uma vez evidente a sua classe social ao encenar performances de um homem branco bem-sucedido. No entanto, ao passo em que o jovem ratifica tal informação a todo momento, ele tenta se afastar de possíveis rótulos. Isso se observa através dos índices linguísticos utilizados e destacados no excerto acima, além da narrativa trazida por ele em relação às suas viagens para se distanciar de sua família e sobre a empresa que gerencia “só para não ter que entrar no negócio da família”.

O fluxo de memórias sobre este relacionamento continua mais à frente no romance, quando Ifemelu relembra uma ocasião em que Curt a levou para conhecer uma tia dele, Claire. Nesse encontro, Claire produz efeitos ao se dirigir à Ifemelu:

Excerto 11 – Capítulo 18

Mas, certa vez, eles foram visitar a **tia de Curt**, Claire, em Vermont, uma mulher que **tinha uma fazenda de produtos orgânicos**, andava descalça e falava sobre o quanto aquilo a fazia sentir-se conectada com a terra. **Por acaso Ifemelu tinha tido uma experiência parecida na Nigéria?**, perguntara ela, fazendo uma cara de **decepção** quando Ifemelu respondeu que sua mãe lhe daria um tapa se ela saísse sem sapatos. Durante toda a visita, Claire falou sobre seu safári no Quênia, sobre a elegância de Mandela, sobre sua adoração por Harry Belafonte, e Ifemelu temeu que fosse começar a usar as gírias dos negros americanos ou a falar suaíli’.

Depois que eles deixaram sua enorme casa, ela disse: ‘Aposto que ela seria uma mulher interessante se fosse ela mesma. **Não preciso que se esforce tanto para me assegurar que gosta de pessoas negras**’. **E Curt disse que a questão não era a raça, mas o fato de que sua tia tinha uma consciência aguda da diferença, qualquer diferença**. ‘Ela teria feito exatamente a mesma coisa se eu tivesse aparecido lá com uma russa loura’.

É claro que a tia dele não teria feito a mesma coisa com uma russa loura. Uma russa loura era branca, e a tia não teria sentido a necessidade de provar que gostava de pessoas com a aparência da russa loura. **Mas Ifemelu não disse isso a Curt, porque lamentou que não fosse óbvio para ele**. (ADICHIE, 2014, p. 247, grifo meu).

Nesse trecho presente no capítulo 31 do romance, podemos observar uma situação

que Grada Kilomba chama de “constelação triangular do racismo” (2008[2019], p. 147). A autora nomeia de tal maneira uma situação em que há três pessoas desempenhando funções diferentes na manutenção do racismo. Em primeiro lugar, temos a personagem que performa o racismo, que, nesse caso, é a tia Claire, uma mulher branca e de classe social alta. Ela atua tentando encenar uma performance de uma mulher próxima à Ifemelu e que gosta da África, mas encena uma performance de uma mulher que reforça estereótipos de uma África pobre. A segunda personagem nesse triângulo seria a pessoa negra que sofre a agressão, e a terceira, a “plateia branca, que observa a performance”. O silêncio de Curt enquanto as ações aconteciam também diz muito sobre o consenso que existe em sua performance. Mais do que um mero observador, Curt apresenta, através de seu silêncio, concordância com tudo que foi dito à Ifemelu nessa interação.

A personagem, então, segue narrando trechos que contribuem para seu posicionamento de que raça tem um impacto em relações afetivas por conta do discurso racista que há na sociedade. Assim, ela relembra uma situação em que foi a um casamento de uma prima de Curt:

Excerto 12 – Capítulo 18

Quando Curt dizia: ‘Essa é **minha namorada**, Ifemelu’, elas a **olhavam com surpresa**, uma surpresa que algumas disfarçavam e outras não, e em sua expressão surgia a pergunta: ‘Por que ela?’. Aquilo divertia Ifemelu. Ela já vira aquele olhar antes, no rosto de mulheres brancas, estranhas por quem passavam na rua, que viam sua mão na de Curt e imediatamente tinham o rosto anuviado por aquele olhar. **Era o olhar de pessoas encarando uma imensa perda da tribo**. Não era apenas por Curt ser branco, **mas pelo tipo de branco que era, com os cabelos dourados e revoltos e o rosto bonito, o corpo de atleta, o charme solar, exalando dinheiro**. Se ele fosse gordo, mais velho, pobre, feio, excêntrico ou tivesse dreads, aquilo seria menos espantoso e as guardiãs da tribo seriam amansadas. (ADICHIE, 2014, p. 246).

Tais situações nos remetem aos pressupostos de Kilomba, quando aponta que essa performance remonta uma fantasia: a da mulher negra que rouba crianças e homens. Segundo a pesquisadora, este comportamento

[...] é muito coerente com memórias coloniais. Historicamente, mulheres negras têm tido essa função de serem corpos sexualizados e reprodutores de trabalhadoras/es (Collins, 2000; hooks, 1981; 1992); isto é, tem a função tanto de amantes como de mães. Durante a escravização, as mulheres negras foram sexualmente exploradas para criar filhas/os. (KILOMBA, 2008[2019], p. 75).

Essa fantasia, conforme apontado por Kilomba, também se faz presente em outra memória de Ifemelu em seu relacionamento com Curt, encontrada no capítulo 18:

Excerto 13 – Capítulo 18

Curt **nunca tinha transado com uma negra; ele disse isso para ela** após sua primeira vez, em sua **cobertura z**, jogando a cabeça num gesto em que caçoava de si mesmo, **como se isso fosse algo que devesse ter feito havia muito tempo**, mas que sempre deixara para depois. **‘Um brinde a esse marco, então’, disse Ifemelu**, fingindo que erguia um copo. (ADICHIE, 2014, p. 212, grifo meu).

A partir dos índices linguísticos em destaque no excerto, podemos observar que Curt, um homem branco, encena uma performance de hipersexualização do corpo negro feminino como exótico e como algo a se experimentar. O efeito causado pela objetificação do corpo de Ifemelu, no entanto, não é o de espanto ou de revolta por parte da personagem, mas o de concordância. Ao definir a relação sexual entre os dois como um “marco” a ser brindado, a protagonista reforça o discurso produzido pelo namorado. Segundo Kilomba (2019[2008]), há um estereótipo em torno do corpo negro e de nacionalidade não ocidental:

O momento em que o sujeito negro é inspecionado como um objeto de fetiche, um objeto de obsessão e desejo é descrito por Frantz Fanón como um processo de ‘despersonalização absoluta’ (1967, p. 63), pois o sujeito negro é forçado a desenvolver um relacionamento com o eu e a performar o eu que tem sido roteirizado pelo colonizador, produzindo em si mesmo a condição, internamente dividida, de despersonalização. (KILOMBA, 2019[2008], p. 119).

Ao afirmar que nunca havia tido relações sexuais com “uma negra”, Curt despersonaliza Ifemelu e a posiciona como um objeto a ser experimentado e categorizado. Em resposta a tal despersonalização, Ifemelu encena uma performance de corroboração com a forma como é posicionada pelo homem branco nessa relação.

Durante algum tempo, o relacionamento dos dois foi marcado por experiências novas para Ifemelu proporcionadas pelo poder aquisitivo de Curt. Ter acesso a um estilo de vida tão diferente do seu causou na protagonista o efeito de sensação de leveza e de liberdade, como vemos em destaque no trecho abaixo:

Excerto 14 – Capítulo 18

Com Curt Ifemelu se tornou, em sua mente, uma mulher livre de pesos e preocupações, uma mulher correndo na chuva com o gosto de morangos cálidos de sol na boca. ‘Um drinque’ tornou-se parte da arquitetura de sua vida, mojitos e martínis, drinques transparentes e secos, drinques vermelhos e frutados. **Com ele, Ifemelu foi escalar, andar de caiaque, acampar perto da casa de campo da família dele, todas coisas que jamais se imaginara fazendo antes**. Estava mais leve e mais esguia; **era a Namorada de Curt, um papel que vestiu como quem usava o vestido preferido, de caimento perfeito**. Ifemelu **ria mais porque ele ria tanto**. O otimismo de Curt a cegava. Ele era cheio de planos. ‘Tive uma ideia!’, dizia sempre. Ela o imaginou quando criança, cercado de brinquedos demais com cores vivas, sempre sendo

encorajado a realizar ‘projetos’, sempre com alguém a lhe dizer que suas ideias prosaicas eram maravilhosas. (ADICHIE, 2014, p. 213-214, grifo meu).

Em relações interracialis, conforme aponta o psiquiatra e filósofo político Franz Fanon em seu livro “Pele negra, máscaras brancas” (2008), há, por parte da pessoa negra, uma tentativa inconsciente de se conquistar algum tipo de benefício que somente um(a) parceiro(a) branco(a) é capaz de proporcionar. No caso da mulher negra que se relaciona com um homem branco, Fanon aponta que há uma busca por ascensão social. Em seu estudo que originou o livro anteriormente citado, Fanon utiliza narrativas de mulheres negras – em sua maioria martinicanas – das relações de afeto românticas que elas buscavam. Em uma de tais narrativas, Fanon destaca a repulsa e rejeição de mulheres negras em relação a homens negros:

Conhecemos muitas compatriotas, estudantes na França, que nos confessaram com toda a candura, uma candura toda branca, que não poderiam casar-se com um negro (ter escapado e voltar atrás? Ah, não. Obrigada!) Aliás, acrescentavam, não é que neguemos ao negro qualquer valor, mas é melhor ser branco. (FANON, 2008, p. 58).

A ação de poder ser definida como a “Namorada de Curt”, um homem branco com liberdade e disponibilidade para viver aventuras proporcionadas por seu poder aquisitivo, tem como efeito na protagonista a ideia de ser parte de um mundo acessado apenas por pessoas brancas. Nas palavras de Fanon, ao abordar o sentimento de inferioridade experienciado pela pessoa negra, a necessidade de se relacionar afetivamente com uma pessoa branca parte de um ideal de que “ser branco é como ser rico, como ser bonito, como ser inteligente” (FANON, 2008, p. 60).

O relacionamento de Ifemelu e Curt é atravessado por diversas categorias interseccionalizadas, como raça, gênero, situação econômica e nacionalidade. No entanto, como podemos observar em destaque no excerto a seguir, discussões aprofundadas sobre raça não eram comuns entre o casal:

Excerto 15 – Capítulo 31

Não era que eles evitassem a questão da raça, ela e Curt. Falavam sobre isso daquela **forma escorregadia que não admitia nada e não aprofundava nada** e que terminava com a palavra “maluquice”, como um objeto curioso que deveria ser examinado e depois deixado de lado. **Ou num tom de brincadeira que sempre a deixava com uma leve dormência desconfortável que ela nunca admitiu para ele.** E não era que Curt fingisse que ser negro e ser branco era a mesma coisa nos Estados Unidos; ele sabia que não era. Na verdade, **o problema era que Ifemelu não entendia como ele podia compreender uma coisa e ser completamente cego para outra parecida,** como conseguia colocar-se no lugar do outro de forma tão fácil em

uma instância e ter tanta dificuldade em outra. (ADICHIE, 2014, p. 316, grifo meu).

A partir de índices linguísticos como “não admitia nada e não aprofundava nada” e “tom de brincadeira”, nota-se de que forma se dava a dinâmica entre o casal interracial no que tange o racismo. Apesar de Curt e sua família encenarem performances dentro de comportamentos liberais e de valorização do multiculturalismo, destaca-se, nessa relação, a (in)capacidade da branquitude de colocar-se no lugar do outro e de demonstrar empatia. A maneira superficial com que o casal performa raça em suas interações aponta para a falta de reconhecimento da gama de aspectos que envolvem a categoria raça, pois, conforme Valim de Melo (2022),

[conceber] performatividade de raça significa dizer que raça é o ato de fala performativo regulado pelas estruturas raciais hegemônicas que circulam em determinada situação e pelos discursos que constroem e a sustentam as questões raciais. Tudo isso perpassado pela cultura, o social e a história, lembrando que cada país vivencia tais aspectos de forma distinta do outro. (VALIM DE MELO, 2022, p. 83).

Para a protagonista Ifemelu, abordar questões raciais de maneira superficial tinha como efeito causar-lhe um desconforto que não era compartilhado com seu parceiro. Ao performar raça nesta relação, a personagem silencia-se não só em interações com o namorado, mas em situações em que terceiros estão envolvidos. Ao passo em que ações racistas dirigidas a Ifemelu têm o efeito de silenciá-la, Curt se posiciona de maneiras distintas a depender da terceira pessoa envolvida na interação. Em continuação à memória evocada pela narrativa sobre a performance racial do casal, o leitor é apresentado a uma situação em que Curt reage a uma fala racista:

Excerto 16 – Capítulo 31

Antes do casamento de Ashleigh, por exemplo, uma prima de Curt, ele deixara Ifemelu num pequeno salão próximo da casa **onde passara a infância**, para ela fazer as sobrancelhas. Ifemelu entrou e deu um sorriso para a mulher asiática que estava na recepção.

‘Oi, eu queria fazer a sobrancelha com cera.’

‘**A gente não trabalha com cabelo crespo**’, disse a mulher.

‘Vocês não trabalham com cabelo crespo?’

‘Não. Sinto muito.’

Ifemelu lançou um olhar demorado à mulher; não valia a pena discutir. Se eles não trabalhavam com cabelo crespo, então não trabalhavam com cabelo crespo, **fosse lá o que isso significava.** Ela ligou para Curt e lhe pediu que fosse buscá-la, porque o salão não trabalhava com cabelo crespo. **Curt entrou lá, com os olhos mais azuis que o normal, e disse que queria falar com o gerente imediatamente.** ‘Vocês vão fazer a sobrancelha da minha namorada ou eu vou mandar fechar esta porra de lugar. Vocês não merecem ter um alvará.’

A mulher se transformou numa coquete sorridente e solícita. ‘Sinto muito, foi um mal-entendido’, disse ela. **Sim, eles podiam fazer as sobrancelhas. Ifemelu não quis**, temendo que a mulher fosse queimá-la, arrancar sua pele, beliscá-la, **mas Curt estava ultrajado demais por ela, soltando fumaça no ambiente abafado do salão**, e por isso ela sentou-se, tensa, e aguardou enquanto a mulher passava cera em suas sobrancelhas.

Quando eles estavam no carro de novo, **Curt perguntou: ‘Em que mundo os pelos da sua sobrancelha são crespos? E por que seria difícil passar cera num cabelo crespo, porra?’**.

‘Talvez eles nunca tenham feito a sobrancelha de uma mulher negra e pensem que é diferente, pois nosso cabelo é mesmo diferente, mas acho que agora ela sabe que as sobrancelhas não são tão diferentes.’ (ADICHIE, 2014, p. 316-317, grifo meu).

Diversas performances são encenadas na situação narrada no trecho acima. O primeiro índice linguístico em destaque – “onde passara a infância” – situa o leitor quanto ao espaço geográfico do salão em questão e ao possível perfil socioeconômico de sua clientela. Ao termos conhecimento de que tal salão localiza-se próximo à casa de infância de Curt, um homem cuja família possui uma grande rede de hotéis, inferimos que este seja frequentado por pessoas da mesma classe social do jovem. Não obstante, se considerarmos a interseccionalidade entre classe, gênero e raça ao analisarmos o índice “A gente não trabalha com cabelo crespo”, podemos concluir que há um perfil de clientes desse estabelecimento, e este não inclui pessoas negras.

Esta ação tem por efeito o silêncio e a resignação de Ifemelu, que julga inútil argumentar com a atendente, pois, em sua concepção, a fala da mulher não foi clara o suficiente (“fosse lá o que isso significava”). Diante do ocorrido, Curt reage de maneira bem distinta de sua namorada e performa uma ação que indexicaliza a consciência do motivo pelo qual a funcionária se recusou a atender Ifemelu. Conforme Rossatto (2014, p. 123), um dos desdobramentos do racismo na sociedade aponta para “a realidade da supremacia branca, que nada mais é do que um sistema social racializado que, injustamente, privilegia e dá poder àqueles identificados como brancos”. Em outras palavras, ser branco significa ter poder para, como observado no excerto, ser racista e para reagir energicamente contra uma ação racista.

Para que Ifemelu seja atendida, é necessário que um homem branco intervenha e se posicione efusivamente. Ela, no entanto, não deseja ser atendida por medo de algum tipo de agressão física (“temendo que a mulher fosse queimá-la, arrancar sua pele, beliscá-

la”), apesar de não externalizar tal receio ou se recusar a receber atendimento. A performance de Curt mobiliza em Ifemelu a reação de aceitar passivamente que a exigência feita por ele fosse cumprida, como observamos no trecho “mas **Curt estava ultrajado demais** por ela [...] e **por isso ela sentou-se**, tensa, e aguardou enquanto a mulher passava cera em suas sobancelhas” (ADICHIE, 2014, p. 317). Com isso, o poder conferido à branquitude nessa memória é reforçado, também, através da execução da vontade de uma pessoa branca – nesse caso, o atendimento exigido por Curt – sobre um corpo negro.

Pesquisadores como Lourenço Cardoso (2008; 2014) e Lia Vainer Schucman (2014) têm se debruçado sobre o poder exercido por pessoas categorizadas como brancas em relação às pessoas lidas como não brancas em diferentes contextos. Schucman, ao tratar sobre o assunto em seu artigo intitulado “Branquitude e poder: revisitando o ‘medo branco’ no século XXI” (2014), revisa teóricos que abordam o conceito de branquitude. A psicóloga destaca que

Ruth Frankenberg (2004) aponta que a branquitude é produto da história e é uma categoria relacional. Como outras localizações raciais, não tem significado intrínseco, mas apenas significados socialmente construídos. Nessas condições, os significados da branquitude têm camadas complexas e variam localmente e entre os locais; além disso, seus significados podem parecer simultaneamente maleáveis e inflexíveis (p. 312). (SCHUCMAN, 2014, p. 316).

A branquitude, portanto, além de ser relacional e de variar localmente, hierarquiza brancos a partir de outras categorias interseccionalizadas, como a classe social, o gênero, a origem, a regionalidade e o fenótipo (SCHUCMAN, 2014). Com isso, pode-se dizer que

a branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos considerados e classificados como brancos foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. (SCHUCMAN, 2014, p. 316).

A fim de compreender e analisar as maneiras pelas quais a branquitude atinge pessoas negras na sociedade, diversos teóricos têm pensado em formas de orientar tais estudos. Nesse sentido, uma das possibilidades de se discutir a branquitude se dá através dos conceitos de branquitude crítica e acrítica, cunhados por Lourenço Cardoso em 2008

e revisitados pelo mesmo autor em 2014. Para o historiador e escritor brasileiro, a branquitude crítica tem como perfil o branco que desaprova o racismo publicamente, mas que, na vida privada, posiciona-se de maneira tal que se torna difícil identificar a desaprovação ao racismo. Não obstante, o branco crítico é aquele que, apesar de reconhecer os privilégios que possui por conta de sua cor da pele, não critica tal privilégio. Cardoso aponta, ainda, que o branco crítico “vive sob o princípio da igualdade, em tese” e “ama, convive, ‘tolera’, ‘suporta’ (...) o Outro” (CARDOSO, 2014, p. 92), além de não pregar o ódio racial.

Por outro lado, a branquitude acrítica caracteriza-se por ter como perfil a pessoa branca simpatizante com os pensamentos propostos por grupos neonazistas, por exemplo. A branquitude acrítica, nas palavras de Cardoso (2014, p. 93-94),

em resumo, diz respeito ao branco que não possui crítica em relação ao racismo. Ele realmente não tem consideração para com o Outro, poderia nem existir. Aqueles que existem devem realmente se subordinar a ele. (...) No caso do racismo para o branco acrítico não há nenhum problema do negro ser maltratado, discriminado injustamente, recebe violência física ou moral, inclusive, ser assassinado por ser negro. Afinal, se trata de um negro, um ser inferior.

Tais definições são de extrema relevância ao observarmos as performances encenadas por Curt. Apesar de não se enquadrar no conceito de branquitude acrítica proposto por Cardoso (2008; 2014), Curt reforça sua identidade branca e os privilégios garantidos por sua pele tanto em situações em que ele se mostra consciente das diferenças provocadas pelo racismo, como já analisado em alguns trechos da narrativa, como em momentos em que se posiciona de forma conivente com agressões racistas direcionadas à Ifemelu. Dessa forma, um exemplo de performance da branquitude crítica encontra-se no excerto do romance, destacado anteriormente, em que Curt encena uma performance de rejeição e de crítica ao racismo sofrido por Ifemelu no salão de beleza. Em continuidade ao fluxo de memórias desse relacionamento, provocado pelo questionamento da protagonista citado anteriormente – “o problema era que Ifemelu não entendia como ele podia compreender uma coisa e ser completamente cego para outra parecida” (ADICHIE, 2014, p. 316) –, destacamos a lembrança de Ifemelu sobre situações em que Curt age como se não percebesse o racismo sofrido por sua namorada:

Excerto 17 – Capítulo 31

Quando eles entraram num **restaurante** com mesas cobertas por toalhas de linho e **o recepcionista olhou-os e perguntou a Curt: ‘Mesa para um?’**, Curt rapidamente disse a Ifemelu que o recepcionista não tinha dito aquilo ‘por isso’. E **ela quis perguntar: ‘Por qual outro motivo seria?’**. Quando a mulher com cabelos cor de morango que era **dona de uma pousada em Montreal se recusou a demonstrar que tinha registrado a presença de Ifemelu enquanto eles faziam o check-in**, numa **cegueira determinada, sorrindo e olhando apenas para Curt**, ela quis lhe dizer o quanto se sentia negligenciada, mais ainda porque **não sabia se a mulher não gostava de negros ou se gostava de Curt**. Mas não disse, pois **Curt lhe diria que ela estava se ofendendo por nada, ou que estava cansada, ou ambos**. Era simples: havia momentos em que ele via e momentos em que não conseguia ver. Ifemelu sabia que devia mencionar esses pensamentos, que não contar lançava uma sombra sobre eles dois. **Ainda assim, escolhia o silêncio**. (ADICHIE, 2014, p. 318-319, grifo meu).

A partir das memórias presentes na narrativa destacada acima, a branquitude crítica performada por Curt se faz presente ao apontar para os privilégios usufruídos pelo jovem ao ser atendido no restaurante ou na pousada, sem que ele os critique ou reconheça a existência deles. Também nesse trecho nos deparamos com outras situações em que a classe social e, conseqüentemente, a condição financeira de Curt é percebida através dos locais frequentados pelo casal. Tanto no restaurante quanto na pousada, Ifemelu é vítima do mesmo tipo de microagressão: a falta de reconhecimento de sua presença por pessoas que deveriam atendê-la. Ao olhar para o casal e se dirigir somente ao homem branco perguntando-lhe se gostaria de sentar-se sozinho na mesa do restaurante, o recepcionista encena, em sua performance, uma ação de recusa à possibilidade de um cliente como Curt estar acompanhado de uma mulher como Ifemelu. O mesmo tipo de recusa, que ocorre na pousada, é descrito como uma “cegueira determinada” e percebida de maneira um tanto distinta pela protagonista. Enquanto a primeira situação é, para Ifemelu, um caso evidente de racismo, conforme observamos no índice linguístico “ela quis perguntar: ‘Por qual **outro motivo** seria?’”, a segunda lembrança causa dúvida na protagonista. Isso porque a pessoa que recebe o casal na pousada é uma mulher que, pelas performances corporalmente encenadas por ela (“**sorrindo e olhando apenas para Curt**”), gera em Ifemelu o efeito de não conseguir definir se a agressão dirigida a ela se dá porque “a mulher **não gostava de negros** ou se **gostava de Curt**”. Nesse caso, portanto, a jovem se sente duplamente ofendida, já que, na primeira hipótese, ela estaria sendo vítima de racismo e, na segunda, sendo desrespeitada enquanto namorada de Curt.

Em tais memórias, nota-se a ambiguidade como um dos recursos utilizados pela branquitude, como aponta Shucman (2014). Diferentemente de seu posicionamento no episódio do salão de beleza, nessas situações, Curt se adianta e justifica a atitude do recepcionista – “Curt **rapidamente** disse a Ifemelu que o recepcionista **não tinha dito aquilo ‘por isso’**” –, eximindo-o de qualquer acusação de racismo. Ademais, em relação à atitude da recepcionista na pousada, Curt não faz qualquer tipo de comentário sobre o assunto. As performances encenadas por ele podem ser caracterizadas como ambiguidade, pois, conforme Shucman (2014, p. 138), esse é um recurso utilizado “como artifício fundamental para que os sujeitos mantenham os privilégios, eximindo-se da responsabilidade moral”. Ao se posicionar como um branco que se relaciona afetivamente com uma mulher negra e reage publicamente contra o racismo, pode-se dizer que o personagem encena performances da branquitude crítica. Ao passo em que ele mobiliza uma consciência da diferença, Curt se contradiz em suas ações ao não reconhecer os privilégios que sua pele traz ao ser reconhecido e bem-tratado em ambientes frequentados por ele com sua namorada. Não questionar o racismo sofrido por Ifemelu nas duas situações é contribuir para que pessoas brancas continuem sendo tratadas com respeito e tendo sua existência reconhecida. Em outras palavras, Curt não deseja perder seu privilégio como um homem branco e rico para que pessoas negras como Ifemelu sejam tratadas de maneira equânime.

As atitudes de Curt em momentos como os vividos pelo casal no salão de beleza, no restaurante e na pousada causam silenciamento em Ifemelu, que define as ações do namorado como “momentos em que ele via e momentos em que não **conseguia** ver”. Ao apontar que Curt não conseguia “ver” o racismo em determinadas situações, Ifemelu posiciona-o como alguém que não age propositadamente, mas que não tem condições ou capacidade de perceber as nuances do racismo cotidiano.

O silêncio de Ifemelu aponta para memórias coloniais sobre o uso da chamada máscara do silenciamento, peça criada por europeus e utilizada em pessoas negras escravizadas. Conforme descreve Grada Kilomba (2019[2008], p. 33), a máscara “era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas”. Kilomba

questiona o uso deste aparelho e dos efeitos causados por ele como uma metáfora sobre as relações entre pessoas brancas e negras ao longo dos séculos. Para a pesquisadora,

a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/ os ‘Outras/os’: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (KILOMBA, 2019[2008], p. 33).

Ao questionar e repreender determinadas situações como ações racistas e, em outras, desqualificar as reclamações de Ifemelu, Curt atualiza esse regime de silenciamento e encena uma performance na qual ele, como homem branco, tem o poder para determinar o que é – ou não – racismo. Como observado no excerto da narrativa destacado acima, esse silenciamento não tem responsabilidade atribuída à pessoa branca da relação, e sim a Ifemelu, como observamos no índice linguístico “Ainda assim, **escolhia o silêncio**”. Recai sobre a personagem negra a “decisão” de se manter em silêncio diante de situações em que o racismo cotidiano é exercido sobre ela. No entanto, essa ação, por vezes repetida em diferentes momentos entre o casal, é interrompida em um episódio vivenciado apenas por Curt e Ifemelu em um dia em que estão na casa da jovem:

Excerto 18 – Capítulo 31

Até o dia em que eles discutiram sobre a revista dela. Curt pegou uma edição da *Essence* da pilha que havia em sua mesa de centro, numa das raras manhãs que passaram no apartamento dela, quando o ar ainda estava espesso com o aroma das omeletes que ela fizera.

‘**Esta revista é meio racialmente tendenciosa**’, disse ele.

‘O quê?’

‘**Admita. Só tem mulheres negras aqui.**’

‘Você está falando sério?’, disse ela.

Curt ficou intrigado. ‘Estou.’

‘Vamos à livraria.’

‘O quê?’

‘Preciso te mostrar uma coisa. Não discuta.’

‘Tudo bem’, disse ele, sem saber direito o que era aquela nova aventura, mas ansioso, com seu deleite infantil, por participar dela.

Ifemelu dirigiu até a livraria na Inner Harbor, **pegou edições de todas as revistas femininas que estavam dispostas na prateleira** e levou-o até o café.

‘Quer um latte?’, perguntou ele.

‘Quero, obrigada.’

Depois que eles sentaram e puseram os copos de papel sobre a mesa, ela disse: ‘Vamos começar com as **capas**’. Espalhou as revistas sobre a mesa, colocando algumas sobre as outras. ‘**Veja, todas são mulheres brancas.** Essa aqui supostamente é hispânica, a gente sabe porque eles escreveram duas palavras em espanhol aqui, mas ela é igualzinha a esta mulher branca, não tem nenhuma

diferença no tom da pele, no cabelo, nas feições. **Agora vou folhear página por página e você vai me dizer quantas mulheres negras vê.**

‘Ai, amor’, disse Curt, **divertido**, recostando-se na cadeira e levando o copo de papel aos lábios.

‘Faça isso por mim’, pediu ela.

Então, ele contou. ‘Três mulheres negras’, disse, finalmente. ‘Ou talvez quatro. Ela talvez seja negra.’

‘Ou seja, três mulheres negras em cerca de **duas mil páginas de revistas femininas**, e todas são mestiças ou racialmente ambíguas, de modo que também poderiam ser italianas, porto-riquenhas ou sei lá. **Nenhuma tem a pele escura. Nenhuma se parece comigo, então eu não posso pegar dicas de maquiagem nestas revistas.** Olhe, este artigo diz que você deve beliscar as bochechas para ficar corada, porque supõe que todas as leitoras da revista têm uma pele que fica corada desse jeito. **Este aqui fala em produtos para o cabelo de todas — e ‘todas’ significa louras, morenas e ruivas.** Eu não sou nada disso. E este fala dos melhores condicionadores — para cabelo liso, cacheado e encaracolado. Não crespo. Está vendo o que eles chamam de cabelo encaracolado? Meu cabelo nunca fica assim. Este aqui fala de combinar a cor de seus olhos com a cor da sombra — olhos azuis, verdes e castanho esverdeados.

Mas meus olhos são negros, então eu não sei que sombras funcionam para mim. **Este diz que este batom rosa é universal, mas eles querem dizer universal se você for branca, porque eu ia parecer uma palhaça se tentasse usar esse tom.** Ah, veja, aqui temos algum progresso. Um anúncio de base para o rosto. Tem sete tons diferentes para pele branca e um tom genérico de chocolate, mas isso já é um progresso. **Agora vamos conversar sobre racialmente tendencioso. Está entendendo por que uma revista como a Essence existe?’**

‘Tudo bem, amor. **Tudo bem. Eu não sabia que ia virar essa história toda**’, disse ele.

Naquela noite, Ifemelu escreveu um longo e-mail para Wambui sobre a livraria, as revistas, as coisas que não dizia a Curt, o não dito e não terminado. Era um e-mail longo, que inquiria, questionava, revirava. Wambui respondeu, dizendo: ‘Tudo isso é tão cru e verdadeiro. Mais pessoas deveriam ler. Você devia fazer um blog’. (ADICHIE, 2014, p. 319-320, grifo meu).

Retomando o conceito de branquitude crítica apresentado por Cardoso (2008; 2014) em que o sujeito branco se comporta de maneira distinta pública e privadamente sobre o racismo, vemos, no excerto acima, mais uma vez, a ambiguidade no discurso de Curt. Se, em algumas situações, como a cena do salão de beleza, o rapaz se mostra ofendido e ultrajado pelo comportamento racista de terceiros, em momentos de interação entre ele e sua namorada, suas atitudes podem ser questionadas. No momento em que ocorre a situação narrada no excerto acima, a jovem já havia vivenciado as demais situações mencionadas e analisadas anteriormente e, além disso, assistido a aulas na faculdade que discutem a questão racial nos EUA e construído amizades com pessoas africanas que frequentam a mesma universidade. É nessa fase de sua vida e de vivência em um país norte-americano que tal diálogo com Curt acontece.

O fim do silenciamento de Ifemelu no que tange o racismo enfrentado por ela e testemunhado por Curt é provocado pela conversa “sobre a revista dela”, conforme destacamos no excerto. A revista em questão chama-se *Essence* e é conhecida no mercado editorial como a primeira revista norte-americana criada para o público feminino afro-americano. Conforme artigo comemorativo pelos 50 anos da revista presente no *site* da empresa²⁹, a *Essence* tem como objetivo, desde a sua fundação, mostrar todos os lados das experiências vividas por mulheres negras, além de empoderá-las e celebrá-las. Para isso, a revista apresenta, desde a sua capa até o seu conteúdo, imagens de mulheres negras, informações sobre cuidados com cabelos cacheados e crespos, roupas e maquiagens que valorizam a beleza da mulher negra, entre outros assuntos.

Ao se deparar com as edições de uma revista cujo foco não é voltado para mulheres brancas, Curt acusa-a de “racialmente tendenciosa”, conforme destacamos no excerto acima. Ao ser questionado por Ifemelu, Curt segue com seu posicionamento e vai além: o rapaz mobiliza, em sua performance, o discurso de racismo reverso ao exigir que sua namorada concorde com ele através do imperativo “admita” seguido da constatação de que “só tem mulheres negras aqui”. A branquitude que, como já discutimos, é relacional, é expressa a partir da definição de quem é o Outro. Para ser classificado como não branco, é preciso que haja uma fonte de comparação, uma espécie de guia regulatório ou uma definição de quem pode ser considerado a norma. A partir desse ponto, tudo que não se encaixa é considerado estranho, anormal ou errado. Dentro dessa perspectiva, ocorre a supremacia branca, que questiona e invalida tudo aquilo que não enaltece a branquitude. O racismo, segundo Kilomba (2019[2008]), existe por conta da junção entre preconceito e poder. Sendo assim, ele

é revelado através de diferenças globais na partilha e no acesso a recursos valorizados, tais como representação política, ações políticas, mídia, emprego, educação, habitação, saúde etc. Quem pode ver seus interesses políticos representados nas agendas nacionais? (KILOMBA, 2019[2008], p. 76).

Desse modo, a existência de uma revista como a *Essence* ameaça a supremacia branca e o poder exercido pela branquitude na sociedade, ação que gera desconforto e

²⁹ Para ler o artigo, acessar: <https://www.essence.com/feature/essence-50th-anniversary-legacy/>. Acesso em: 17 fev. 2023.

revolta por parte de quem historicamente se beneficia dos privilégios garantidos pela cor da pele. Apesar de se relacionar com uma mulher negra e de se considerar antirracista, Curt se sente atingido pelo fato de não encontrar mulheres brancas nas revistas de Ifemelu. Diferentemente dos eventos anteriores, nesse episódio, Ifemelu questiona-o e decide confrontar o posicionamento do namorado. Ao levá-lo a uma livraria, pegar exemplares das revistas disponíveis e indicar que as capas não contemplam mulheres negras através do índice “Veja, **todas** são mulheres **brancas**”, Ifemelu solicita ao namorado que observe o conteúdo das revistas à procura de mulheres negras. O posicionamento de ambos em relação ao assunto é divergente ao longo de toda a interação: se, para ela, observar quantas mulheres negras apareciam nas revistas era algo relevante, para ele era algo “divertido”, como destacado no excerto. Em outras palavras, para Curt, o fato de ter ou não mulheres não brancas nas revistas não seria “racialmente tendencioso”, como apontado por ele sobre as edições da *Essence*, mas irrelevante e apenas divertido.

Após folhearem “cerca de **duas mil páginas** de revistas femininas”, Curt encontra apenas três mulheres que ele considera negras, mas que Ifemelu aponta serem “racialmente ambíguas” por não terem “a pele escura”. Ao indicar que nenhuma de tais mulheres se parece com ela, Ifemelu aponta para a falta de representação na mídia de mulheres negras mais melaninadas, o que faz com que o conteúdo de tais revistas não faça sentido para este grupo de mulheres. Para justificar esse ponto de vista, a jovem elenca uma série de problemas que ela enfrentaria se tentasse seguir as dicas de beleza presentes nas revistas, tais como tons de maquiagem e produtos para cabelos crespos. Ao criticar alguns dos artigos, Ifemelu aponta para o apagamento de mulheres negras por meio da linguagem utilizada: “Este aqui fala em produtos para o cabelo de **todas** — e ‘todas’ **significa** louras, morenas e ruivas”. Kilomba (2019[2008], p. 14), ao pensar sobre o uso da linguagem como instrumento de poder, afirma que

a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana.

Ao apresentar um produto para “todas” as mulheres e desconsiderar as mulheres negras, a revista perpetua as relações de poder e violência, mencionadas por Kilomba, e encena uma performance cujo efeito é o de total apagamento da existência de pessoas não

brancas e de desumanização de todo um grupo. Mesmo diante de tantos argumentos, Curt minimiza os apontamentos de sua namorada em relação à importância da existência de revistas como a *Essence* e responde, como destacado no excerto, “Tudo bem, amor. Tudo bem. Eu não sabia que ia virar essa história toda”. A branquitude, quando confrontada sobre os privilégios que possui, tende a ridicularizar e a minimizar ações de resistência não branca. O efeito provocado por esta interação em Ifemelu é o de externar e elaborar, em palavras, as inquietações da protagonista sobre raça que foram silenciadas e reprimidas ao longo do relacionamento: “Naquela noite, Ifemelu **escreveu** um longo e-mail para Wambui sobre a livraria, as revistas, **as coisas que não dizia a Curt, o não dito e não terminado**”. Ifemelu busca a colega de faculdade Wambui, uma mulher negra e imigrante, para dizer tudo aquilo que ela julgava que Curt não compreenderia. É a partir dessa ação que surge a ideia da criação de um *blog*, que a jovem intitula “*Raceteenth* ou Observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não americana” (ADICHIE, 2014, p. 4).

O casal termina o relacionamento algum tempo depois, após dois episódios de traição: no primeiro, por parte do jovem, Ifemelu viu trocas de mensagens entre Curt e outra mulher no computador dele. Tal situação gera um desconforto entre o casal, até que Ifemelu o perdoa. Passado algum tempo, a jovem, já desinteressada no relacionamento, trai Curt com um vizinho, situação que não é perdoada por ele. Concomitantemente, o *blog* de Ifemelu rapidamente ganha notoriedade e repercussão entre pessoas negras e não negras nos EUA. É por conta dele que a nigeriana começa a receber convites para palestrar em universidades, empresas e em outros locais, geralmente administrados por pessoas brancas que a contratam para discursar em eventos sobre diversidade. As pessoas negras que acompanham seu *blog* identificam-se com as questões trazidas por Ifemelu e interagem com a autora através dos comentários. Assim, Ifemelu passa a receber pagamentos pelas publicações, parcerias e publicidades presentes em seu *site*, e essa torna-se sua ocupação profissional. Anos depois, no entanto, a protagonista decide voltar a viver na Nigéria e, com isso, o *blog* deixa de ser sua fonte de renda. Já na Nigéria e após ter reencontrado seu namorado de adolescência, Obinze, Ifemelu decide entrar em contato com seus ex-namorados americanos. Ao contactar Curt, os dois conversam mais uma vez sobre raça:

Ligou para Curt e ele pareceu animado, radiante por ter notícias de Ifemelu, e ela imaginou voltar a namorá-lo e estar num relacionamento livre de profundidade e dor.

‘Era você que mandava aquelas somas enormes que eu recebia pelo blog?’, perguntou ela.

‘Não’, disse Curt, e Ifemelu não teve certeza se acreditava ou não. ‘Ainda está escrevendo um blog?’

‘Estou.’

‘**Sobre questões raciais?**’

‘**Não, só sobre a vida.** Falar sobre **questões raciais não funciona bem aqui. Quando saí do avião em Lagos, me senti como se tivesse deixado de ser negra.**’

‘Aposto.’

Ela tinha esquecido como ele soava americano. (ADICHIE, 2014, p. 511, grifo meu).

Ao indagar Ifemelu sobre o assunto abordado por ela neste novo *blog* escrito por ela na Nigéria, Curt infere que a ex-namorada estaria escrevendo sobre o mesmo tópico: raça. Ao negar e complementar dizendo que está escrevendo “só sobre a vida”, Ifemelu rejeita a questão racial como um tópico naturalizado no cotidiano nigeriano. Ela reforça este discurso ao apontar que escrever sobre “questões raciais não funciona bem aqui”, como destacado no excerto acima. Ser negro na Nigéria, para a personagem, não é estar em posição de Outridade e, portanto, não é capaz de gerar discussões acerca do privilégio branco. Em conformidade com a performance encenada por ela na Nigéria, Ifemelu afirma: “Quando saí do avião em Lagos, me senti como se tivesse deixado de ser negra”, reforçando o que sugere Kilomba (2019[2008], p. 188): “O racismo força o sujeito negro a existir como ‘Outra/o’, privando-o de um eu próprio”. Em outras palavras, distante de um local que considera racista, Ifemelu sente-se à vontade para ser seu “eu próprio”.

Ao se relacionar com Curt, questões raciais, que até então não eram observadas por Ifemelu, começam a ser notadas por ela em situações cotidianas vividas nos Estados Unidos. A partir da observação dos excertos aqui analisados, percebemos que o namorado da jovem, um homem branco americano, se posiciona de maneiras distintas em relação ao preconceito racial sofrido por sua namorada a depender do local e das pessoas envolvidas na interação. As performances encenadas por Curt e por terceiros envolvidos em interações com o casal produzem diversos efeitos na personagem. No início do relacionamento, as memórias evocadas pelo narrador apontam para uma herança colonial encenada pelos dois. Curt, por vezes, mobiliza discursos de não concordância com o racismo, mas se contradiz ao ter seus privilégios questionados. Em suas ações, Curt

determina quais situações merecem uma reação ao racismo, como o exemplo do atendimento em um salão de beleza, e quais situações são ignoradas através da negação de que houve racismo. Esse é o caso da interação entre o casal e a tia de Curt, do restaurante que os dois frequentaram e da pousada onde ficaram hospedados. Esse relacionamento, que se inicia pouco tempo depois de Ifemelu chegar aos EUA, marca também o começo da consciência racial da protagonista que, conforme sofre ataques do racismo cotidiano, compreende como se dão as relações raciais nesse novo contexto. A partir da interação entre o casal, nota-se que Curt a indexicaliza como uma mulher exótica, diferente e que desperta curiosidade. Ao decidir quais situações podem ser consideradas racismo, Curt se posiciona como uma voz de autoridade sobre o assunto e ignora os poucos questionamentos levantados pela namorada.

Através de tais memórias construídas que observamos, percebemos que Ifemelu se silencia em diversos momentos nesta relação, evitando o confronto sobre o que ela entende como racismo. No silêncio de Ifemelu, não há concordância com as opiniões dadas por seu namorado, mas há uma conformidade com a voz de autoridade mobilizada por ele. Pode-se dizer, portanto, que, nesse momento de construção de uma performance identitária racial da protagonista, há momentos de observação de eventos racistas por parte da jovem que não necessariamente são externados por ela. É possível, ainda, destacar o excerto em que ela, após ouvir de seu namorado que a revista *Essence* era racialmente tendenciosa, decide não mais se silenciar sobre o assunto e o leva até a livraria para analisar as revistas disponíveis. Nesse momento, pode-se dizer que houve um ponto de virada na narrativa e na percepção da personagem sobre o enfrentamento às questões raciais. Vale destacar, ainda, que é por conta desse episódio que Ifemelu começa a escrever seu *blog* sobre questões raciais observadas por uma mulher negra não americana vivendo nos EUA. Sendo assim, as memórias presentes no romance sobre esse relacionamento apontam para as performances identitárias raciais que Ifemelu encena a partir das experiências e das interações vividas por ela nos EUA.

4.3 Blaine: percepções sobre raça e sobre machismo

A relação de Ifemelu com Blaine é o último envolvimento romântico da protagonista nos Estados Unidos. Ambos os personagens haviam se conhecido no trem,

conversado e demonstrado um interesse mútuo, mas sem chegar a manter qualquer tipo de contato. Anos depois, eles se reencontram em uma conferência de blogueiros negros. Tal encontro ocorre após o término do relacionamento de Ifemelu com Curt e o crescimento de seu blog “*Raceteenth* ou Observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não americana”. Os dois logo iniciam um relacionamento e, pouco depois, passam a morar juntos. Blaine, professor universitário negro e engajado na luta antirracista, é caracterizado da seguinte forma pelo narrador:

Excerto 20 – Capítulo 34

Blaine sabia tudo; ela sentia-se **intimidada** por isso, **orgulhosa** disso, e um pouco **enojada** com isso. Com ele, pequenas tarefas domésticas, realizadas em seu apartamento no vigésimo andar de um prédio alto perto do campus, tornavam-se cheias de significado. [...] Blaine corria todas as manhãs e passava fio dental todos os dias. Passar fio dental parecia a Ifemelu um hábito tão americano, deslizar um fio entre os dentes de maneira mecânica, inelegante e funcional. ‘Você devia passar fio dental todos os dias’, disse-lhe ele. **E ela começou a passar fio dental, assim como começou a fazer outras coisas que Blaine fazia** — ir à academia, comer mais proteína do que carboidratos —, e com uma satisfação agradecida, porque aquilo a melhorava. Blaine era como um tônico salutar — com ele, ela só podia habitar um nível de bondade mais alto. (ADICHIE, 2014, p. 336, grifo meu).

Nesse trecho, o leitor é apresentado a um perfil masculino distinto dos outros personagens. Em comparação à Obinze, outro homem negro com quem a protagonista se relacionou e que é caracterizado como alguém que possui conhecimento vasto sobre um único assunto (cultura americana), Blaine é visto como aquele que “sabia tudo”. Tal índice linguístico, destacado no trecho, posiciona o personagem como alguém que possui um repertório mais variado e mais rico. Os efeitos disso na personagem, como destacamos acima, são vários: o de intimidação diante de alguém que é capaz de opinar sobre diversos assuntos, o de orgulho por ser parceira de um homem visto como inteligente e culto, além do de nojo que, de acordo com o dicionário³⁰, em sentido figurado pode significar tédio ou aborrecimento. No que tange o efeito discursivo corpóreo em Ifemelu, observamos no índice “E ela começou a passar fio dental, assim como começou a fazer outras coisas que Blaine fazia”, a ação de cópia ou repetição das atitudes de Blaine. Em outras palavras,

³⁰ Para consulta, acessar: <https://dicionario.priberam.org/nojo>. Acesso em: 26 fev. 2023.

Ifemelu passa a absorver hábitos do namorado que são chancelados por ele como positivos e benéficos.

Em consonância à relevância que a palavra de Blaine tem para Ifemelu, o professor universitário começa a ler os artigos escritos pela namorada antes de serem publicados em seu *blog*:

Excerto 21 – Capítulo 34

De início, entusiasmada com o interesse de Blaine, **reverenciando sua inteligência**, Ifemelu deixava-o ler os posts antes de publicá-los. **Ela não pedia sugestões dele, mas devagar começou a fazer mudanças**, a acrescentar e remover coisas por causa do que dizia. Depois, começou a se ressentir disso. Seus posts estavam acadêmicos demais, **parecidos demais com Blaine**. Ifemelu escrevera um texto sobre os centros das cidades — ‘Por que as partes mais sujas e mal-ajambradas das cidades americanas estão repletas de negros americanos?’ — e Blaine lhe disse para incluir detalhes sobre políticas governamentais e remoções. Ela fez isso, mas, depois de reler, apagou o post. **‘Eu não quero explicar, só quero observar’**, disse.

‘Lembre que as pessoas não leem você como entretenimento, mas como uma avaliação da nossa cultura. É uma grande responsabilidade. Existem jovens escrevendo trabalhos de faculdade sobre seu blog’, disse Blaine. ‘Não estou dizendo que você tem que ser acadêmica ou chata. **Mantenha seu estilo, mas seja mais profunda.**’

‘Já sou profunda o suficiente’, disse Ifemelu, irritada, mas com a sensação de que ele tinha razão.

‘Você está sendo preguiçosa, Ifem.’

Ele usava a palavra ‘preguiçoso’ com frequência, para alunos que não entregavam os trabalhos no prazo, para **celebridades negras que não eram politicamente ativas**, para **ideias que não casavam com as suas**. Às vezes, Ifemelu sentia que era **aprendiz** de Blaine. (ADICHIE, 2014, p. 337-338, grifo meu).

Analisando os índices em destaque, nota-se que a relação entre os personagens tem papéis bem definidos que eram atribuídos e encenados por cada um. Enquanto Blaine posicionava-se como um leitor crítico capaz de apontar as falhas e as inconsistências presentes nos textos da namorada, Ifemelu se posicionava como alguém que reconhecia a inteligência de seu parceiro e a valorizava. O efeito dessa ação era o de aceitar todas as críticas e modificar seus textos conforme os apontamentos de Blaine. Nessa interação, Ifemelu se posiciona como alguém que necessita validar suas ideias e pontos de vista a partir das críticas feitas por seu namorado. Após algum tempo, no entanto, a protagonista começa a sentir um desconforto ao observar que suas publicações estão deixando de seguir o estilo narrativo construído por ela e se tornando “parecidas demais com Blaine”. Há, nessa constatação, uma substituição de elementos em seu texto que ela reconhece como seus. Ao tentar retornar ao seu estilo de escrita anterior, Ifemelu é novamente

criticada por seu namorado. Nessa interação, Blaine encena uma performance de autoridade apontada pelos índices linguísticos “Lembre que as pessoas não leem você como entretenimento, mas como uma avaliação da nossa cultura. É uma grande responsabilidade”, “Mantenha seu estilo, mas seja mais profunda” e “Você está sendo preguiçosa, Ifemlu”. Nestes enunciados, observamos que Blaine valora o trabalho de Ifemelu ao apontar que o *blog* é uma grande responsabilidade para, em seguida, determinar como ela deve agir em relação aos seus textos. Ao chamá-la de “preguiçosa”, o personagem hierarquiza a relação entre dois, a posicionando como uma pupila que, em sua opinião, não está se esforçando o suficiente. O efeito gerado em Ifemelu era o de se sentir uma “aprendiz” de seu namorado.

Em outros momentos na narrativa, as memórias sobre a relação de cada um dos personagens com questões raciais são evocadas, e estas apontam para diferentes performances, como observaremos no trecho a seguir:

Excerto 22 – Capítulo 34

Semanas antes, **uma mulher idosa e branca** que estava atrás deles na fila do supermercado disse: **‘Seu cabelo é tão lindo, posso tocar nele?’**, e **Ifemelu deixou**. A mulher mergulhou os dedos em seu afro. **Ela sentiu Blaine ficando tenso, viu a pulsação em suas têmporas. ‘Como você pôde deixar aquela mulher fazer aquilo?’**, ele perguntou depois. ‘Por que não? **De que outra maneira ela vai saber como é a sensação de tocar um cabelo como o meu?** Ela não deve conhecer nenhuma negra.’

‘E você tem que ser a cobaia dela?’, perguntou Blaine. **Ele esperava que Ifemelu sentisse o que ela não sabia como sentir**. Havia coisas que existiam para ele que ela não sabia como penetrar. (ADICHIE, 2014, p. 339, grifo meu).

Essa interação entre o casal de jovens negros e uma senhora branca, que se deu em uma situação corriqueira como a de ir ao supermercado, é lida por Blaine como um exemplo de racismo cotidiano que, nas palavras de Grada Kilomba (2019[2008], p. 224), “nos coloca de volta em cenas de um passado colonial – colonizando-nos novamente”. A imagem do negro exótico que deve ser dissecado pelo colonizador branco remonta e atualiza memórias coloniais. Para Blaine, a ação da mulher branca, ao tocar o cabelo de Ifemelu, gera o efeito de reencenar tais memórias e de posicionar a pessoa negra como um objeto a ser estudado, observado e testado. O desconforto sentido e expresso corporalmente por Blaine – “[...] Blaine ficando tenso, viu a pulsação em suas têmporas” – ao presenciar a ação realizada por uma mulher branca de tocar um cabelo afro pode ser

analisado sob o ponto de vista proposto por Kilomba em relação ao significado do cabelo para pessoas negras:

Historicamente, o cabelo único das pessoas negras foi desvalorizado como o mais visível estigma da negritude e usado para justificar a subordinação de africanas e africanos (Banks, 2000; Byrd e Tharps, 2001; Mercer, 1994). Mais do que a cor de pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravização. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de ‘primitividade’, desordem, inferioridade e não civilização. O cabelo africano foi então classificado como ‘cabelo ruim’. Ao mesmo tempo, negras e negros foram pressionadas/os a alisar o ‘cabelo ruim’ com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados ‘sinais repulsivos’ da negritude. Nesse contexto, o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os e africanos/os da diáspora. Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou ‘black’ e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. Eles são políticos e moldam as posições de mulheres negras em relação a ‘raça’, gênero e beleza. Em outras palavras, eles revelam como negociamos políticas de identidade e racismo—pergunte a Angela Davis! (KILOMBA, 2019[2008], p. 126-127).

Como nos aponta a pesquisadora, o cabelo afro é, para negros descendentes de escravos, um símbolo de resistência que foi ressignificado após séculos de escravidão. Para Blaine, um afro-americano politicamente engajado em debates antirracistas, tocar um cabelo afro é como trazer de volta a imagem de primitividade e de subserviência imputada às pessoas negras. Ter o cabelo tocado por uma pessoa branca é, nessa perspectiva, ser “cobaia” da branquitude. Blaine, portanto, encena uma performance que mobiliza uma repulsa e uma rejeição a situações de racismo cotidiano que remontam memórias coloniais. Diferentemente dele, Ifemelu não atribui à ação um caráter racista. Ao permitir que a mulher branca toque em seus cabelos, a protagonista encena uma performance que não condiz com a visão destacada por Kilomba do uso do cabelo afro como um ato político. Para a personagem, a interação entre ela e a mulher foi uma oportunidade para que a senhora branca pudesse conhecer uma textura de cabelo diferente da sua.

A falta de concordância sobre o ocorrido gera efeitos nos dois, como vemos no trecho “Ele esperava que Ifemelu sentisse o que ela não sabia como sentir. Havia coisas que existiam para ele que ela não sabia como penetrar”, destacado no excerto anteriormente. As diferentes reações sobre a mesma questão racial apontam para perspectivas distintas em relação à branquitude que podem ter explicação ao levarmos em

consideração as vivências de cada um em seus respectivos países de origem. Enquanto Blaine vivenciou experiências racistas nos Estados Unidos desde a tenra infância e carrega consigo memórias coloniais de domínio branco sobre o povo negro, Ifemelu destaca, em diferentes momentos da narrativa, ter se tornado negra apenas ao chegar aos EUA. A relação da protagonista com seu cabelo nessa interação, portanto, não carrega a mesma necessidade de afirmação e empoderamento experienciada por negros afro-americanos que vivem em uma sociedade racialmente hierarquizada.

Em outra memória construída na narrativa sobre o romance entre Blaine e Ifemelu, o professor questiona a namorada se ela estaria ciente do que havia acontecido com o sr. White, um funcionário da universidade. Sem ter conhecimento do que se tratava, Ifemelu tem um fluxo de memórias relacionadas a este senhor. A partir de tais memórias, o leitor é apresentado a algumas informações sobre o funcionário: em primeiro lugar, descobrimos que ele é um senhor idoso negro e que trabalha como segurança da biblioteca da universidade. A descrição do sr. White é complementada com a seguinte informação: “Ifemelu estava tão acostumada a vê-lo sentado, apenas um rosto e um torso, que, a primeira vez que o viu caminhando, seu andar a entristeceu: **tinha os ombros curvados, como que sob o peso de perdas prolongadas**” (ADICHIE, 2014, p. 370). Este homem, descrito como um homem negro cuja performance discursiva corpórea causa o efeito de entristecimento e pena em Ifemelu, é considerado por Blaine “um livro de história” (ADICHIE, 2014, p. 370). O namorado de Ifemelu admira o personagem e valida seu discurso como o de alguém que tem muitos ensinamentos a oferecer. As interações entre a nigeriana, seu namorado e o segurança, no entanto, se davam de outra maneira:

Excerto 23 – Capítulo 34

Ifemelu já havia falado com o sr. White algumas vezes. ‘**Ela tem uma irmã?**’, perguntava ele a Blaine, apontando Ifemelu. Ou dizia ‘**Você parece cansado, meu chapa. Alguém não deixou você dormir?**’ de uma maneira que Ifemelu considerava grosseira. Sempre que eles se cumprimentavam, o sr. White apertava seus dedos num gesto muito sugestivo e Ifemelu arrancava sua mão da dele e evitava olhá-lo nos olhos. Naquele aperto de mão havia uma atitude de posse, de lascívia, e por causa disso ela sempre sentira certa antipatia por ele, mas jamais contara isso a Blaine porque também lamentava por isso. Afinal, o sr. White era um velho homem negro maltratado pela vida e Ifemelu gostaria de conseguir passar por cima das liberdades que ele tomava. (ADICHIE, 2014, p. 370, grifo meu).

Como vemos em destaque no excerto acima, as memórias relacionadas às interações entre os três personagens apontam para uma performance machista dos homens

em questão ao falarem com e sobre Ifemelu. O segurança da biblioteca a posiciona como uma mulher sexualizada, um objeto de desejo e cuja performance afetivo-sexual com seu parceiro gera efeitos na produtividade de Blaine (“Você parece cansado, meu chapa. Alguém não deixou você dormir?”). Além disto, há, na performance discursiva corpórea do sr. White, uma “atitude de posse”, observada pela protagonista e destacada no texto acima, gerando, em Ifemelu, desconforto e “antipatia” pelo homem. Assim como em seu relacionamento com Curt, Ifemelu não compartilha com seu namorado Blaine os efeitos gerados por tal interação. Mais uma vez, a personagem escolhe se silenciar e aponta que “jamais contara isso a Blaine porque também **lamentava** por isso”. Apesar de, nessa interação, ser vítima de uma ação machista que sexualiza e objetifica mulheres negras, Ifemelu busca anular os efeitos gerados nela e substituí-los por um sentimento de pesar pelas consequências do racismo estrutural percebidas na vida do sr. White.

A não intervenção de Blaine nessa interação em que sua namorada é sexualizada por um outro homem também aponta para a performance que ele encena. Conforme Kilomba (2019[2008], p. 190),

[mulheres] negras, por não serem nem brancas nem homens, passam a ocupar uma posição muito difícil dentro de uma sociedade patriarcal de supremacia branca. Nós representamos um tipo de ausência dupla, uma Outridade dupla, pois somos a antítese tanto da branquitude quanto da masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser a/o ‘Outra/o’ e nunca o eu.

Nesse sentido, ser uma mulher preta faz com que Ifemelu esteja em uma posição hierarquicamente inferior aos homens negros que interagiram com ela no excerto observado acima. A cor de pele compartilhada pelos três personagens não a protege de ser inferiorizada e sexualizada por homens negros. Blaine, seu namorado, não repreende ou questiona a performance encenada pelo sr. White, mas corrobora as falas dele ao engajar a interação. Não obstante, sua percepção sobre o idoso não se modifica: Blaine permanece admirando o segurança. Essa performance, que está em conformidade com a manutenção da superioridade masculina em uma sociedade patriarcal, gera em Ifemelu, o efeito de silenciar-se diante do assédio.

Após o fluxo de memórias evocado pelo nome do segurança, a narrativa retoma para o momento em que Blaine conta à Ifemelu que o sr. White havia sofrido racismo na universidade em que trabalhava. Uma interação entre o segurança e um outro homem negro, que havia encontrado-o no estacionamento para lhe entregar um pacote, foi

testemunhada por outro funcionário da universidade. Este funcionário, um homem branco, afirmou ter presenciado uma cena de venda de drogas dentro do *campus* e, por conta disto, a polícia foi chamada ao local e levou o sr. White à delegacia para um interrogatório. Após concluírem que não se tratava de venda de drogas, a polícia o liberou e o senhor voltou ao seu posto de trabalho. A universidade, por sua vez, tratou o episódio como um mal-entendido, sem tomar nenhuma medida contra a acusação. Revoltado com este desfecho, Blaine decide organizar, junto com seus alunos, um protesto em defesa do sr. White. É nesse contexto que a seguinte memória é atualizada pelo narrador:

Excerto 24 – Capítulo 34

Na manhã seguinte, antes de sair para o trabalho, Blaine disse: ‘Vou dar aula direto

hoje, **então vejo você na biblioteca**, está bem? Mande uma mensagem de texto quando estiver indo para lá’.

Eles não haviam discutido aquilo. Blaine simplesmente presumira que Ifemelu estaria lá, e por isso ela disse: ‘**Tudo bem**’.

Mas ela não foi. E não tinha esquecido. Talvez Blaine a tivesse perdoado com mais facilidade se Ifemelu tivesse simplesmente esquecido; se estivesse tão absorta lendo ou escrevendo no blog que o protesto tivesse desaparecido de sua mente. Mas ela não esqueceu. **Apenas preferiu ir ao almoço de despedida de Kavanagh em vez de ficar parada diante da biblioteca da universidade segurando um cartaz.** (ADICHIE, 2015, p. 372, grifo meu).

Ao presumir, como destacado nessa memória, que Ifemelu faria parte do protesto em favor de um homem negro vítima de racismo, Blaine a posiciona como uma mulher negra socialmente engajada na luta antirracista. A ação de definir um ponto de encontro antes do início do protesto não oferece à Ifemelu a possibilidade de escolha, ou seja, a decisão foi tomada unilateralmente pelo professor. Mais uma vez, observamos Blaine performar machismo em seu relacionamento ao desconsiderar a possibilidade de sua namorada ter uma opinião diferente da sua em relação ao protesto. Como efeito, Ifemelu verbaliza concordância com o proposto ao enunciar “Tudo bem”, evitando confrontar os planos de Blaine e se silenciando novamente. Nesse excerto, no entanto, a personagem quebra com essa conformidade através de sua performance discursiva corpórea, cuja ação foi a de ir a outro evento no horário do protesto. Vale destacar que, enquanto o protesto era significativo e relevante para Blaine, Ifemelu definiu o ato de maneira distinta: “(...) ficar parada diante da biblioteca da universidade segurando um cartaz”. Percebemos, portanto, que, apesar de o casal ser composto de duas pessoas negras, ambos lidam com a questão racial de formas distintas, ainda que tais divergências não sejam abertamente debatidas por eles.

Para justificar sua ausência no protesto, Ifemelu mente ao dizer que ficou ocupada com seu *blog* e esqueceu do evento. No dia seguinte, Blaine retorna da universidade e confronta a namorada sobre sua mentira:

Excerto 25 – Capítulo 34

Ele chegou no dia seguinte e fitou-a, **um olhar cheio de raiva que parecia metálico**, e disse: ‘Você mentiu’. A frase foi dita com um horror que a deixou perplexa, como se Blaine nunca tivesse considerado a possibilidade de ela mentir. **Ifemelu teve vontade de dizer: ‘Blaine, as pessoas mentem’**. Mas disse: ‘Desculpe’. [...]

‘**Você sabe que não basta escrever um blog, tem de viver como se acreditasse nisso. Aquele blog é um jogo que você não leva a sério de verdade**, é como escolher uma optativa noturna interessante para completar seus créditos.’

Ifemelu reconheceu, no tom de Blaine, **uma acusação sutil**, não apenas de preguiça, de falta de zelo e convicção, **mas também de africanidade; ela não tinha ficado furiosa o suficiente porque era africana, não afro-americana**. ‘É injusto você dizer isso’, protestou ela. Mas Blaine tinha virado as costas para ela, gélido, em silêncio.

‘Por que você não conversa comigo?’, perguntou Ifemelu. ‘Não entendo por que isso é tão importante.’

‘Como você pode não entender? É o princípio da coisa’, disse Blaine e, **naquele momento, ele se tornou um estranho para ela**.

‘Sinto muito mesmo’, disse Ifemelu. (ADICHIE, 2015, p. 373-374, grifo meu).

A partir da memória narrada acima, podemos observar algumas performances realizadas pelos personagens. Blaine, ao encarar sua namorada, performa o sentimento descrito pelo narrador como raiva corporalmente. Como efeito, a protagonista, mais uma vez, pensa em oferecer ao namorado uma determinada resposta (“as pessoas mentem”), mas evita um possível confronto e se desculpa por sua mentira. Blaine prossegue na interação acusando-a de não dar a devida importância à temática antirracista em situações do dia a dia. O professor, desse modo, avalia e critica as ações de sua parceira tal qual o faz com seus alunos da universidade. Ao definir o trabalho de Ifemelu e seu *blog* como um “jogo” que ela “não leva a sério”, Blaine (des)qualifica a profissão da namorada discursivamente e se posiciona como uma voz de autoridade superior à jovem e capaz de conceituar e julgar suas ações.

Nesse excerto, destaca-se também a perspectiva de que as pessoas negras têm sempre que estar envolvidas na luta antirracista e em debates raciais. Como efeito da crítica de Blaine à Ifemelu, a personagem aponta que isso ocorreu, também, por conta de sua nacionalidade. Ser africana, na concepção de Blaine, não apresenta a mesma carga social e histórica experienciada por pessoas afro-americanas. Participar da despedida de um professor da universidade era, para ela, um evento com maior relevância em

comparação a participar de uma manifestação diante da biblioteca em favor de um homem que a assediou verbalmente. Blaine, que iniciou a interação acusando-a de mentir, decide, em determinado momento da conversa, encerrar a discussão. Essa ação é performada corporalmente (“tinha virado as costas para ela, gélido, em silêncio”), sinalizando a Ifemelu que, nesta relação, ele detém o poder de iniciar e de encerrar as interações entre os dois. Ao sinalizar seu descontentamento com a atitude de Blaine, Ifemelu recebe uma resposta do parceiro que a faz o observar de maneira distinta (“naquele momento, ele se tornou um estranho para ela”). Se, no início do relacionamento, Ifemelu o admirava por sua inteligência, eloquência e conquistas profissionais, neste momento da relação, a protagonista passa a experienciar um distanciamento entre ela e seu parceiro.

Em suma, nos excertos analisados anteriormente em que são destacadas memórias de interações entre o casal, observamos conversas e posicionamentos distintos sobre a luta antirracista. A princípio, a eloquência, a inteligência e o interesse em cuidar da saúde física e mental performados por Blaine causam o efeito de admiração por parte da namorada. No entanto, com o passar do tempo, são essas performances que começam a incomodar Ifemelu à medida em que essas características em Blaine têm mobilizado outros efeitos na jovem. Dentre tais efeitos, destacam-se, nos excertos, as mudanças de hábitos alimentares e de exercício físico que o homem sutilmente impõe à Ifemelu, além das modificações sugeridas por ele nos textos que a nigeriana escrevia para publicar em seu *blog*. Aos poucos, Ifemelu começa a notar os ideais construídos por Blaine e indexados a ela. Observando as memórias presentes no romance sobre essa relação, nota-se um crescente desconforto em Ifemelu sobre tais performances atribuídas a ela. Similarmente à sua reação nos relacionamentos anteriores, diante dos posicionamentos de autoridade e de superioridade de Blaine, Ifemelu se silencia e evita confrontos.

Os episódios de interação entre o casal e o sr. White, que objetifica e sexualiza Ifemelu abertamente, conformam a performance machista mobilizada por Blaine. A discussão que ocorre após a não participação de Ifemelu em um protesto em favor deste senhor pode ser caracterizada como outro ponto de virada para a protagonista. Diante das atitudes de seu namorado observadas e analisadas anteriormente, Ifemelu desconstrói toda a imagem que havia criado sobre quem era seu parceiro e o considera, a partir dali, um estranho. Por fim, vale destacar que Blaine indexa à Ifemelu o não pertencimento às

questões raciais vividas e discutidas pelos afro-americanos. O professor aponta, em seu discurso, que ela não sabe o que é ser uma negra americana por ser africana e que é por isto que eles agem de formas distintas em relação ao racismo. A crítica feita por Blaine minimiza o trabalho que a namorada desenvolvia em seu *blog*, ao posicioná-la como alguém que não é capaz de compreender e, portanto, de falar sobre questões raciais nos EUA.

Ao longo do romance, destaca-se, nas memórias das interações, que entre Ifemelu e Obinze, Curt e Blaine, independentemente do local, da faixa etária, da classe social e do nível de educação formal, comparecem performances machistas. Essas performances geram efeitos em Ifemelu, como vimos nos excertos, e indexam à personagem uma posição de inferioridade dentro das relações afetivo-sexuais que ela construiu com estes homens. No que tange os relacionamentos com os homens americanos, Curt e Blaine, além do machismo, observam-se questões relativas à raça. Enquanto Curt, como um homem branco, relativiza as experiências de racismo cotidiano vividas por Ifemelu e ignora o desconforto dela nessas situações, Blaine julga e minimiza a perspectiva da namorada sobre raça devido à sua nacionalidade. As interseccionalidades presentes em cada relação têm, por vezes, o efeito de silenciar a protagonista. Ifemelu, no entanto, encontra, em algumas dessas experiências, formas de subverter as performances indexadas a ela e, em situações de ponto de virada, ressignifica sua trajetória.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, dividida em cinco capítulos, debatemos o racismo e suas interseccionalidades com categorias como gênero e classe social nos contextos brasileiro, norte-americano e nigeriano. Observamos, assim, que o ódio é discursivizado e que a literatura pode atuar socialmente como uma das formas de resistir e de ressignificar as histórias de pessoas negras. Dentre os diversos autores africanos de diferentes nacionalidades que têm usado a literatura para contar outras histórias sobre a negritude, destaca-se Chimamanda Ngozi Adichie, romancista e contista nigeriana contemporânea que aborda, em seus textos, temáticas como feminismo, racismo, diferenças culturais e tradições.

A introdução deste trabalho, além de debater as questões acima expostas, também apresentou os motivos pelos quais o romance “Americanah”, traduzido para o português e aqui publicado em 2014, foi escolhido como objeto de estudo. Como recorte de pesquisa, decidiu-se analisar capítulos do romance em que comparecem memórias da protagonista e de seus relacionamentos afetivo-sexuais ao longo de sua vida adulta. Diante disto, observamos interações entre Ifemelu e Obinze, Curt e Blaine para investigar quais performances são indexadas a ela e se as memórias construídas sobre essas relações conformam tais performances.

Para embasar as análises, o capítulo dois destinou-se a apresentar uma revisão bibliográfica das teorias aqui utilizadas. Partimos do pressuposto de que a linguagem é uma ação, conforme apontou J. L. Austin (2007). Judith Butler (2003), ao discutir a teoria de Austin, debate a característica performativa da linguagem, visto que ela produz efeitos no meio social. Para James Collins (2020), a linguagem tem, também, um caráter indexical. Além dessas teorias, nos ancoramos nos conceitos de memória cunhados por Halbwachs (1968). Para o estudioso, a memória é uma ação no tempo presente, pois se trata de uma construção que fazemos a partir da ótica do momento em que recordamos e, por conta disto, está em constante modificação. O romance aqui analisado, uma narrativa ficcional, é composto de memórias da protagonista. De modo não linear, o narrador apresenta ao leitor momentos vividos por Ifemelu na Nigéria, seu país de origem, e nos Estados Unidos. Assim, também utilizamos, na análise, o conceito de narrativa como performance, conforme apontado por Catherine Riessman (2005). Segundo a

pesquisadora, a narrativa serve a diferentes propósitos e, como performance individual, pode ser utilizada pelo narrador como um recurso de lembrança, esquecimento, justificativa e persuasão.

O capítulo três, por sua vez, destinou-se à discussão da etimologia e aos desdobramentos dos conceitos de raça na história da humanidade. Foram apresentados, também, o conceito de interseccionalidade e a sua relevância para esta pesquisa. A perspectiva da pesquisadora, enquanto mulher negra brasileira, também foi explorada no texto ao discutirmos o que vem a ser mulher negra nos contextos brasileiro, nigeriano e norte-americano. No capítulo quatro, foram analisados os excertos selecionados como *corpus* da pesquisa. Nesses excertos, aparecem interações entre cada casal enquanto eles estavam sozinhos e quando havia outros personagens envolvidos na conversa, como, por exemplo, amigos, familiares e colegas de trabalho. Ao observarmos tais interações, encontramos performances machistas, racistas, que reforçam estereótipos ligados à africanidade, de exaltação à cultura americana e de depreciação da cultura nigeriana. Nessas performances, os namorados de Ifemelu a posicionam como alguém que precisa estudar e se informar mais sobre a cultura americana, que precisa se vestir de uma maneira específica para ser elogiada e admirada, que ora percebe raça em todas as situações e de forma exagerada e ora atua pouco sobre a mesma questão. Em dois momentos, ao longo de seu envolvimento romântico com cada um dos rapazes americanos, são construídos pontos de virada na percepção de Ifemelu sobre as relações construídas com esses jovens. Por fim, observa-se que é a partir dessas interações que Ifemelu constrói e reconstrói suas performances identitárias, além de se posicionar criticamente sobre raça após viver experiências racistas em um contexto diferente do de seu país de origem.

Este trabalho, que teve como objetivo analisar uma obra literária a partir de construtos dos campos de memória e de linguagem, oferece contribuições às pesquisas desenvolvidas nestas áreas, pois aborda a temática racial e suas interseccionalidades com outras categorias a partir da observação de memórias construídas na linguagem de um romance. Um dos desafios enfrentados ao longo desta pesquisa foi a própria seleção dos excertos a serem analisados, haja vista que, no romance “Americanah”, encontra-se uma gama de possibilidades de pesquisa. Outro desafio que esta dissertação apresentou foi o de realizar as análises levando em consideração três diferentes contextos: o da

pesquisadora enquanto mulher negra brasileira e os contextos nigeriano e estadunidense abordados no livro. No entanto, apesar de separados por três continentes distintos, foi possível identificar semelhanças no que tange o racismo e o sexismo. Desse modo, entende-se que, dentre as possibilidades de pesquisas futuras, é possível observar outras relações presentes no romance não discutidas nesta dissertação, como, por exemplo, com os familiares de Ifemelu. Pode-se, também, voltar o olhar para as interações entre a protagonista e as amigas que constrói ao longo de sua vida tanto na Nigéria quanto nos EUA. Por último, há a possibilidade de analisar comparativamente outras protagonistas nos demais romances de Chimamanda Adichie de forma a investigar de que maneiras elas performam raça, gênero e outras interseccionalidades.

Esta pesquisa, conforme apontado na introdução, iniciou-se a partir do meu desejo de responder a um comentário feito por um aluno sobre o fim da escravidão e, “consequentemente”, o fim do racismo. Ao completarmos, em 2023, 135 anos de abolição da escravidão no Brasil, urge, ainda, a necessidade de falar sobre os efeitos causados por quase meio século de desumanização do povo preto. Ainda que, para muitas pessoas no Brasil, como meu aluno, essa data simbolize o fim da desigualdade racial, é possível perceber diariamente, no século XXI, os efeitos que atingem corpos negros. Ao observarmos outros contextos como o da Nigéria, que até hoje tenta se estabelecer como nação após tantos séculos de violência por parte dos colonizadores, e o compararmos ao Brasil, podemos perceber pontos em comum sobre um passado de barbáries. Os Estados Unidos, por sua vez, considerados atualmente a maior potência mundial, têm, em sua fundação e em seus primeiros séculos de existência, um passado semelhante ao do Brasil no que diz respeito à exploração de mão de obra de pessoas sequestradas de suas tribos vindas de outro continente. Apesar das especificidades políticas e históricas de cada um desses países, nota-se que os efeitos causados pela escravidão são sentidos até os dias atuais, de maneiras semelhantes e distintas, pelas pessoas que neles vivem. Através desta pesquisa, foi possível discutir tais efeitos ao observarmos uma obra literária que, mesmo ficcional, aborda, nas memórias construídas na linguagem do romance, efeitos que podem nos auxiliar em discussões sobre o embate racial que vivemos nos dias de hoje.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 63 p.
- AKINYEMI, Aaron. Nigerian student in Ukraine: 'They said black people should walk'. *BBC News*. 1 mar. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/av/world-africa-60573719>. Acesso em: 19 mar. 2022.
- AKOTIRENE, Karla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaira, 2020.
- ARANSIOLA, Temitope Jane. Mulher negra africana: narrativa autobiográfica das experiências de uma nigeriana e suas relações com o feminismo negro. *Travessias*, Cascavel, v. 13, n. 3, p. 123-135, set./dez. 2019.
- AUSTIN, J. L. From the Performative to the Speech Act: J. L. Austin. In: LOXLEY, James. *Performativity*. Londres: Routledge, 2007.
- BASTOS, Liliana Cabral. Contando estórias em contextos espontâneos – uma introdução aos estudos da narrative. *Calidoscópio*, v. 3, n. 2, p. 74-81, 2005.
- BAYOUMI, Moustafa. They are ‘civilised’ and ‘look like us’: the racist coverage of Ukraine. *The Guardian*. 2 mar. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/mar/02/civilised-european-look-like-us-racist-coverage-ukraine>. Acesso em: 19 mar. 2022.
- BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 43, p. 444-474, jul./dez., 2014.
- BOUÇAS, CIBELLE. Pandemia acentuou desigualdade racial no mercado de trabalho, aponta Fundação João Pinheiro. *Valor*. Belo Horizonte, 20 nov. 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2021/11/20/pandemia-acentuou-desigualdade-racial-no-mercado-de-trabalho-aponta-fundao-joo-pinheiro.ghtml>. Acesso em: 7 ago. 2022.
- BUTLER, Judith. *Excitable Speeches*. New York: Routledge, 1997.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Lourenço. A branquitude acrítica revisitada e a branquidade. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 6, n. 13, p. 88-106, jun. 2014. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/152>. Acesso em: 17 fev. 2023.

COLLINS, J. Indexicalidades de línguas em contato em tempos de globalização: diálogos com o legado de John Gumperz. In: FABRÍCIO, Branca Falabella. *Sociolinguística Interacional: perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2020, p. 263-294.

COLLINS, Patrícia Hills; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. ePub.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244p.

ÉPOCA. 'Black Lives Matter' apoia protestos de brasileiros por morte de João Alberto. *O Globo*. 21 nov. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/mundo/black-lives-matter-apoia-protestos-de-brasileiros-por-morte-de-joao-alberto-24759405>. Acesso em: 13 mar 2022.

ESTADÃO. Movimento 'Black Lives Matter' divulga apoio aos protestos no Brasil. *Estadão*. 23 nov. 2020. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,movimento-black-lives-matter-divulga-apoio-aos-protestos-no-brasil,70003523463>. Acesso em: 13 mar 2022.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. *Homo deletabilis: corpo, percepção, esquecimento do século XIX ao XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

G1. Protestos contra a morte de George Floyd pelo mundo nesta sexta-feira. *G1*. 5 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/05/protestos-contr-a-morte-de-george-floyd-pelo-mundo-nesta-sexta-feira-5-fotos.ghtml>. Acesso em: 13 mar 2022.

GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (org.). *Sociolinguística interacional*. 2 ed. São Paulo, Loyola, p. 107-148, 2002.

GOMES, Nilma Lino. A compreensão da tensão regulação/emancipação do corpo e da corporeidade negra na reinvenção da resistência democrática. *PERSEU: História, Memória e Política*, v. 1, p. 123-142, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre as relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03*. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada

e alfabetização e diversidade, 2005, p. 39-62. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2023.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. In: DODEBEI, V.; FARIAS, F. R.; GONDAR, J. (org.). Por que Memória Social? *Revista Morpheus*. Edição Especial, v. 9, n. 15, 2016.

GRANATO, Luísa. Pesquisas mostram abismo no mercado de trabalho para profissionais negros. *Revista Exame*. 17 set. 2020. Carreira. Disponível em: <https://exame.com/carreira/pesquisas-mostram-abismo-no-mercado-de-trabalho-para-profissionais-negros>. Acesso em: 19 mar. 22.

HALBWACHS, M. *Los marcos sociales de la memoria*. Caracas: Anthropos Editorial, 2004. p. 105-138.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990

HERNÁNDEZ, Tanya Katerí. A versão brasileira da legislação Jim Crow: o projeto de embranquecimento do direito de imigração e o direito costumeiro de segregação racial: um estudo de caso. In: HERNÁNDEZ, Tanya Katerí. *Subordinação racial no Brasil e na América Latina: o papel do Estado, o Direito Costumeiro e a Nova Resposta dos Direitos Civis* [online], Tradução: Arivaldo Santos de Souza e Luciana Carvalho Fonseca. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 53-73. ISBN: 978-85-232-2015-0.

HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOROWITZ, Juliana Menasce; BROWN, Anna; COX, Kiana. Race in America 2019. *Pew Research Center*. 9 abr. 2019. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/social-trends/2019/04/09/race-in-america-2019>. Acesso em: 19 mar. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PETRÓLEO E GÁS. Maiores produtores mundiais de petróleo em 2021. *Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás*. Observatório do Setor. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.ibp.org.br/observatorio-do-setor/snapshots/maiores-produtores-mundiais-de-petroleo-em-2020/>. Acesso em: 22 jan. 2023.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LABOV, William. A Transformação da Experiência em Sintaxe Narrativa. In: BASTOS, Liliana; RIBEIRO, Branca Maria (org). *Narrativa e Interação*. Coletânea Interdisciplinar. Rio de Janeiro: Parábola, no prelo.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Os espaçotempos da narrativa como construto teórico-metodológico na investigação em linguística aplicada. *Caderno de Letras*. Pelotas, n. 40, maio-agosto, 2021.

MBEMBE, A. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, n. 32, 2016, p. 122-151.

MELO, Glenda Cristina Valim de; ROCHA, Luciana Lins. Linguagem como performance: Discursos que também ferem. In: RODRIGUES, Marílda Giselda; MELO, Glenda Cristina Valim de; et al. *Discursos: sentido e ação*, 2015.

MELO, Glenda Cristina Valim de. Performatividade de raça interseccionada por gênero e sexualidade em uma roda de conversa entre mulheres negras. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. [online], v. 60, n. 1, p. 6-15, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318139557711520210309>. Acesso em: 13 ago. 2022.

MELO, Glenda Cristina Valim de. Slave Trade Ads in the 19th Century: Textual Trajectory, Entextualization and Indexical Orders Mobilized on Contemporary Ads. *Rev. Bras. Linguíst. Apl.*, v. 19, n. 4, p. 871-900, 2019.

MELO, Glenda Cristina Valim de. Roda de conversa entre mulheres negras: performatividade de raça, gênero e sexualidade. In: MELO, Glenda Cristina Valim de; JESUS, Dánie Marcelo. *Linguística aplicada, raça e interseccionalidade na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Mórula, 2022.

MISHLER, Elliot G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: LOPES, Luiz Paulo da; BASTOS, Liliana Cabral (org.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 97-119.

MORRIS, Aldon; TREITLER, Vilna Bashi. *O estado racial da união: compreendendo raça e desigualdade racial nos Estados Unidos da América*. Caderno CRH, Salvador, v. 32, n. 85, p. 15-31, Jan./Abr. 2019.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. In A. A. P. Brandão (Org.), *Cadernos Penesb* 5, p.15-34. Niterói, RJ: EdUFF, 2004.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e sentidos*. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2019.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

NOJO. In: *Dicionário Priberam*. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/nojo>. Acesso em: 26 fev. 2023.

O.ECONÓMICO. FMI: As 5 maiores economias da África Subsaariana a ter em conta em 2023 *O.Económico*. 31 jan. 2023. Disponível em: <https://www.oeconomico.com/fmi-as-5-maiores-economias-da-africa-subsaariana-a-ter-em-conta-em-2023>. Acesso em: 2 abr. 2023.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Bazar do tempo. 2021.

PINTO, J. P. É só mimimi? Disputas metapragmáticas em espaços públicos online. *Interdisciplinar*, v. 31, p. 221-236, jan./jun. 2019.

POLLAK, M. A gestão do indizível. *WebMosaica*. v.2 n.1, p. 9-49, 2010.

PRETAS E PRETOS NO PODER. Instagram: @pretospretaspoder. Disponível em: <https://instagram.com/pretospretaspoder?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 23 jan. 2023.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala: feminismos plurais*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIESSMAN, Catherine Kohler. Narrative Analysis. In: *Narrative, Memory and Everyday Life*. University of Huddersfield, Huddersfield, p. 17. 2005.

RODRIGUES, Leonardo; MOLITERNODA, Danilo. “Minha Cor é o Brasil”, evento que negava o racismo no país, é cancelado. **CNN Brasil**. São Paulo, 15 jul. 2022.

Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/minha-cor-e-o-brasil-evento-que-negava-o-racismo-no-pais-e-cancelado>. Acesso em: 7 ago. 2022.

ROSSATTO, César Augusto. A transgressão do racismo cruzando fronteiras: estudos críticos da branquitude: Brasil e Estados Unidos na luta pela justiça racial. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 6, n. 13, p. 120-133, jun. 2014. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/154>. Acesso em: 17 fev. 2023.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and dialectics of sociolinguistic life. *Language & communication*, University of Chicago, n.23, p.193-229, 2003.

SILVERSTEIN, M. Pragmatic Indexing. In: MEY, J. (org.) *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. London: Elsevier. 2009. p. 756-759.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Branquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século XXI. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 6, n. 13, p. 134-147, jun. 2014. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/155>. Acesso em: 17 fev. 2023.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma questão teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu SILVA (organizador). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.